BIZZ

MAIO 89

GRÁTIS! FLEXIDISC DO DURAN DURAN
AO VIVO — GRAVAÇÃO INÉDITA

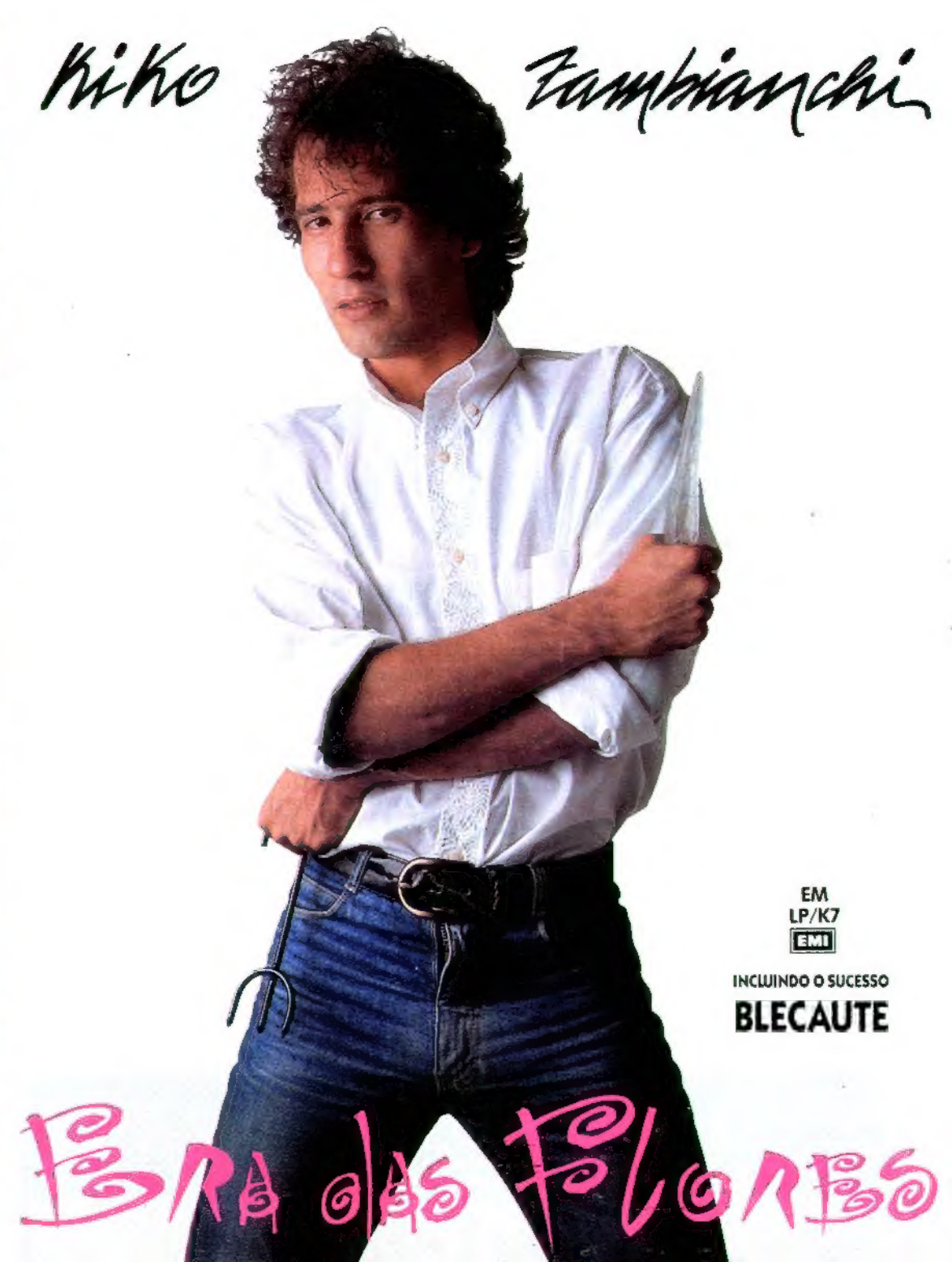
A-HA
DIÁRIO DE BORDO

DEPECHE MODE
A PRIMEIRA ENTREVISTA PARA O BRASIL

NENHUM DE NÓS A VIDA DEPOIS DE CAMILA • **PUBLIC ENEMY** O RAP DO REVIDE
REFLEXU'S NOVOS BAIANOS UNIVERSAIS • **SEPULTURA** METAL MINEIRO NOS EUA

NOEL • MOTORHEAD • UB40 • NEY MATOGROSSO • IRA! • MORRISSEY • LEGIÃO URBANA • CREEDENCE

SIMPLE MINDS
street fighting years
Londres, maio 1989 - Depois de quatro anos longe dos estúdios, o Simple Minds, uma das maiores bandas do rock britânico volta com um novo LP. Street Fighting Years pt
IMPERDIVEL !
EMI
TAMBÉM EM CASSETE


Kiko Zambianchi
EM
LP/K7
EMI
INCLUINDO O SUCESSO
BLECAUTE
FORA DAS FLORES

SHOW BIZZ

Ary Diesendruck / Azul

S.O.S. AMAZÔNIA (VEM DE LONDRES E NY)

Ressuscitando o espírito beneficente/militante que gerou os projetos **Band Aid, USA For Africa** (que culminaram no **Live Aid**, em 85) e **Sun City**, o universo pop/rock volta a se unir por uma boa causa: a preservação das florestas tropicais. Na data de fechamento desta edição, sabíamos apenas o seguinte:

(1) Já foi gravado, em Londres, no mês de março, o compacto com "Spirits of The Forest" — canção especialmente composta para iniciar o projeto — com **Sting, Chrissie Hynde, XTC, Ringo Starr, David Gilmour, Jon Anderson, Fish** e **Kate Bush**, entre outros.

(2) A versão americana, gravada em Nova York, tem a participação confirmada de **Thomas Dolby, Mr. Mister, Fleetwood Mac** e até **Ivan Lins!**

(3) Haverá uma versão brasileira, coordenada de Londres por **May East**, com a presença já confirmada de **Tom Jobim**.

UMA CURA A MENOS

Cristino / Azul

Más notícias para os fãs do Cure. Laurence Tolhurst anunciou oficialmente sua saída da banda. Lol, amigo de infância de Robert Smith e um dos fundadores do Cure (no qual já tocou bateria e teclados), participou das gravações do último LP, sintomaticamente chamado *Desintegration* — mas estará fora da turnê mundial que promoverá o disco.

Gamma Liaison / Sigla

GRAMMY AWARDS 88

A Academia de Artes e Ciências Fonográficas dos Estados Unidos realizou sua 31.ª cerimônia de entrega de prêmios em fevereiro. Mais uma vez, venceu a caretice. A inclusão de uma nova categoria, Rap, não serviu muito para livrar a barra, pois os rappers não foram convidados para as apresentações ao vivo. Os indicados **LL Cool J, Salt'n'Pepa** e o vencedor **DJ Jazzy Jeff & The Fresh Prince** boicotaram a festa. A gafe da noite ficou por conta da premiação da categoria Hard Rock/Heavy Metal. Apesar da performance vigorosa ao vivo do **Metallica**, quem arrebatou o Grammy foi **Jehtro Tull**, o velho decano dos progressivos. Nosso olheiro no Shrine Auditorium em Los Angeles, José Emílio Rondeau, conta que uivos de indignação e deboche foram a resposta nos bastidores a tal disparate.

As novatas **Toni Childs, Melissa Etheridge** e **Sinéad O'Connor** — que marcou seu protesto em relação à ausência dos rappers pintando o símbolo do Public Enemy na careca — também tiveram que engolir a fixação no passado do júri do Grammy. As três se apresentaram, mas, na hora em que o envelope foi aberto, a premiada era a veterana **Tina Turner.**

A favorita da noite, **Tracy Chapman**, teve que dividir seus louros com **Bobby McFerrin.** Tracy só levou três Grammies — Revelação, Folk Contemporâneo e Cantora Pop — das suas seis indicações. A canção de McFerrin, "Don't Worry, Be Happy", venceu "Fast Car", e seu autor ainda levou mais três premiações: Compacto, Cantor Pop e Cantor de Jazz. O melhor Disco de 88 foi para *Faith*, de **George Michael**, que não apareceu no Shrine Auditorium. Outra ausência ilustre foi a do **U2**, vencedor na categoria Grupo de Rock.

Ah, sim, o Brasil teve seu brilho na noite do Grammy. **Roberto Carlos** garantiu o título de melhor Cantor Pop Latino, mas não estava lá para levar o prêmio. **João Gilberto** disputou com McFerrin na categoria Cantor de Jazz. Indiretamente, o Brasil foi também premiado através do **Manhattan Transfer,** que foi nomeado o melhor Grupo de Jazz por seu trabalho em *Brasil*, um LP produzido por **Wagner Tiso** com canções de **Djavan, Milton Nascimento, Gilberto Gil** e **Ivan Lins.**

DESPLUGADOS

Cristino / Azul

Os grupos **Black Future** e **De Falla** não fazem mais parte do cast da BMG-Ariola. Segundo o departamento de imprensa da gravadora, as bandas não tiveram seus contratos renovados "porque não interessavam mais à companhia". Agora, o selo Plug — montado pela então RCA em 86 para abarcar as bandas de rock em ascensão — conta apenas com as bandas Hojerizah, TNT, Garotos da Rua, Engenheiros do Hawaii, Violeta de Outono e Nenhum de Nós.

A MÁQUINA ADOLESCENTE DE BOWIE

O camaleão **David Bowie** parece estar ressuscitando das trevas. No final deste mês, estará saindo lá fora o primeiro LP da banda Teen Machine — que incluirá uma regravação de "Working Class Hero", de John Lennon. Acontece que a banda é liderada por ninguém menos do que Bowie, que fez questão de omitir o seu nome nos créditos do disco.

ED MOTTA PLAGIADOR?

No final de fevereiro, *O Estado de S.Paulo*, em sua coluna social, anunciou que Ed Motta teria plagiado, em sua música "Vamos Dançar", "Same Old Grind", do grupo Omar & the Howlers, de seu LP *Hardtimes the Land of Penty*. BIZZ falou com o réu, que nos concedeu a seguinte declaração: "Plágio de funk, reggae... não existe. São estilos que não têm dono — pertencem ao mundo. As harmonias são parecidas, as melodias idem e, para variar, aqui no Brasil, como não conhecem esse tipo de música, falam em plágio. Nunca ouvi falar nesse troço *(refere-se à música "Same...")* E fico por aqui mesmo!"

Rochelle Costi / Azul

VINIL FRESCO I

Já saiu o novo single de **Morrissey.** Chama-se "Interesting Drug" ⊗ Está saindo este mês o novo LP do **PIL**, com produção de Eric Thorngren e Stephen Hague ⊗ O **Pere Ubu**, de formação nova — com a entrada do ex-tecladista do Captain Beefheart, Eric Feldman — está de disco novo: *Cloudland* ⊗ **Tina Turner** está em estúdio gravando seu próximo vinil, com produção de Dan Hartman ⊗ Está pronto o novo álbum de **Marianne Faithfull.** Chama-se *Brazing Away* ⊗ O **Adult Net**, banda paralela de **Brix Smith**, (Fall) faz sua estréia no vinil com o single "Take Me" ⊗ O percussionista do **Grateful Dead, Mickey Hart**, está organizando uma série de álbuns que documentam ritmos variados de todo o mundo. *The World* inclui gravações de pigmeus africanos, cantores esquimós e ritmos tradicionais da Austrália, entre outras preciosidades ⊗ Está saindo nos Estados Unidos a versão CD de *Pet Sounds*, dos **Beach Boys** ⊗ Enquanto preparam um novo LP, os **Stranglers** lançam uma coletânea de compactos.

SHOW BIZZ

Ney Tavares/Azul

SIMON ATACA NOVAMENTE

Quem esteve por aqui no mês de março em busca dos cobiçados "ritmos brasileiros" foi o norte-americano **Paul Simon**, que veio gravar as bases para três faixas do seu novo LP. Nas gravações, ele contou com a ajuda do produtor **Mazzola** — autor das três bases citadas — e do grupo mineiro **Uakti**, que emprestará ao compositor sua sonoridade única conseguida com instrumentos anticonvencionais, criados a partir de tubos de PVC, caixas de madeira e outros materiais.

Divulgação/WEA

CULT NO BRASIL???

No momento em que fechávamos esta edição, estava sendo cogitada a vinda do **Cult** à América do Sul ainda este ano — como parte da turnê de lançamento do novo LP da banda, *Sonic Temple*. Caso isso aconteça, poderemos ver o Cult em sua nova formação: ao lado de Ian Astbury, Billy Duffy e Jamie Stewart, estão agora Matt Sorum (bateria) e Mark Taylor (teclados).

LINHA DIRETA COM SEU ÍDOLO

Ron Wertsen/LFI

Uma nova moda está em voga nos Estados Unidos: linhas telefônicas do rock, que oferecem mensagens gravadas pelos artistas para os seus fãs — pelo preço módico de dois dólares e meio por chamada. Por enquanto, quem mais lucrou com a história foi a dupla de rappers **DJ Jazzy Jeff e Fresh Prince**: sua linha, inaugurada em junho do ano passado, já rendeu mais de quatro milhões de dólares. Outros que entraram na onda foram **Ozzy Osbourne, Lita Ford e Kiss.** A idéia, porém, não é nova: há quatro anos **Frank Zappa** mantém sua linha — cobrando os preços normais de uma ligação telefônica.

A GUERRA SANTA NO MUNDO POP

A polêmica em torno do livro de **Salman Rushdie**, *Os Versos Satânicos*, teve sua repercussão no mundo pop. **Cat Stevens**, que cantava baladas pacifistas nos anos 70 e há doze anos se converteu ao islamismo e adotou o nome de Yusuf Islam, deu uma declaração apoiando a ordem do aiatolá **Khomeini** de assassinar o escritor. Em resposta, fãs do ex-cantor tomaram de assalto o estacionamento da Tower Records em Los Angeles e quebraram centenas de discos de Stevens. Na entrevista, ele disse que a palavra de Khomeini era lei e, como tal, deveria ser cumprida a risca.

Indiretamente, a banda de heavy metal **W.A.S.P.** também foi afetada. A capa de seu próximo álbum, *The Headless Children*, que tinha fotos do líder líbio Khadafi e do aiatolá, foi censurada.

Divulgação/EMI-Odeon

O PECADO DE MADONNA

Madonna voltou à cena acompanhada de um rosário de proibições. Primeiro, o clip de "Like a Prayer" foi proibido na Itália. Aqui no Brasil, a Rede Globo o vetou a pedido da CNBB. A Rede Manchete chegou a apresentá-lo mas levou chumbo grosso no dia seguinte. O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, solicitou a proibição ao ministro da Justiça e ao proprietário da Manchete, **Adolpho Bloch**. O ministro alegou que a lei de censura ainda não está regulamentada, mas Adolpho Bloch garantiu que o clip não será mais exibido. A última proibição foi da Pepsi, que tirou do ar na MTV a propaganda que contém trechos do clip.

Divulgação/WEA

LEGIÃO E LOBÃO NAS TELAS

Celso/Azul

"Faroeste Cabocio" vai virar filme. A saga de João de Santo Cristo será transformada em longa-metragem pelo diretor **Maurício Farias**, com roteiro de **Ricardo Linhares, Hermano Vianna e Renato Russo**, autor da letra. Também cobiçado pelo cinema, **Lobão** poderá encarnar tanto um mergulhador em *Atlantis*, de **Chico de Paula**, quanto o personagem de *Boca de Ouro* (de Nélson Rodrigues) — um traficante, na adaptação do diretor **Walter Avancini.**

SIGUE SIGUE NO BRASIL

Estávamos fechando esta edição quando um telefonema de Londres avisou: o Sigue Sigue Sputnik desembarca no Brasil na segunda metade deste mês

POUCAS & BOAS

Bono está prestes a se transformar num homem de TV. Isso caso seja aceito o pedido da banda para adquirir um canal independente da TV irlandesa. ⊗ **Brian Eno** poderá ser o primeiro não russo a produzir um disco na União Soviética. Ele pretende trabalhar com a banda Zvuki Mu ⊗ **Miles Davis** não está com Aids. Seu empresário, Peter Shukat, desmentiu os boatos de que Davis havia contraído a doença através de uma agulha usada para injetar heroína ⊗ *He's a Rebel* é o nome da biografia recém-lançada de **Phil Spector.** O autor é Mark Ribowsky ⊗ Foi anunciada em março a fusão dos grupos **Time** e **Warner.** Agora, a associação Time/Warner é a mais poderosa dos EUA no ramo editorial e de entretenimento ⊗ O mês de fevereiro registrou duas perdas para o pop: **Vincent Crane**, integrante da última formação de **Dexy's Midnight Runners**, e **Paul Robi**, dos **Platters.**

Paulo Santos/Abril

PERDIDO NA SELVA

Em sua recente passagem pelo Brasil, Sting acabou provocando a desconfiança dos índios com relação ao seu apoio. A conversa antecipada com o presidente Sarney, e o fato de um pronunciamento do cantor a respeito da construção de usinas hidrelétricas na Amazônia foram as causas do desentendimento. O cacique Paulinho Paiacã, líder da tribo dos caiapós, chegou a perguntar: "O que você veio fazer aqui? Veio nos apoiar ou só aparecer?", comentando ainda que Sting "é uma estrela que perdeu a luz".

Depois do passeio na selva, o filantrópico roqueiro partiu, junto com Phil Collins, rumo às areias do Saara, a fim de apoiar as vítimas da fome e da guerra na Etiópia, levando consigo 750 picadas de mosquito (segundo a agência France Press, ele próprio os teria contado).

DRUGS'N'ROSES

Numa bombástica entrevista à revista americana *Rip*, *Axl Rose* (Guns'n'Roses) declarou ter ficado uma semana inteira tomando heroína e ouvindo Led Zeppelin. "Foi ótimo", acrescentou. A banda americana, que seria a grande atração de um concerto em benefício das pesquisas sobre a Aids no dia 8 de junho, acabou sendo vetada pelo patrocinador do evento. O motivo foram as letras do grupo, classificadas como "anti-gay" pela Associação dos Homossexuais de Nova York. O maior problema está em "One in a Million", que usa um termo degradante para se referir aos homossexuais e insinua que eles "espalham doenças".

A TURNÊ DO NEW ORDER NO BRASIL

Eurico Salis/Azul

SHOWBIZZ

O **New Order** apreciou bastante sua turnê pelo Brasil. É o que transparece na entrevista que **Peter Hook** concedeu à revista francesa *Best*. "Foi genial!", disse Hooky à repórter. "Em três noites nós tocamos para um público mais numeroso do que jamais o fizemos na Inglaterra. O Brasil é uma sociedade bastante injusta. Nós tocamos para vinte mil pessoas que podiam pagar, mas se tivéssemos feito um concerto gratuito teríamos tocado para 150 mil pessoas. Mas, infelizmente, isso não foi possível." Hook também disse que adoraria, agora, tocar na Alemanha Oriental e nos países do Leste europeu.

HERMETO PASCHOAL

SOM DA GENTE EM NOVA YORK

Com organização americana mas flexibilidade brasileira, a gravadora **Som da Gente** fez no Town Hall (Nova York), um bem-sucedido par de shows como cartão de visitas de seu elenco de músicos. Os dois concertos, precedidos de ampla cobertura da imprensa nova-iorquina, reuniram **Hermeto Pascoal, Cama de Gato, Grupo D'Alma** — que se reagrupou especialmente para o evento —, **Amilson Godoy** e **Oimir "Alemão" Stockler.**

O imprevisível Hermeto foi responsável pelos momentos mais inusitados. No sábado, ele abandonou o palco no meio do set, pois os contratos não permitiam que sua improvisação se estendesse *ad infinitum*.

Os discos da Som da Gente estão sendo distribuídos, título por título, através de lançamentos individuais. **André Geraissati** e **Rique Pantoja** (ex-D'Alma), por exemplo, estão sendo lançados por selos de música instrumental da WEA. Mas, como resultado dessa mostra, há a possibilidade de um importante contrato entre o selo paulista e uma distribuidora de maior porte.

MAIO 89

Foto da capa: WEA

Suíte 5029 do Hilton Hotel de Londres, 8 de fevereiro de 89. Enquanto toma um café, Andrew Fletcher — Fletch para os íntimos — bombardeia nossa correspondente, Anamaria G. de Lemos, com perguntas sobre o Brasil e conta da vontade que o Depeche Mode tem de tocar aqui. Estávamos na rota da última turnê mundial do quarteto, mas algo deu errado... Segue-se uma grande entrevista, a primeira do grupo para BIZZ, enriquecida com um breve histórico da banda. Para todos os leitores que pediram o Depeche dedicamos a capa desta edição.

Duncan Chapin

Opa! Esta edição está tão recheada que é difícil saber por onde começar... Pois bem, a honra caberá ao **Public Enemy**, os rappers mais mal encarados do planeta. **Pepe Escobar** telefonou para Chuck "Voz do Apocalipse" D. Segura que lá vem bomba! ⊗ Na Bahia, **Hagamenon Brito** encurralou a **Banda Reflexu's** para descobrir quais são os mistérios por detrás do sucesso estrondoso destes novos baianos ⊗ Tudo bem, todo mundo conhece "Silent Morning", mas quem sabe realmente qual é o do **Noel? Marcelo Fetterman** foi investigar o assunto durante a breve passagem do porto-riquenho pelo Brasil ⊗ **Hit absoluto de 88, "Camila, Camila" esteve entre as cinco melhores músicas na votação dos leitores. Sônia Maia** foi perguntar ao **Nenhum de nós** quem é essa mulher ⊗ Mais lenha na fogueira da polêmica das "bandas de críticos". **Bia Abramo** constatou que o **Maria Angélica** só tem uma coisa que as outras bandas não têm: um vocalista que ganha a vida escrevendo ⊗ Lá de Minas, pela pena afiada de **Arthur G. Couto Duarte** vem uma radiografia do **Sepultura**, o quarteto de **death metal** que se prepara para invadir a praia dos gringos ⊗ No setor "Segunda Parte", continua a saga da **Legião Urbana** e a **História dos Quadrinhos** ⊗ O **Ao Vivo** vem com as ilustres visitas de Noel, **Motorhead** e **UB 40**, além de **Picassos Falsos, Ira! Ney Matogrosso** e a segunda edição do **Rock Conexão Brasil.**

George Rosenberg/Azul

SHOWBIZZ ____ 4
VITRINE VIVA ____ 10
PARADA ____ 14
DEPECHE MODE por Anamaria Lemos ____ 16
REFLEXU'S por Hagamenon Brito ____ 22
SEPULTURA por Arthur G. Couto Duarte ____ 26
MARIA ANGÉLICA por Bia Abramo ____ 30
NENHUM DE NÓS por Sônia Maia ____ 32
NOEL por Marcelo Fetterman ____ 36
PUBLIC ENEMY por Pepe Escobar ____ 38
LEGIÃO URBANA, PARTE II por Sônia Maia ____ 42
A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS, PARTE II por Marcel Plasse ____ 52
CABRA CEGA Edgard Scandurra ____ 55
AO VIVO ____ 56
DISCOS Lou Reed, Art of Noise, Syd Barret, Cazuza ____ 67
LETRAS "The Last of the Famous International Playboys", Morrissey ____ 78
CARTAS ____ 80
DISCOTECA BÁSICA *Willie and the Poor Boys*, Creedence Clearwater Revival ____ 82

VITRINE VIVA

Mick Jones, Leo E-Zee, Kill Williams, Greg Roberts, Dan Letts e Don Letts

Depois da *bad trip* pela qual passou o **BAD**, com o guitarrista Mick Jones contraindo uma forte pneumonia, parece que o grupo prepara-se para detonar o seu rock'n'roll/funk/rap mais uma vez, através de um novo álbum (ainda sem título) e excursões. Foi o que informou o letrista/vocalista **Don Letts** em papo exclusivo com BIZZ, diretamente da casa de seu colega convalescente: "Mick Jones andou bastante doente e quase morreu, mas já está bem melhor. Esta foi a razão pela qual decidimos gravar um novo disco, já que não pudemos promover o anterior *(Tighten Up Vol.'88)* de forma adequada. Assim que Mick estiver totalmente recuperado, vamos entrar em estúdio para gravar este novo LP e voltar às turnês". Sobre o álbum *Tighten Up Vol.'88*: "Penso que este disco foi o mais completo que fizemos até hoje. Ele juntou os boas qualidades de nossos dois primeiros LPs, mas desta vez conseguimos organizar as idéias de modo mais eficaz. Acho que isso ficará ainda mais claro no próximo disco". Porém, ao ser inquirido sobre se o desenho da capa de *Tighten Up...*, de autoria do ex-clash Paul Simonon, seria um indício de uma eventual colaboração musical com a banda — a exemplo de Joe Strummer, que co-produziu e co-assinou boa parte do material do segundo LP do BAD —, Letts foi categórico: "Nós todos somos bons amigos, mas a participação de Strummer não foi planejada. Aconteceu por um erro do acaso e só se repetirá, tanto com ele como com Paul Simonon, se cometermos outro erro". Sobre a *tournée* brasileira do grupo em 1987: "Foi uma temporada muito curta, que não pudemos aproveitar ao máximo, mas as pessoas que conhecemos e o entusiasmo do público foram muito inspiradores para nós". E arrematou: "Esperamos voltar tão cedo quanto possível, acredite, e quando voltarmos vamos querer passar mais de dez dias por aí".

Luiz Rasta

Richardo Siqueira/Fotorama

A Baixada Fluminense tem muito em comum com os guetos de Kingston, na Jamaica — as favelas, a pobreza e a música. A concentração de bandas de reggae de lá só perde para a Bahia. Existe mais de uma dezena de nomes, como Lumiar, KMD 5, Ubandu do Reggae. Muitos outros nomes vindos de outras partes da cidade completam o cenário reggae do Rio: Dom Luiz Rasta & Banda Erva Santa, Sombras que Surgem, Quarto Crescente e os cantores Nabby Clifford e Mac Donnys.

Em fevereiro último, aconteceu o I Encontro de Música Negra da Baixada, em que tocaram Lumiar e Dom Luiz Rasta, para promover o trabalho das bandas da comunidade. Como os grupos jamaicanos, o reggae carioca alia letras de forte teor crítico a um ritmo superdançante e para cima.

DJ Marlboro

R. da Azul

Pela primeira vez, os melhores DJs do país se enfrentaram num campeonato. Os *kids* do vinil tiraram faíscas do palco do Projeto SP no último dia de fevereiro. A promoção, do DJ Club do Brasil, levou o vencedor a Londres, como representante do Brasil num campeonato internacional (22 países) de DJs, entre 12 e 14 de março. O vencedor da final brasileira foi o único DJ carioca do evento: Marlboro, que quase não participou do concurso por não dispor de toca-discos para ensaiar. Na hora, tocou até com o pé. Apesar de sua boa apresentação em São Paulo, em Londres Marlboro não passou das eliminatórias. Quem levou a final foi o DJ Cutmaster Swift, da Inglaterra. O júri — composto por feras como Tim Simenon, do Bomb the Bass, e Russell Simmons, produtor da Def Jam — o escolheu entre nove candidatos.

Também foram premiados os melhores nomes da *dance music* de 88: Mica Paris (cantora), Yazz (revelação), Pet Shop Boys (grupo), Public Enemy (grupo de rap) e Coldcut (produtores).

Cath Carrol

Cicliano/Azul

Imaginem um LP produzido por dois ingleses especialistas em *house music* com percussão brasileira. Pois foi esse o disco que **Cath Carrol**, cantora e ex-crítica do *New Musical Express* ,e o dupla de produtores **Fon Force** (Mark Brydon e Sim Lister), que já trabalharam com o Cabaret Voltaire, Yozz e Psychic TV, vieram fazer em São Paulo.

Cath, ex-vocalista da banda independente Miaow, ficou tão surpresa com os resultados das gravações com os brasileiros — **Osvaldinho da Cuíca, Silvano Michelino, Balto, Fred** e **Jorginho Cebion** (percussão), **Dirceu Medeiros** (bateria), **Antenor Gandra** (guitarra) e **Vicente Salvia** (piano) — que pretende substituir quase todas as bases pré-gravadas na Inglaterra pelo material obtido aqui. Brydon diz que o LP (a sair pela Factory), será de "*pop-dance-music* com sabor de Brasil".

Divulgação

Há mais de dez anos que **Júlio Reny** e sua banda **Expresso Oriente** levam suas canções de amor e tristeza para os palcos e FMs do Sul. Apesar de seu sucesso local, seu único registro em vinil é na coletânea *Rock Grande do Sul*. A banda, formada por Carlos Magno (bateria), Jimi Joe (guitarra), Carlos Pianta (baixo), Vasco (sax alto) e, é claro, o vocal e a guitarra de Júlio, pretende lançar um disco até o final do ano pela SBK Discos.

Júlio Reny e o Expresso Oriente se preparam para expandir seus domínios. Recentemente se apresentaram no AeroAnta, em São Paulo, e, apesar da concorrência difícil com a volta do Gueto aos palcos no mesmo dia, contagiaram o público com o ritmo efervescente do seu maior hit, "Expresso do Oriente". *Que venga el Julio!*

Os Anos 90 Vêm Aí. De Camiseta Hering.

DESCULPA, TIO. MAS A IDÉIA É FAZER TUDO DIFERENTE. A GENTE APRENDEU MUITO COM TODOS VOCÊS, PODE CRER. MAS ALGUMAS COISAS PRECISAM MESMO MUDAR E O SENHOR SABE DISSO. NO DIA EM QUE A GENTE ESTIVER AÍ NO SEU LUGAR, NINGUÉM VAI MAIS TRABALHAR FEITO UM LOUCO, TODO ENGRAVATADO, SEM TEMPO PARA CURTIR A VIDA E OS FILHOS QUE A GENTE QUER TER. DINHEIRO É BOM, MAS SÓ QUANDO TRAZ FELICIDADE. A GENTE QUER MAIS É VESTIR UMA CAMISETA E FICAR LIVRE E SOLTO PARA SER ATÉ UM HOMEM SÉRIO NA HORA QUE PRECISAR. DESCULPA, TIO. MAS O SONHO NÃO ACABOU.

Hering

VISTA ESTE CLIMA

PARADA BIZZ

1 *MM* — **Marisa Monte** (EMI-Odeon)
2 *O Tempo Não Para* — **Cazuza** (PolyGram)
3 *Appetite for Destruction* — **Guns n Roses** (WEA)
4 *Green* — **R.E.M.** (WEA)
5 *Into the Dragon* — **Bomb the Bass** (Stiletto BMG-Ariola)
6 *Big Time* — **Tom Waits** (WEA)
7 *Wanted* — **Yazz** (Stiletto BMG-Ariola)
8 *Nouvelle Cuisine* — **Nouvelle Cuisine** (WEA)
9 *Delicate Sound of Thunder* — **Pink Floyd** (CBS)
10 *Blue Bell Knoll* — **Cocteau Twins** (Stiletto BMG-Ariola)
11 *Jack the Tab* — **Varios** (Stiletto BMG-Ariola)
12 *Fairy Tales* — **Harry** (Wop Bop)
13 *Substance* — **New Order** (WEA)
14 *Fisherman Blues* — **The Water Boys** (CBS)
15 *Introspective* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
16 *The Thieving Magpie* — **Marillion** (EMI-Odeon)
17 *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
18 *Eu Canto Samba* — **Paulinho da Viola** (RCA)
19 *Hysteria* — **Def Leppard** (PolyGram)
20 *Opel* — **Syd Barrett** (EMI-Odeon)

PARADA DO LEITOR

1 (1) *Introspective* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
2 (3) *Rattle and Hum* — **U2** (WEA)
3 (7) *Big Thing* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
4 (5) *Substance* — **New Order** (WEA)
5 (2) *Go Back* — **Titãs** (WEA)
6 (11) *Ouça o Que Eu Digo* — **Engenheiros** (BMG-Ariola)
7 (6) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (PolyGram)
8 (N) *O Tempo Não Para* — **Cazuza** (PolyGram)
9 (4) *Stay On These Roads* — **A-ha** (WEA)
10 (9) *Psicoacustica* — **Ira!** (WEA)
11 (R) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
12 (10) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
13 (N) *Dress for Excess* — **S S Sputnik** (EMI-Odeon)
14 (N) *MM* — **Marisa Monte** (EMI-Odeon)
15 (N) *DeFalla* — **DeFalla** (Plug BMG-Ariola)
16 (N) *Delicate Sound of Thunder* — **Pink Floyd** (CBS)
17 (13) *New Jersey* — **Bon Jovi** (PolyGram)
18 (14) *Faith* — **George Michael** (CBS)
19 (8) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (WEA)
20 (R) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)

Convenções

( ) Indica a posição na parada anterior
(N) Indica novidade na parada
(R) Indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (2) *Appetite for Destruction* — **Guns'n' Roses** (Geffen)
2 (1) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
3 (4) *Traveling Wilburys* — **Traveling Wilburys** (Wilbury)
4 (10) *Shooting Rubberbands...* — **Edie Brickell** (Geffen)
5 (7) *G N' R Lies* — **Guns'n' Roses** (Geffen)
6 (5) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
7 (N) *Electric Youth* — **Debbie Gibson** (Atlantic)
8 (3) *Open Up and Say... Ahh!* — **Poison** (Enigma)
9 (8) *Giving You the Best...* — **Anita Baker** (Elektra)
10 (N) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)

LPs (GB)

1 (N) *The Raw & the Cooked* — **F.Y. Cannibals** (London)
2 (N) *Mystery Girl* — **Roy Orbison** (Virgin)
3 (N) *A New Flame* — **Simply Red** (Electra)
4 (9) *Anything for You* — **Gloria Estefan & MSM** (Epic)
5 (N) *The Leggendary Roy Orbison* — **Roy Orbison** (Telstar)
6 (N) *Spike* — **Elvis Costello** (Warner Bros.)
7 (N) *Ancient Heart* — **Tanita Tikaran** (WEA)
8 (N) *Living Years* — **Mike & The Mechanics** (WEA)
9 (N) *The Marquee 30 Legendary Years* — **Vários** (Polydor)
10 (N) *Wanted* — **Yazz** (Big Life)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Technique* — **New Order** (Factory)
2 (N) *In Gorbachev We Trust* — **The Shamen** (Demon)
3 (N) *Whitey Album* — **Ciccone Youth** (Blast First)
4 (N) *Fade Out* — **Loop** (Chapter 22)
5 (N) *Hunkpapa* — **Throwing Muses** (4AD)
6 (1) *Innocents* — **Erasure** (Mute)
7 (7) *House of Love* — **House of Love** (Creation)
8 (4) *Bummed* — **Happy Mondays** (Factory)
9 (N) *Superfuzzbigmuff* — **Mudhoney** (Glitterhouse)
10 (N) *Daydream Nation* — **Sonic Youth** (Blast First)

Compactos (EUA)

1 (6) "Straight Up" — **Paula Abdul** (Virgin)
2 (7) "Born To Be My Baby" — **Bon Jovi** (Mercury)
3 (9) "Wild Thing" — **Tone Loc** (Delicious Vinyl)
4 (N) "The Lover in Me" — **Sheena Easton** (MCA)
5 (1) "When I'm With You" — **Sheriff** (Capitol)
6 (N) "Lost in Your Eyes" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
7 (5) "When the Children Cry" — **White Lion** (Atlantic)
8 (N) "You Got It" — **New Kids on the Block** (Columbia)
9 (N) "What I Am" — **Edie Brickell & The Bohemians** (Geffen)
10 (10) "All This Time" — **Tiffany** (MCA)

Compactos (GB)

1 (N) "Ballad of the Streets" — **Simple Minds** (Virgin)
2 (N) "Something's Gotten..." — **Marc Almond** (Parlophone)
3 (N) "Love Changes..." — **Michael Ball** (Really Useful)
4 (N) "My Prerogative" — **Bobby Brown** (MCA)
5 (N) "Finetime" — **Yazz** (Big Life)
6 (2) "The Living Years" — **Mike & The Mechanics** (WEA)
7 (N) "Love Train" — **Holly Johnson** (MCA)
8 (N) "Stop!" — **Sam Brown** (A&M)
9 (N) "Hold me in Your Arms" — **Rick Astley** (RCA)
10 (N) "Leave Alone" — **Michael Jackson** (Epic)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Can't Be Sure" — **The Sundays** (Rough Trade)
2 (N) "Fine Time" — **Yazz** (Big Life)
3 (3) "Fine Time" — **New Order** (Factory)
4 (8) "Destroy the Heart" — **House of Love** (Creation)
5 (1) "Crackers International" — **Erasure** (Mute)
6 (N) "Hey Music Lover" — **S'Express** (Rhythm King)
7 (N) "Dizzy" — **Throwing Muses** (4AD)
8 (N) "This Is Ska" — **Longsy D** (Big One)
9 (N) "Alive Not Dead" — **The Sun and the Moon** (Midnight Music)
10 (N) "Kansas" — **Wolfgang Press** (4AD)

Lojas consultadas **Cambio Negro** (Belo Horizonte), **Gramophone e Modern Sound** (Rio de Janeiro), **Beatos Afins, Bossa Nova, Devil Discos, Musical Box, Woodstock, Wop Bop e Yabba Dabba Doo** (São Paulo). Fonte **Billboard e Cash Box** (EUA), **Melody Maker e New Musical Express** (GB), de 4 a 23/03/89. *Para a Parada do Leitor foram consideradas as cartas recebidas até 25/03/89.*

ATAQUE FRONTAL

Lançamento

M.D.C. (LP)

MILLIONS OF DEAD COPS

INDEPENDÊNCIA OU MORTE! (LP)

Lançamento

NÃO RELIGIÃO / LOBOTOMIA / GRINDERS

CONTRA ATAQUE (LP)

COM 7 BANDAS

TAMBÉM EM CATÁLOGO:

KÃES VADIUS – "Delirium Tremens" . . . . . (EP)
MASSACRE – "From Womb to the Grave" . . . (LP)
GRINDERS – "Grinders" . . . . . (LP)
"ATAQUE SONORO" – c/10 Bandas . . . . . (LP)
KÃES VADIUS – "Psychoderma" . . . . . (LP)
VARSÓVIA – "Varsóvia" . . . . . (LP)

PREÇOS:

LP . . . . . NCz$ 7,50
EP . . . . . NCz$ 5,20

Acrescente a cada pedido NCz$ 1,50 para despesas postais.

SOLICITE TAMBÉM NOSSO CATÁLOGO INTEIRAMENTE GRÁTIS, COM MAIS DE 100 TÍTULOS E CAMISETAS INÉDITAS.

Como Comprar: Basta enviar um Cheque Nominal ou Vale Postal (Pagável na Agência Santa Cecília – Código 403911) em nome de Ataque Frontal Comércio de Discos Ltda.

ATAQUE FRONTAL – CX. POSTAL 54.217
S. PAULO-SP CEP 01296 - FONE: (011) 257 3518

O TECNO NUNCA FOI TÃO POP

FOTO: WEA

São oito anos de *Depeche Mode*. Para comemorar, Martin Gore (letrista e principal compositor), Dave Gahan (vocal), Andrew Fletcher e Alan Wylder lançam *101* — um duplo lançamento de disco ao vivo com longa-metragem, ambos registrando o centésimo-primeiro show da turnê americana de 88.

Quem conversou com *Andrew Fletcher* sobre estes oito anos de vida e sobre o novo disco/filme, foi *Anamaria G. de Lemos*, direto de Londres. Antes, porém, um breve currículo deste quarteto que faz as máquinas dançarem...

Tudo começou na cidadezinha de Basildon, no condado inglês de Essex, quando um moleque de não mais que quinze, dezesseis anos — Martin Gore, colecionador de compactos e fã roxo de Bryan Ferry — comprou um teclado.

O segundo passo foi chamar dois ex-colegas de escola — Andrew Fletcher e Vince Clarke — que dividiam seu tempo entre empregos aborrecidos e uma banda chamada No Romance In China, especializada em *covers* do Cure.

Ainda sem um nome definido, o trio foi visto por Daniel Miller — fundador do selo independente Mute — abrindo um show de Fad Gadget. Em questão de minutos, Miller tornava-se empresário dos garotos e os integrava ao elenco de seu selo. Só faltava um nome adequado e um vocalista. Dave Gahan, um ex-punk, estudante de estilismo, trouxe a voz e o nome, tirado de uma revista de moda francesa (algo como "Depressa, Moda!").

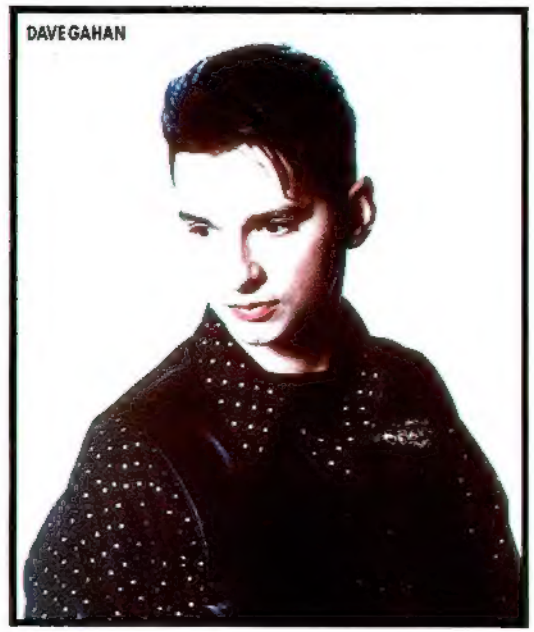
Não deu outra. Em setembro de 81, "Just Can't Get Enough" — terceiro compacto do Depeche Mode, um tecnopop dançante e envolvente em sua venenosa simplicidade — arrombava as paradas e pistas de dança de todo o continente europeu. Assim, o lançamento de *Speak and Spell* — primeiro LP do grupo — já os encontrava numa posição de sucesso garantido. Um imprevisto foi a saída de Vince Clarke, pouco antes da primeira turnê britânica, ainda em 81. Uma perda significativa, considerando-se que Clarke se revelaria um compositor de mão cheia em seus grupos posteriores: o duo Yazoo, com Alison "Alfie" Moyet, e atualmente o Erasure. Sua saída, porém, não abalou nem um pouco a ascensão do Depeche Mode, que logo encontrou um substituto — Alan Wylder — nas páginas de classificados do semanário *Melody Maker*.

A primeira turnê americana, logo após o lançamento de *A Broken Fame* (82), expandiu sua popularidade aos Estados Unidos. Aos poucos, os rumos da banda começariam a mudar — o tecnopop dando lugar às experimentações influenciadas pelo rock industrial no álbum *Construction Time Again*.

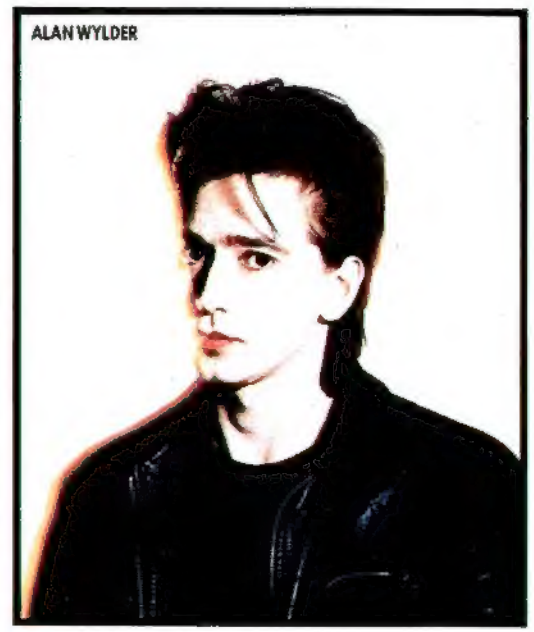
Some Great Reward (84) marcaria ainda mais a guinada de imagem do Depeche Mode. Recheado de letras polêmicas como "Master and Servant", sobre sado-masoquismo, e "Blasphemourous Rumours", uma reflexão sobre a religião a partir do suicídio de uma garota, o disco causou represálias por parte de organizações conservadoras. Wylder declararia à imprensa nesta ocasião: "nós não fazemos mais música simplesmente para dançar".

As turnês mundiais já se estendiam então ao Japão e aos países do Leste europeu. O ano de 86 trouxe *Black Celebration*, seu primeiro trabalho lançado no Brasil, um disco bastante mórbido e depressivo. No ano seguinte, o Depeche Mode gravou em Paris *Music For the Masses*, reafirmando sua intenção de fazer música pop — ou seja, para as massas — com qualidade, sem ser pasteurizada.

ANDREW FLETCHER


DAVE GAHAN

MARTIN GORE


ALAN WYLDER

BIZZ — *Por que um disco ao vivo? Seria algum tipo de retrospectiva?*
Andrew Fletcher — Não. Nunca pensamos nesse disco como marco do final de uma era, fase ou algo assim. Fizemos centenas de shows nos últimos oito anos. Só na Europa existem uns 35 discos piratas e várias fitas do Depeche Mode ao vivo. Achamos que tinha chegado a hora de lançarmos o nosso, com uma embalagem mais atraente. Não é que queiramos acabar com a pirataria, não... mas também queremos ganhar um pouco nessa.
BIZZ — *Pode não ser uma retrospectiva, mas o disco contém grande parte dos hits do grupo, de "Just Can't Get Enough" a "Strangelove"...*
Andrew — É verdade. Quando lançamos uma coletânea de nossos compactos, já faz algum tempo *(N. da R. —* The Singles, 81-85, *lançada no exterior em 85 e só editada no Brasil há poucos meses)*, sentimos que aquilo, sim, era o fechamento de um ciclo. Com *101* não sentimos isso, porque se trata de um show feito há oito ou nove meses. Durante estes últimos três meses temos nos concentrado no próximo álbum de estúdio e não temos tido muito tempo de pensar nisso. A verdade é que estamos olhando para frente e não para trás.
BIZZ — *Vamos olhar para trás um pouco, então... O que mudou nesses oito anos?*
Andrew — Ficamos mais ricos *(risos)*. É difícil dizer... Acho que como grupo nos aproximamos mais. É quase uma família, não só nós quatro, mas todas as pessoas que trabalham conosco há muito tempo. Musicalmente, acho que muitas coisas mudaram. A tecnologia evoluiu muito. O Martin (Gore) evoluiu muito como compositor, também.
BIZZ — *Como foi o processo de "crescimento" da banda, passando por tantos contextos diferentes, dos* new romantics *ao* new beat?
Andrew — No começo, nossos discos eram um pouco leves. Eles pareciam contrastar com nossas performances ao vivo, onde sempre tocamos muito alto. Os shows eram excitantes, mas quando tentávamos passar isso para o disco não funcionava e ficávamos quebrando a cabeça. Acho que depois de um tempo conseguimos, e isso foi uma mudança importante. Quanto a termos sido influenciados por coisas novas durante este tempo... acho que não aconteceu. O engraçado é que sempre tivemos que nos desculpar pela música que fazíamos no começo. Mas agora parece que estamos na moda novamente *(risos)*. E as pessoas estão ouvindo aqueles discos e dizendo: "Puxa, esse disco até que não era tão ruim assim!" *(risos)* Isso tudo é muito estranho... Estávamos acostumados com perguntas do tipo: "O que vocês fazem agora é bom, mas vocês não têm vergonha do que faziam no começo?" Não, nunca tivemos vergonha.
BIZZ — *Se esses diversos movimentos não influenciaram o som da banda, então quais as influências?*
Andrew — Nossa primeira influência foi o Kraftwerk, e em seguida o punk dos anos 70. Depois... é difícil dizer, nada de interessante surgiu nos últimos seis ou sete anos. Temos ouvido muito rock'n'roll dos anos 50 e 60, em busca de inspiração.
BIZZ — *No mundo pop, onde fica o Depeche Mode?*
Andrew — Hum... junto com Kraftwerk, New Order, Talk Talk... Nitzer Ebb, Front 242.
BIZZ — *Sem dúvida, o Depeche Mode foi em parte responsável pela ascensão do Front 242 quando convidou o grupo belga para abrir seus shows em 87. Como vocês vêem o* new beat *e todas essas bandas belgas novas, pós-242?*
Andrew — É estranho, não? *(risos)* A cena belga é estranhíssima. Nunca vendemos nenhum disco na Bélgica até uns dois anos atrás. A imprensa de lá nos critica por tocarmos música eletrônica. E de repente... fomos tocar lá e foi inacreditável! Mas o que ouvi até agora de *new beat* não me soa muito familiar. É perigosa essa rotulação. Nós nos classificamos como uma banda pop. Tenho certeza de que o Front 242 não quer ser conhecida como uma banda *new beat*.
BIZZ — *E* acid house?
Andrew — É ótimo! É ótimo para nós, porque sua base é eletrônica. É bom para dançar, é bom para discotecas. Mas não há canções, melodias. Então, é um tipo de som que jamais vai ser ouvido dentro de casa. Mas a *house* é geralmente muito empolgante. Pelo menos, é uma nova direção.
BIZZ — *Muitas pessoas vêem a música do Depeche Mode como* dance music, *no bom ou no mau sentido.*
Andrew — Não gostamos desse rótulo. A maior parte do nosso material nem é dançável. Não fazemos aquilo que é tradicionalmente chamado de dance music, como Hi-NGR, por exemplo. Fazemos música para o quarto, para a sala de estar. Se for tocada nas discotecas, ótimo. Mas nunca chegamos a entender isso.
BIZZ — *Mas a música de vocês funciona bem numa pista de dança...*
Andrew — É verdade. Mas isso coloca uma certa pressão em cima de nós, porque nem toda música que lançamos é dançável. Quando lançamos "Stripped", por exemplo, nos Estados Unidos, o disco não vendeu nada bem, porque não era dançável e grande parte da nossa popularidade nos Estados Unidos é baseada nisto. Então, cada vez que vamos lançar um compacto, há uma pressão muito grande nesse sentido. Mas é preciso resistir à tentação.
BIZZ — *Vocês têm algum interesse em* world music?
Andrew — Ouvimos bastante, porque sampleamos muito coisa de música étnica, como música indonésia, por exemplo. Chamamos o Alan (Wylder) de "nosso homem étnico" *(risos)*, porque ele adora esse tipo de música. Mas sempre resistimos à tentação de entrar nesse campo, porque somos uma banda européia branca. Há pessoas como o Matt Bianco que tocam música latina... mas, apesar de ele fazer isso bem, achamos que seria desonesto tocar uma rumba! Não temos essas raízes.
BIZZ — *Como surgiu a idéia do filme?*
Andrew — A última vez que filmamos um show foi em 1984, em Berlim. Os fãs ficaram perguntando se seria lançado em vídeo etc. Nesta última turnê decidimos fazer isso novamente, mas nos Estados Unidos, com uma perspectiva totalmente diferente. O grupo começou em 81, estamos em 89, final da década... Queríamos mostrar a cultura jovem americana, os jovens que vão herdar os Estados Unidos nos próximos vinte anos. No filme há um grupo de jovens que atravessa o país, passa por Nashville etc., até chegar a Pasadena. É interessante ouvir o que eles têm a dizer. Nunca tinham saído de Nova York antes. Foi por causa desta perspectiva diferente que escolhemos Pennebaker *(N. da R. — D.A. Pennebaker dirigiu filmes importantes na história do rock, como* Don't Look Back, *documentando a turnê inglesa de Bob Dylan em 65, mais* Monterey Pop, *com Jimi Hendrix, Janis Joplin, The Who e Otis Redding, e* Ziggy Stardust, *com David Bowie)*. Sentimos que ele seria um diretor interessante, não apenas mais um diretor de filmes do rock. Foi bom ele nunca ter ouvido falar na gente antes e chegar sem nenhuma idéia preconcebida. Ele tem 62 anos, um corpo de um homem de 40 e a mente de um menino de 10 *(risos)*. Acho que se divertiu bastante.
BIZZ — *Você assistiu ao filme do U2,* Rattle and Hum?
Andrew — Não. O que você achou?
BIZZ — Rattle and Hum *é um filme de show, mostrando poucas cenas fora do palco. Neste ponto é muito diferente do que vi em* 101.
Andrew — Sem dúvida. As cenas de palco são apenas um terço do filme. Nosso objetivo era mostrar um pouco mais de nossas personalidades e do lado engraçado da banda. Há muitas cenas de bastidores e muitas coisas cômicas *(risos)*. Ficou muito melhor do que esperávamos. A diferença entre nosso filme e o do U2 é que o deles foi feito pela Paramount, com orçamento de 6 milhões de libras, e o nosso foi financiado pela nossa gravadora. Custou umas 400 mil libras, o que representou um grande risco financeiro para nós. O U2 filmou todos os shows de sua turnê, nós só podíamos filmar um. Era o último show, a pressão era enorme quando subimos ao palco.
BIZZ — *Uma das melhores cenas do filme é aquela discussão sobre dinheiro entre os organizadores do show.*
Andrew — É uma cena bem cínica. A indústria cinematográfica americana é baseada em uma única coisa: dinheiro. Tenho certeza de que no *Rattle and Hum* não há nada disso. O U2 é uma das bandas que mais ganham dinheiro, especialmente nos Estados Unidos, mas essa grana está toda escondida. Eles estão mais preocupados em pregar, em moralizar. Não há nada de errado nisto, mas queríamos mostrar como as coisas realmente acontecem. De um lado, você vê o show, aquela emoção toda, com a multidão enlouquecendo. De outro lado, tem esses contadores trancados num trailer, discutindo quanto dinheiro ganharam vendendo camisetas. Tudo isso também se encaixa bem com a letra de "Everything Counts" *(o primeiro compacto a*

Em 101, o Depeche Mode não se limita a levar seu show para as telas: o filme é um retrato da cultura americana, representada por um grupo de amigos que atravessa o país para ver o grupo

ser extraído de 101)

BIZZ — *No press release de 101 há referências insistentes à música eletrônica usada a serviço do formato pop. O que vocês pensam quando trabalham uma música: esta vai sair em compacto, aquela vai tocar bem no rádio*

Andrew — É uma boa pergunta. O Martin já escreveu umas oito músicas para o próximo disco. Eu estava ouvindo em casa e pensei "Gostaria que essa saísse em compacto". Quando você procura um *hit single*, vai atrás de uma faixa que seja mais acessível que o resto, porque quer atingir mais gente. Queremos que o máximo de pessoas compre nossos discos. Qual o sentido em lançar um disco que vai ser comprado por umas cem pessoas? O Martin escreve poucas músicas comerciais. No último disco, só "Strangelove" era comercial. Então, em vez de ir atrás do que é comercial, vamos atrás da melhor música do disco.

BIZZ — *O que faz uma música ser comercial?*

Andrew — Uma boa batida, uma boa melodia, uma letra acessível.

BIZZ — *Deixando de lado o aspecto comercial/não comercial, vocês pensam em como o produto final vai ser usado?*

Andrew — Pensamos, mas estamos sempre errados. Por exemplo, a única música que gravamos intencionalmente como *dance music* não fez sucesso nenhum nas discotecas! *(risos)*. E quando fizemos "Strangelove" pensamos que funcionaria bem no rádio... mas ela chegou a número um nas *dance charts* americanas. Não dá para prever. Agora nos concentramos em fazer o disco e aí vemos o que acontece depois.

BIZZ — *Quem escreve boas canções pop hoje em dia?*

Andrew — *(longo silêncio)* Sempre há muito poucos compositores bons. Vince Clarke escreve ótimas canções pop, sempre escreveu. E Morrissey, é claro. Só consigo pensar nesses dois no momento.

BIZZ — *Existe propriedade no pop? Vocês sampleiam músicas dos outros?*

Andrew — Temos nossas próprias regras. Nós sampleamos sons, nunca músicas. E o que chamamos de "sampling criativo". Podemos samplear uma bateria ou um sax, mas sempre usamos este som acoplado a outro para criar um terceiro. Nunca sampleamos, por exemplo, um riff... Mas, se fizerem isto conosco, não ligaremos. Seria muito hipócrita da nossa parte.

BIZZ — *A imprensa britânica insiste em ver o Depeche Mode como quatro garotos bonitinhos fazendo pop para adolescentes.*

Andrew — Nosso último disco recebeu críticas bastante favoráveis, mas lembro que, dois meses depois, um crítico que havia falado bem do disco escreveu que aquele mês tinha sido fraco e por isso o Depeche Mode havia recebido uma boa crítica! *(risos)* Eles são tão cínicos! Mas as pessoas estão sempre mudando de opinião: agora o quente é ouvir soul americano e música negra, e esses músicos negros de *house music* se dizem influenciados por nós! Isto consequentemente influencia as pessoas por aqui. Mas a imprensa odeia uma banda que ainda existe depois de alguns anos. Não conseguem engolir isto. Lembra do *acid house* no verão? Pois, um mês depois, as discotecas não queriam nem saber de tocar *acid house*, começaram a tocar soul. É sempre assim.

BIZZ — *"Strangelove" fez sucesso no Brasil.*

Andrew — Nós a gravamos em Paris, onde fizemos o clip com o Anton Corbijn *(N. da R. — fotógrafo de capas do U2 e outros, veio ao Brasil com Echo & The Bunnymen)*. Foi ótimo. Antes de trabalharmos com ele, detestávamos fazer clips. Mas com ele foi divertido. Passeamos por Paris, não tivemos que usar maquiagem. E é nosso clip predileto.

BIZZ — *Para terminar, quais os planos da banda depois de 101?*

Andrew — Vamos para os Estados Unidos promover o disco e o filme. Depois vamos nos enfiar num estúdio durante uns três ou quatro meses. O próximo disco deverá sair em fevereiro do ano que vem.

NÃO FIQUE
COMO UM PEIXE
FORA D'ÁGUA.
EXIJA DOCKSIDES SAMELLO.

SAMELLO
DOCKSIDES
MADE IN USA

ONDE ENCONTRAR: (011) 37-8551 • (021) 542-2424 • (0512) 28-1822 • (016) 722-2400

Marquinhos, Washington, Ninho, Marinês, Reinaldo, Billy e Julinho

A BAHIA DE TODOS OS SONS

Qual o segredo que fez com que os leitores de BIZZ elegessem essa banda baiana para o segundo lugar na categoria Revelação 88? Uma das pistas, talvez, esteja na ponte quase perfeita entre o pop e a musicalidade de raiz dos blocos afro de Salvador. Num hotel no centro velho da cidade, Hagamenon Brito pergunta: qual é a sua, Reflexu's?

Até parecia armação, no começo. O empresário Antonio Fernandes capturou alguns dissidentes de uma banda amadora chamada Raízes do Sol e formou um grupo para tocar em cima de um trio elétrico no Carnaval de 87. A demo tape já entrou direto na programação da principal FM de Salvador, a Itapoan, e despertou o interesse da EMI-Odeon.

Estava escrito nos terreiros. *Reflexu's da Mãe África*, o primeiro LP, vendeu cerca de 750 mil cópias e alçou o grupo ao sucesso nacional. Agora, já com o disco de ouro referente às vendagens do segundo disco, *Serpente Negra*, a banda repensa sua trajetória.

* * *

BIZZ — *Como vocês estão sentindo a overdose de sucesso?*

Fernandes — Embora tenha vindo de forma surpreendente, o sucesso já estava em nossos planos. Não em nível puramente gratuito e sonhador, mas sim como consequência de um trabalho que tivesse poder para alcançar todo o país. Essa intenção já existia, nós só não esperávamos que ele viesse tão depressa. Era importante que a música da Reflexu's chegasse aos grandes centros, mais especificamente São Paulo e Rio, e que ela não ficasse rotulada — como infelizmente ainda é — apenas como algo baiano.

BIZZ — *Vocês acham que a onda de lambaterias ajudou a banda a fazer sucesso no Sul?*

Fernandes — De maneira alguma, porque nós não temos nada a ver com lambada. A Reflexu's não tem nada contra lambada e inclusive acha que o ritmo possui elementos interessantes, mas ele não faz parte da nossa praia e, tampouco, do repertório.

Ninho — As coisas mais próximas do nosso som são reggae e a sonoridade dos blocos afro, bem como a fusão que chamamos de samba-reggae, utilizando elementos dos dois ritmos.

Fernandes — Um pouco do nosso sucesso deve ser creditado à própria dinâmica de renovação do mercado fonográfico brasileiro, no qual creio que cada vez mais várias tendências musicais poderão conviver e desfrutar as suas fatias. Algo mais democrático, pois, assim como tem consumidor para rock, existem também para o pop negro da gente, o funk de Ed Motta e para a releitura personalística de Marisa Monte. A banda vê isso com cautela, responsabilidade e otimismo, para que ela possa permanecer interagindo nesse processo de novos valores. Outra coisa de que tenho certeza é que a Reflexu's é o melhor grupo pop da Bahia, sem desmerecer ninguém, é claro. Ela conseguiu a simbiose do som negro e orgânico de Salvador com o pop.

BIZZ — *Algumas pessoas buscam identificação entre o trabalho de vocês e dos novos grupos e artistas baianos com a geração de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa & cia.*

Marinês — Eu valorizo e respeito todos esses artistas, mas nós estamos criando a nossa própria personalidade musical, sem qualquer herança da geração tropicalista. As pessoas têm que sentir que é uma música de agora, sem vínculos com esse passado e com o peso que ele possui. Podemos até cantar músicas de Gilberto Gil, inclusive porque é um pioneiro em termos de cantar os problemas da negritude e incentivar o reggae no país, mas temos plena consciência de que somos de outra geração. Assim como existem Caetano, Gil, Gal e Bethania, também existem Reflexu's, Luiz Caldas, Lazzo, Margareth Menezes, Gerônimo e Chiclete com Banana.

BIZZ — *Numa espécie de faz-de-conta, como você distinguiria o trabalho da Reflexu's no meio desses "novos baianos"?*

"Nós somos uma banda pop que utiliza elementos de música negra"

Marinês — Talvez a gente seja o grupo que melhor incorpora a fusão do afro-reggae com o pop, além de termos a intenção de cantar os problemas da negritude. Mas quem pode dizer isso melhor é alguem de fora mesmo, como você, por exemplo. O que você acha?

BIZZ — *Eu concordo um pouco, mas discordo principalmente da qualidade técnica dos trabalhos da banda, sem falar que é chato esse exagero de historicismo afro que muitas letras possuem. Como a banda encara esse orgulho negro?*

Marinês — Por sermos e nos sentirmos negros em nossa maioria, achamos que esse orgulho tem que ser passado em nosso trabalho. Temos que aproveitar esse espaço para divulgar a cultura negra e fazer com que mais e mais pessoas a respeitem. É uma atitude política da qual nunca iremos abrir mão.

BIZZ — *Como vocês sentem a visão da imprensa do eixo Rio—São Paulo sobre o trabalho da banda?*

Fernandes — Em termos de crítica musical, as pessoas têm sido éticas. Agora, o que predomina mais é uma visão meio folclórica e alegórica, como se todos os baianos fizessem o mesmo som e tudo fosse trio elétrico e Carnaval. É a própria falta de informação da maioria dos órgãos de comunicação sobre o que está acontecendo na Bahia. Em termos de rádios, apesar de termos vendido bastante, ainda estamos lutando para que as músicas entrem naturalmente nas programações. Não queremos continuar sendo rotulados de grupo afro-baiano, mas sim como uma banda que utiliza elementos da música negra (afro, samba e reggae) em seu trabalho, mas que é tão pop na música brasileira quanto outros que existem por aí. No repertório atual estamos tocando músicas como "Alvorada Voraz", do RPM, e "Go Back", dos Titãs.

BIZZ — *Quais as bandas nacionais que vocês curtem?*

Julinho — Os Paralamas, porque o Herbert Vianna é um cara muito inteligente e que sabe assimilar muito bem as influências. Nós achamos que o Paralamas é um grupo baiano que mora no Rio de Janeiro. Tem os Titãs também, principalmente com esse reggae com peso de rock que eles estão tocando agora. Em nível nacional, tem pessoas como o Ed Motta, Renato Russo... e tem também os baianos, como Edson Gomes e Lazzo, por exemplo. Mas o que mais toca a Reflexu's são os Paralamas e os Titãs. Gostaríamos que um dia o nosso som fosse uma fusão dos ritmos do primeiro com o peso do segundo.

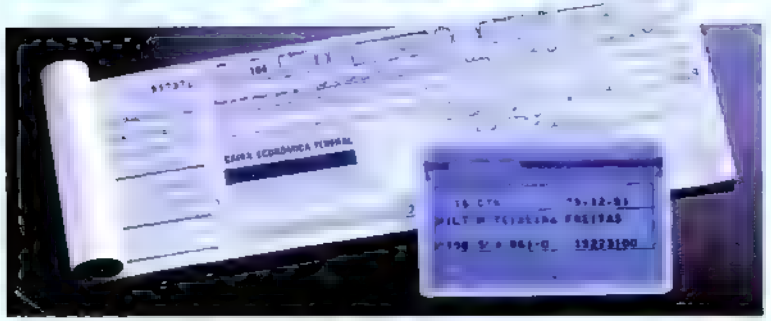
BIZZ — *Por que vocês decidiram gravar a tão desgastada "Prá Não Dizer que Não Falei de Flores", de Geraldo Vandré?*

Fernandes — Existem alguns motivos. Primeiro, eu fui o principal responsável pela gravação, talvez pelos meus resquícios de luta sindical e lembranças da época em que a canção foi feita. Segundo, em cada disco a banda resgata uma música da MPB. Foi assim no primeiro, com "Oração da África do Sul", de Gilberto Gil. A temática da música de Vandré continua muito atual, apesar do desgaste, porque os problemas principais do Brasil continuam sem solução desde aquela época e é preciso que as novas gerações não esqueçam isso. Agora existe liberdade de expressão, mas falta democracia econômica do mesmo jeito. Nós pensamos até em gravar algo do Djavan, mas a opção final foi testada nos shows e o público sempre gosta quando a gente toca a música do Vandré.

BIZZ — *Algo que é evidente na Reflexu's bem como na maioria dos trabalhos dos novos artistas baianos, é a falta de qualidade técnica de gravação. Por que acontece isso?*

Fernandes — Há discos de artistas como Luiz Caldas e Sarajane que foram gravados no Rio e que realmente possuem uma boa qualidade técnica, mas que perderam um pouco do orgânico do chima baiano. Fica até parecendo papo folclórico de axé baiano, mas não é. O próprio desconhecimento da maioria dos técnicos dos estúdios do Sul em relação ao que rola na Bahia faz com que isso aconteça, essa perda de vitalidade orgânica. A gente sen-

COM CHEQUE AZUL TODO MUNDO VÊ A COR DO SEU DINHEIRO.



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

A Banda Reflexu's em sua primeira apresentação em São Paulo. Marrinês e Marquinhos provam que nem só de Carnaval vive a Bahia

te que, para nossa proposta de trabalho, ainda temos mais elementos aqui em Salvador. Perdemos em qualidade técnica, mas ganhamos em conhecimento da sonoridade. Na gravação da faixa "Deuses Afro Bahianos", por exemplo, nós precisamos de um oga *(N. da R. — auxiliar nos rituais de candomblé)*, que tocasse uma levada para Xangô e foi facílimo encontrar um. Se fosse no Rio, além de ser mais difícil, provavelmente o ogã seria da umbanda, que é diferente do candomblé. É mais diluído.

BIZZ — *Mesmo assim, há trabalhos como* Tambores Urbanos, *do Chiclete, que foi gravado em Salvador mas mixado em São Paulo em que fica evidente uma melhoria de qualidade técnica.*

Fernandes — É indiscutível que já há uma melhoria, inclusive na própria WR *(N. da R. — principal gravadora baiana)*, que por ter sido a pioneira é a que melhor saca o som dos baianos no Brasil. Assim como os primeiros discos de reggae foram gravados em condições precárias e na sequência revolucionaram as técnicas de estúdios, a música produzida na Bahia também avança e tem tudo para vir a surpreender em termos de estúdio.

BIZZ — *Existem planos de a Reflexu's levar sua música para o exterior?*

Fernandes — Nós achamos que a música produzida na Bahia pode chegar lá. Já despertou o interesse de músicos como Paul Simon e David Byrne, inclusive este último já demonstrou interesse em fazer uma nova versão para "Madagascar Olodum". Outro dia recebemos uma revista de Chicago em que o nosso disco estava entre os dez mais executados numa rádio especializada em reggae. Recebemos também um convite para tocar num festival em Glasgow, na Escócia, mas que infelizmente foi adiado. Só que esse processo todo é muito demorado, porque não estamos a fim de tocar em algum clubinho para brasileiros em Nova York ou em alguma cidade européia, mas sim em condições melhores. Queremos chegar bem estruturados no mercado internacional e sabemos que temos condições de acontecer em Paris, reduto maior da moderna música africana.

BIZZ — *Quais os novos rumos da Reflexu's?*

Fernandes — A banda está processando uma série de informações que ela não tinha antes, mas é preciso muita maturidade para que o grupo continue unido e cresça. Existe uma preocupação com os lados teórico e prático de tudo isso. A banda possui uma musicalidade inata, mas tem que trabalhá-la. A galera está estudando, lendo mais, ouvindo outros tipos de música e tendo consciência de que é preciso sempre um alto nível de profissionalismo. Na Bahia tudo acontece muito na base da emoção, mas para que exista uma solidificação é necessário trabalhar o racional. Vamos ter que sair de quaisquer rótulos e fazer outros tipos de música. Vai ser um lance ousado, mas é isso que vai garantir o futuro da Reflexu's na música brasileira. Inclusive, do primeiro para o segundo disco já existe uma mudança. Vamos continuar cantando contra o racismo, só que deveremos diminuir a incursão pelos temas dos blocos afro. Poderemos até compor músicas no mesmo estilo, só que dando uma visão mais atual e nacional à realidade do negro.

Julinho — Em termos de estúdio, uma boa escola são os shows pelo país. O palco é sempre uma boa escola, porque ajuda você a sentir melhor as suas necessidades e limites. Sabe, foi tudo tão depressa quanto uma overdose. Nós sonhávamos em vender 40 mil discos e já estamos perto de 1 milhão no segundo trabalho. Tem o lado bom, mas também o outro. Só vamos considerar isso realmente um grande sucesso quando o nosso trabalho já tiver lugar garantido na música brasileira. Sucesso passageiro é fácil, já vimos muitos dançarem nisso. Ganhamos um pouco mais de grana, mas é preciso humildade, personalidade e perseverança para que o sucesso permaneça.

BIZZ — *E a música baiana, para onde ela está indo?*

Fernandes — Passada a explosão e a descoberta pela mídia do poder dos blocos afro, já existe um evidente assentamento e filtro natural desse processo. Quem tiver um trabalho melhor vai ficar, como sempre acontece em qualquer "movimentação". O que aconteceu na Bahia não foi um movimento, porque nunca existiu uma unidade de trabalho e pensamento a ponto de intervir mais decisivamente na cultura local através da música, mas sim uma "movimentação". Uma grande quantidade de novos artistas e grupos tentando fazer sucesso. Essa peneirada vai gerar uma música com mais qualidade e menos quantidade.

MUSICOS

A loja dos bateristas

Rua Teodoro Sampaio, 763 - L 20
T: (011) 883-0882 / 280-2555
São Paulo - S.P.

GUITARRAS, GARRAS, UNHAS, DENTES E DECIBÉIS

Depois que a Lagoinha — um equivalente à Lapa carioca — foi envolvida pelas obras de um metrô de superfície, o bairro de Santa Tereza tornou-se o derradeiro reduto da velha boemia de Belo Horizonte. Bem arborizado, as ruas limpas e ainda ostentando alguns casarões como marco de um tempo que jamais voltará, a tranqüilidade de Santa Tereza só consegue ser bulida à noite, quando o álcool desce aos borbotões nos botequins das esquinas, embalando os plangentes violões dos seresteiros na mesma proporção em que alivia o stress da rapaziada do pedaço.

Aberto a todo tipo de contrastes, é também em Santa Tereza que vamos encontrar o Q.G. do Sepultura, atualmente a banda brasileira que detém as maiores possibilidades de um estouro internacional. Numa manhã de sábado totalmente atípica para a cidade (os termômetros acusavam uma temperatura mais condizente com o verão de Salvador), lá fui eu com um gravador arrumado às pressas (e que para meu desespero me deixou na mão na hora H!), disposto a colher o depoimento da turma, particularmente sobre as circunstâncias que levaram o grupo a editar seu novo álbum no exterior.

Em meio ao corre-corre para conseguir um taxi, acabei me esquecendo do número da casa dos irmãos Cavalera (Max e Igor, respectivamente vocalista e baterista do grupo). Mas, para minha sorte, era impossível errar. De longe, um muro branco inteiramente grafitado com nomes e logotipos da confraria metálica era uma indicação óbvia.

Já na sala, encontrei o quarteto escornado num sofá, de olho num vídeo de skate — mais tarde viria a saber que Igor é um verdadeiro adicto desse esporte, sendo conhecido no meio como "Skate Monga". Para um não-convertido ao metal, até que sou bem recebido. O gelo quebra de vez com alguns comentários sobre bandas *hardcore*. Aí, me convidam para iniciar o papo propriamente dito na cozinha, onde há mais espaço e ventilação.

Por instantes, sou levado a crer que estou entrevistando a banda errada. Então são estes os integrantes da mais maldita banda das Gerais, pioneiros do cenário *death metal* verde-amarelo e autores de textos anticlericais, capazes de arrepiar os cabelos dos cristãos mais arraigados? Ao contrário do que se possa imaginar, todos eles se mostram extremamente gentis, surpreendendo com uma fala pausada e risos descontraídos. Afora as tatuagens, os cabelos longuíssimos e uma estranha admiração por Stephen King, Walt Disney e Cicciolina, não há nada que os distinga dos garotos de sua geração.

No vinil e no palco, todavia, a história é bem outra: cada músico transforma-se na engrenagem de uma máquina tão mortífera quanto ambígua, em que o fascismo é repelido tão veementemente quanto é capaz de exercer um inconsciente fascínio, revelado pelo prazer de submeter os ouvidos e a mente à força bruta dos decibéis. É o mesmo *approach* adotado por grupos que vão do Extreme Noise Terror ao Metallica. O que vale é a catarse, o efeito higiênico, ainda que na maioria das vezes acompanhado por todos os clichês inerentes ao gênero.

Para quem não sabe, o Sepultura existe desde 83, e, de lá para cá, passou por inúmeras mudanças, até estabilizar-se na atual formação: Paulo no baixo e Andreas Kisser na guitarra, afora os já citados irmãos Cavalera. A época do seu surgimento, o país nem sequer aventava a possibilidade do Rock in Rio.

As informações sobre as variantes do metal fora daqui eram bastante escassas, isso sem falar no atraso com que chegavam até o país. Mas o Sepultura estava atento. "Nossa formação foi bem atípica, pois enquanto o pessoal estava ouvindo grupos como Judas Priest e Iron Maiden, nós já acompanhávamos as tendências que começavam a estourar lá fora: o *thrash metal* de Slayer e Metallica *(até hoje, fortes referências no estilo da banda)* e o *black metal* de Venom e Hellhammer. Até *hardcore* a gente ouvia. Alguns, tipo Discharge e GBH, também eram uma cacetada", garante Max.

> ***"Eles não acreditavam que a banda era do Brasil e que alguém aqui pudesse fazer esse tipo de som. As rádios tocaram, as revistas comentaram"***

Nesta fase embrionária, o quarteto se enfurnava todas as noites num quartinho, onde passava horas a fio tocando para uma galera atenta. "Fazíamos barulho só para passar o tempo, não tínhamos nada para fazer mesmo", relembra Igor, saudoso.

Daí para os primeiros shows foi um pulo. Após um breve estágio em festivais de colégio e outras exibições mambembes, o Sepultura acabou sendo abordado pelo selo Cogumelo, que lhe ofereceu a oportunidade da primeira gravação, um LP *mezzo a mezzo* com o Overdose, outro grupo da cidade. *Bestial Devastations*, embora realizado em condições precárias, cumpriu o papel de cartão de visitas.

Um ano depois, a boa repercussão daquele primeiro esforço assegurou-lhes o direito de ter acesso a um LP só deles. *Morbid Visions* mostrou um trabalho mais amadurecido, ainda que não satisfizesse plenamente a banda na ocasião, conforme a avaliação criteriosa de Max: "A gravação é péssima, as letras são fracas. Mas, em termos de material, o que está lá ainda é bastante representativo do nosso som. Tanto é assim que continuamos tocando músicas dele nos shows. As pessoas sempre pedem".

Vale ainda ressaltar que *Morbid Visions* foi o primeiro disco de um grupo brasileiro do gênero a repercutir favoravelmente no exterior. E isso aconteceu muito em cima de uma verdadeira rede paralela de informações montada por seus fãs, que praticamente colocou o referido LP nos quatro cantos do planeta. O impacto foi inevitável. "Eles não acreditavam que a banda era do Brasil, que aqui pudesse haver alguém fazendo este tipo de som", comenta Igor. "As rádios tocaram, as revistas comentaram, foi demais!"

Aliás, a consolidação do prestígio do Sepultura além das nossas fronteiras permitiu que *Morbid Visions* fosse lançado ano passado na Alemanha, pelo selo Shark Records.

Com o terceiro álbum, *Schizophrenia*, os horizontes alargaram-se ainda mais. Saudado pela *Kerrang!*, o livro negro do metal inglês, como "um dos cinco melhores álbuns de thrash do mundo" em 87 e apontado como "a sensação do ano" pela publicação francesa *Hard Rock*, o disco marcou também o início de um movimento interno rumo à elaboração, efetivada com a entrada de Andreas que, anteriormente, havia feito estudos de violão clássico.

Faltava ainda a articulação correta com a cena externa. Entre boatos e sondagens reais de um sem-número de gravadoras (inclusive a todo-poderosa CBS americana), a melhor opção acabou surgindo no selo Road Runner, um dos mais representativos do *underground* europeu.

Para tanto, Max foi de mala e cuia para Nova York. "Levei na bagagem um punhado de *Morbid Visions* e *Schizophrenia*. Na cara dura, e com a ajuda de um amigo nova-iorquino, visitei todas as gravadoras, conheci todos os chefes." Valeu o esforço. "Acabamos assinando um contrato válido por sete anos. A gravadora prometeu total apoio, desde a divulgação até a distribuição, que será feita pela MCA. Ficamos supersatisfeitos."

Para o futuro imediato, o Sepultura planeja empreender uma maratonê pelo país, tão logo o novo disco esteja disponível nas lojas, o que deve acontecer em junho. Antes disso, o público paulista poderá conferir o grupo ao vivo neste mês de maio, quando estará se apresentando no Dama Xoc ao lado do Nuclear Assault, de Nova York. Nos EUA, ainda é cedo para qualquer previsão, mas um exame de capas, textos e entrevistas em revistas como *Rip*, *Circus*, *Metal Forces*, *Faces* e *Hit Parader* parece garantir que, desta vez, o metal nacional conquistará o respeito a que faz jus há anos.

EM PRIMEIRA MÃO, UM VINIL DINAMITADOR

Show realizado no DomoXoc (SP), em novembro de 88 — clima ensandecido já corriqueiro nas apresentações do Sepultura

Beneath The Remains ("Debaixo dos Escombros"), o quarto e mais recente álbum do Sepultura, será editado até o final do mês nos Estados Unidos. Até o fechamento desta edição, o disco tinha previsão de lançamento simultânea em dezenove países, incluindo Inglaterra, França, Alemanha e Itália, além de nações insólitas como Grécia, Finlândia e Tailândia. No Brasil, embora não haja confirmação de data (o mais provável parece ser junho), a edição ficará a cargo da Eldorado.

Apesar de inicialmente destinado apenas aos Estados Unidos e Europa, a Road Runner acabou optando pela locação do estúdio Nas Nuvens para a gravação do LP. Em termos de produção, a primeira opção havia sido Alex Perialas, produtor do Anthrax, mas a banda descartou a idéia. "Já no telefone, ele queria mudar a voz, alterar as bases, fugar totalmente o nosso som. Aí ficamos apavorados. Nunca tínhamos trabalhado com um produtor e se fosse desse jeito, a coisa ia acabar na porrada. Então, liguei para a Road Runner e disse que não, que arranjassem um produtor competente, mas que quisesse nos ajudar, com direito a sugestões, claro, mas que não se mostrasse predisposto a mudar nossa música de forma tão radical", conta Max.

A escolha recaiu sobre Scott Burns, que havia trabalhado previamente com grupos com Death, Whiplash e Savage, "um cara gente fina", conforme Max, "com quem nos demos super bem. O melhor de tudo era que ele gostava da banda, tinha até uma cópia importada do *Schizophrenia*. Devido a esse envolvimento, houve facilidade de sua parte na compreensão daquilo que a gente queria".

Gravado em noventa horas e em vinte e quatro canais, *Beneath The Remains* foi mixado no Morrisound Studio em Tampa, na Flórida, pelo próprio Max (em cinquenta horas) e masterizado em Nova York, o que possibilitou um padrão de fidelidade raro, no que toca a gravações de metal nacional.

Para complementar esta produção de nível, a capa foi idealizada pelo veterano Michael Wheelan, um artista inglês reconhecido internacionalmente por suas ilustrações nas capas dos livros do escritor fantástico H. P. Lovecraft.

De posse de uma fita cassete, ouvi *Beneath The Remains* em primeira mão. Mesmo prevenido, a audição de suas onze faixas produziu um conjunto de efeitos similar ao de uma concussão cerebral. Outra aproximação poderia ser feita com o chamado "punch-drunk" dos boxeadores, aquilo que lhes sobrevem no ringue após sofrerem golpes intensos na cabeça: o equilíbrio torna-se instável e o sujeito parece estar permanentemente em estado de embriaguez.

Títulos como "Lobotomy", "Mass Hypnosis" e "Stronger Than Hate" já dizem tudo, paradigmas que são dos extremos do metal. Nos vocais — quando não estão fora de alcance, soterrados por toneladas de decibéis — não se encontra sequer um vestígio de mensagem, de uma possível moral. O domínio é da perplexidade: tudo que há são narrativas, histórias que delineam uma paisagem onde a doença, a fome, a tortura, a miséria e a morte reinam incontestes. Narrativas brutais para uma música brutal. Simples assim.

Ao contrário de muitos contemporâneos daqui e de fora, que se maquiaram e caíram de boca no bolo fofo do metal de arena, o Sepultura insiste em revirar o espólio esquecido do Black Sabbath, conseguindo com isso conquistar uma expectoração negra chamada *death metal* — numa das últimas edições da *Kerrang!*, lá está Chuck Schuldiner, cuja voz foi referida por um escriba do *Melody Maker* como "o vômito de Deus fossilizado em rocha pura", envergando uma camiseta do Sepultura.

Quase como uma marca registrada, o disco alterna *breaks* estratégicos (onde o silêncio, ainda que breve, parece se debater de dor) com uma leviatã furioso, incontrolável. Os andamentos e compassos mudam, justapõem-se diferentes texturas de guitarra, sucedem-se ritmos intrincados. Goste ou não, não há como negar que a música do Sepultura é incisiva como poucas.

A.G.C.D.

LP em selo Wop-Bop EXPERIMENTE!

Harry & FAIRY TALES

é a 1ª banda brasileira a ultrapassar de longe o estágio da indigência
Álvaro Pereira Jr. Folha de São Paulo

a mais inglesa das nossas bandas o Harry ainda vai dar o que falar
Jean Yves de Neufville / Folha da Tarde

"It's here! It's here! The new Harry LP come!" Andrea Enthal KPKF 90.7 FM Los Angeles

o Harry já se alocia no topo do melhor rock feito no Brasil
Marcos Smurkoff Bizz

Atendemos por REEMBOLSO POSTAL (para o interior de SP e outros Estados). Enviamos CATÁLOGOS GRÁTIS, com a maior variedade de LPs nacionais e internacionais. Faça seu pedido hoje, por carta ou telefone.

WOP BOP
Br Itapetininga 255 lj 25
01042 São Paulo SP
tel (011) 231 4960

top plus

Neworder *Technique*

LP e cassette.

Factory wea

CORAÇÕES SOLITÁRIOS

Depois de quatro anos tocando em todo e qualquer palco que a recebesse, a banda Maria Angélica chega ao vinil, arrastando polêmica atrás de polêmica. O quê Fernando Naporano está fazendo com um microfone na mão? Por quê as letras são em inglês? O quê, pelamor de Deus, quer dizer exatamente "Rock Regressivo"? Uma coisa de cada vez...

Eu toco rock n roll, resume Victor Bock (guitarra), para encerrar um assunto delicado: qual o estilo da banda?

A conversa já dura quase uma hora com Fernando Naporano resistindo bravamente à tentação de trocar, por um instante, a camisa de vocalista letrista do Maria Angélica pela de crítico de BIZZ, *O Estado de S. Paulo* e *Interview*. Por fim, ele diz que "cabe à imprensa colocar os rótulos", o que provoca gargalhadas do resto da banda, sendo Fernando um "adorável carimbador do rock n'roll", como definiu um leitor de BIZZ na seção de cartas da edição 44.

Além de seu crooner-poeta, o Maria Angélica conta também com outra figura bastante conhecida no meio musical brasileiro: o baterista Vitor Leite. Não só tocou com meio mundo, em quinze anos de estrada, como foi professor de um considerável naco de bateristas das últimas gerações do rock made in São Paulo.

O calvário de Vitor começou em 74, quando "ser baterista de rock era muito difícil, não tinha underground. Fiquei tocando na noite, desde samba, funk, rock, reggae, brega, tudo o que você pode imaginar. Toquei até com o Newton Cesar e o Ronnie Von. Era f* porque eu ficava de saco cheio do som dos caras. Mas foi aí que aprendi a tocar profissionalmente. Mesmo que eu achasse o som dos caras uma b*, eu tinha que chegar lá e tocar direitinho. Era superdifícil".

A primeira formação do Ira (na época (81) sem exclamação) foi o ponto de partida para toda uma série de trabalhos com a safra pós-punk local, de Gang 90 & Absurdettes (ainda com Julio Barroso) a Akira S & As Garotas que Erraram, passando até por uma substituição de Leospa num dos primeiros shows de grande porte do Ultraje a Rigor ("tinha quatro mil pessoas, foi superemocionante"). Só em 84 fundaria uma banda própria, o Muzak, *power trio* de carreira meteórica, prestígio no circuito alternativo de shows — Madame Satã, Carbono 14 etc —, duas faixas na coletânea *Não São Paulo* (Baratos Afins, 85), seguidas de um mini LP pela EMI-Odeon e... fim.

Vitor L. continuou tocando com Luis Otávio e os Quatro Olho — que, muito antes de Juba e Lula sonharem em tentar cantar, tinham uma versão bem superior de "Surfin' USA", dos Beach Boys —, com quem ficou até meados de 87, quando foi chamado para resolver um problema crônico do Maria Angélica.

"Você quer saber como o Vitor entrou na banda?", pergunta Fernando. "A gente ia tocar no Mambembe e nosso baterista estava no Paraná tocando com o Golpe de Estado. A gente tinha até um baterista reserva, só que ele estava em Goiás. Ele [illegible] chegar a tempo, mas estávamos [illegible] o som e ele não chegou. Eu só conhecia o Vitor como baterista do Muzak, mas achava que ele era um cara mais ligado ao jazz-rock, muito técnico, que o Maria Angélica não era digno dele. Mas nesse show eu vi como ele tocava... Ele consegue associar muita técnica com muito punch. Ele adorou tocar com a gente. Dois dias depois, estava na banda. E com Lu Stoppa (baixista, ex-Coke Luxe e Magazine) foi a mesma coisa." O baixo era o outro problema crônico: em quatro anos, já tinham passado dezoito músicos entre baixistas e bateristas.

A banda havia sido formada inicialmente por Victor Bock, Fernando e um baterista, Décio, que não durou muito. Na verdade, Fernando só apareceu nos ensaios depois de um mês, "porque ele jamais teria coragem de achar que ia perder a timidez, subir no palco e cantar".

Timidez? Quem já viu o Maria Angélica ao vivo não acredita nisso. Quase sempre vestido de uma forma que poderia ser descrita tranquilamente como extravagante — ternos azul-turquesa ou calças de cetim cor-de-rosa, Naporano parece um possesso. Flerta com as garotas (de preferências as louras), derrama seus versos apaixonados, dança e gesticula com a convicção dos verdadeiros *rockers*, interpretando uma a uma suas histórias de encantos e desencantos do coração. O velho e gasto argumento de que "todo o crítico é um artista frustrado" é soterrado pelo som que vem dos amplificadores.

Completa o time Carlos Nishimiya, "o melhor guitarrista de São Paulo", nas palavras de Naporano. Carlos, que tem formação clássica, embasbacava um jovem Fernando tocando com perícia Genesis e Yes. Junto com Victor B., um fã incondicional do Television, eles formam o centro nervoso do Maria Angélica. Essa formação já tem mais ou menos um ano e meio, período que coincide justamente com a maioria dos shows no circuito noturno e com a gravação de *Outsider* (algo como "marginal"). Esse primeiro LP é certamente um recorde. Em três horas foram gravadas doze canções, das quais nove estão no disco. O projeto inicial era gravar o disco ao vivo, o que acabou não acontecendo por falta de [illegible] ou de condições mínimas de acústica. Eles ficaram dois meses tentando arrumar um lugar, até que resolveram fazer em estúdio mesmo, mas como se estivessem sobre um palco. Nem o produtor [illegible] Junior, fundador do Patrulha do Espaço — achava que seria possível gravar um LP inteiro em apenas uma sessão de estúdio.

"Nós gravamos num take só", conta Fernando, "como saiu ficou. Em certos momentos, a gente se empolgou como se tivesse uma platéia na frente. Lá pelo meio, alguém [illegible] que a gente parasse para dar uma ouvida e aí o Junior disse: 'Não. Ninguém vai [illegible]. O que ficou está [illegible] acho que está muito legal [illegible] ditava. Se depois de quatro anos [illegible] conseguisse tocar direito, eu dava um tiro na cabeça'".

Uma vez lançado o disco, a própria banda assumiu o trabalho de divulgá-lo, coisa bastante comum em lançamentos independentes. O Maria Angélica, apesar de ter nascido e crescido no underground, tem a firme intenção de não permanecer lá mais tempo do que o necessário: "Nossa música não é difícil, é rock direto, simples, objetivo. Nós somos uma banda para ser consumida, somos uma banda pop. Nós não queremos virar uma cult band. Queremos ser divulgados o máximo possível", é mais uma vez Fernando quem explica.

As letras do disco são todas em inglês, uma prática corriqueira em países de outras línguas que não o inglês mas que por aqui ainda é rara. No ano passado, além do Maria Angélica, o Harry também lançou seu *Fairy Tales* com letras em inglês. Bastou isso para aparecer quem achasse que esses dois casos isolados constituíssem uma tendência. O Maria Angélica não concorda e é o letrista quem toma a palavra: "Inglês é mais sonoro. Traduz Ramones para o português, por exemplo. Fica muito feio! No caso do Harry, o inglês funciona como um instrumento. No caso do DeFalla, que também canta em inglês, é escracho, sarcasmo. E, no nosso, o inglês é um veículo poético. Todas as minhas letras são sobre o amor. Tanto faz escrever em búlgaro, japonês ou esperanto". Além disso, facilita as coisas para um possível lançamento no exterior. Até agora nada aconteceu de concreto, mas algumas cópias já foram parar na Argentina, no Chile e na Inglaterra.

Os planos ainda são meio vagos mas é certo que eles farão muitos shows. De fato, o Maria Angélica é uma banda que não recusa tocar em lugar nenhum. "A gente tocaria uns 340 dias por ano, se dependesse de nós. A gente ama o palco, não tem frescura de hotel cinco estrelas, essas coisas. Eu espero tocar na banda para poder parar de escrever", diz o jornalista-vocalista. O que os outros acham de fazer parte de uma banda cujo vocalista é crítico? "Tudo bem, ele não fala mal da banda", brinca Lu.

Nem sempre uma banda formada por personalidades tão diferentes apresenta resultados tão coesos. Com certeza, a responsável por isso é a paixão visceral pelo rock n roll que todos compartilham. Eles poderiam ficar mais duas horas falando sobre suas bandas prediletas. Em comum, Beatles, Rolling Stones e Byrds. Mas cada um tem as mais queridas. Victor B. cita *Marquee Moon*, do Television, como disco de cabeceira. Carlos, Buzzcocks e Monkees. Vitor L. se autodefine "um 'setentanista' assumido", excluindo [illegible] progressivo: Steppenwolf, Cream, Apple [illegible]. E, claro, Fernando desfia uma lista interminável de "coisas novas e maravilhosas": Wedding Present, Pastels, House of Love, Pixies.

Vitor L. mais uma vez retoma a bola e a ajeita na linha do penalti. "Não depende tanto do gosto de cada um. A gente está querendo deixar fluir o que temos em comum". Finalmente Fernando chuta para o gol. "A grosso modo é *regressive rock*. O que é o regressivo senão conjugar várias tendências dos anos 60 numa linguagem própria? Não é revival. É a soma de todas essas influências na nossa linguagem, sem abusos tecnológicos, voltando à raiz". "Ou seja, baixo, guitarra e bateria", completa Vítor L. "Rickenbackers", especifica Carlos. "As sagradas Rickenbackers".

O Maria Angélica avisa que não espera milagres de *Outsider*, embora os resultados de crítica e vendagem tenham sido bastante positivos — metade da tiragem de duas mil cópias já foi vendida. Mas eles não ficaram parados: já está pronto um repertório de dez músicas para o segundo disco. Desta vez, "com pelo menos trinta horas de estúdio". *Bia Abramo*

TUDO POR CAUSA DE UMA MULHER

Quem é Camila? Uma mulher de olhar insano que mudou o destino de três pouchas. Nenhum de Nós, seria uma dos responsos. Muito executados e pouco vistos, eles apostam mais uma vez no coletivo com seu segundo LP. Confiram a canção que parecia não aqui

A história destes três garotos não difere muito do resto das histórias dos roqueiros de sua geração, marcada pelo momento em que uma nova ética e uma nova estética se impuseram no universo rock pop, ou seja, punk, pós-punk e todo o caleidoscópio de estilos e fusões que se espalhou anos 80 a dentro. Como em qualquer canto do planeta, moleques fissurados em rock n roll se conhecem trocando discos, fitas e informações e conversando diariamente sobre música.

Assim aconteceu também com Carlos Stein — que já tocava violão desde os 9 anos — e Thedy Correa (baixo/vocal), dois terços do Nenhum de Nós. Juntos, chegaram a montar ainda em 79 — um grupo de *folk rock* calcado nas raízes gaúchas. O terceiro parceiro Sady Homrich, tocador de cavaquinho e percussionista de coração — já era conhecido da dupla, mas só juntou-se a eles no começo de 85, época do Rock in Rio, para animar bailes de Carnaval. Na guitarra, Carlos se matava tentando imitar Angus Young, do AC/DC.

Aos poucos — como ocorreu em outras capitais do país —, Porto Alegre foi sendo tomada por um rolo compressor de rock'n'roll, de Replicantes a DeFalla, do Tanatriça aos Engenheiros do Hawaii. Foi o estímulo necessário para que Carlos, Thedy e Sady resolvessem se transformar numa banda "de verdade".

Ao contrário da maioria dos roqueiros, não guardam tanta saudade nem cultivam nostalgicamente o sempre difícil começo. "Só de falar sobre isso me dá uma certa depressão", diz Carlos, lembrando da fase em que atacavam basicamente o repertório do Clash e dos Tray Cats. "Era impossível tocar qualquer outra coisa, a bateria não tinha mais que caixa e bumbo!" A vizinhança, por sua vez, não poupava pedras e protestos, irritada com os ensaios na garagem aberta.

Foi a sorte do destino que os impediu de seguir a trilha do DeFalla, em sua fase inicial, e embarcar em um vagão de rock gótico (ou "dark", como o gênero foi batizado e vulgarizado no Brasil).

"Bauhaus foi uma influência muito forte", lembra Carlos. "Eles não tinham chegado ao Brasil ainda e só conhecíamos a banda através de fitas importadas. Aquela coisa do 'darkismo' bateu muito forte. Não tínhamos visto nenhum vídeo deles, só muito tempo depois, no Ocidente *(casa noturna de Porto Alegre)* e saímos de lá alucinados. Parecia que tínhamos presenciado uma hecatombe nuclear. Foi nesse dia que decidimos o nome da banda. Mas a gente curtia isso numa época em que o 'dark' não era visto de uma forma pejorativa. Bauhaus era uma coisa para iniciados."

Essa forte identificação com o punk gótico está diretamente ligada à vida que levavam na época. O disco de 85 foi marcado pelo estado doentio de Carlão, seguido pelo de Sady e pela agonia de três meses e morte do pai de Thedy. "Eu saía do hospital, ia para a casa do Carlão e ficávamos batendo papo. Algumas letras compusemos nesse período. Então, livros como *O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar*, de Mishima, e o som do Bauhaus traduziam sentimentos que nos tocavam. E era uma fase tipo assim: se vinha um cara e começava a rir e tu não estava a fim de rir, mandava ele se f*", relata ainda Thedy.

Assim, as primeiras apresentações traziam ao palco três garotos trajando bermudas e tocando música depressiva.

O primeiro show de maior porte veio no ano seguinte, ao lado do DeFalla. Ali conquistaram — nem eles mesmos sabem por quê — as graças do produtor Toninho Meira, que acabou virando empresário, pai, mãe, amigo e hoje acompanha a banda onde ela estiver. Foi ele quem levou uma fita demo para a gravadora BMG-Ariola, em que uma das músicas — adivinha qual — já aparecia com seu potencial de mina de ouro.

"Só para tu ter uma idéia, a expressão que os caras da gravadora usam até hoje é esta. 'Nós estávamos fechando a porta *(do seto Plug)* e vocês meteram o pé!' "

Em dois meses, o trio estava no estúdio. Vale lembrar que, nessa história, estamos ainda em meados de 86. Carlos: "Não tínhamos

Carlos Stein e Thedy Correa durante um show no Aeroanta (SP), em fevereiro deste ano. O Nenhum de Nós trocou o underground gaúcho pelo sucesso nas casas noturnas paulistas, ancorado no hit "Camila, Camila" — uma canção baseada num tapa vendido

feito mais que seis ou sete shows em lugares bem pequenos"

Quais as vantagens de se ter um *hit* estourando nos quatro cantos do país? Fama, dinheiro, shows lotados, as de sempre. E quais as desvantagens? Cobranças, críticas implacáveis, as de sempre. De repente, três desconhecidos tomam de assalto as paradas das grandes FMs e têm de arcar com as conseqüências de todo sucesso meteórico.

Thedy: "Quando entramos em estúdio, estávamos completamente crus em termos de composição, execução, domínio de palco etc. Não tínhamos feito praticamente nada... Então, a concepção do disco ficou muito em cima do que estávamos cantando. O Nenhum de Nós é uma banda de letra, e temos uma maneira de escrever: de sentar e rolar um papo, de pegar um livro e comentar sobre ele, pegar essas frases que saem no meio da discussão... Até uma letra de uma outra música, que não a nossa, gera uma idéia. É difícil para quem se dirige à banda, porque somos nós três que escrevemos. Como tu vai conversar com um grupo que não tem um letrista definido?"

Oscar Wilde, quadrinhos, Jorge Luis Borges, Surrealismo, Albert Camus, Mário de Andrade, Mishima, Smiths, livros, discos, influências que não excluem o rock brasileiro: o primeiro *cover* do repertório da banda foi "Tô à Toa Toquio" (Lobão & Os Ronaldos). Os três consideram os Replicantes uma banda clássica do cenário gaúcho.

"Ir a um show deles é ouvir clássicos atrás de clássicos", sensibiliza-se Thedy. Tanto que os shows do Nenhum de Nós costumam incluir uma versão de "Astronauta", com participação do Replicante Wander Wildner quando este está no recinto. Uma das poucas bandas, enfim — senão a única —, que respeitam o rock brasileiro e assumem a influência dele em seu trabalho. Ao mesmo tempo estão bem armados de referências internacionais — como atesta sua versão em português intitulada "O Astronauta de Mármore", para "Starman", o hit que estourou Ziggy Stardust (ou David Bowie) na Inglaterra, em 72.

O hit que estourou o Nenhum de Nós no Brasil de 87 para 88, "Camila, Camila", gerou as mais variadas interpretações. Em Minas Gerais, surgiu quem achasse que era uma "história de amor homossexual". No Rio, achavam que a tal Camila seria uma "mina mais velha, que fazia do cara — de 17 anos (!) — o que bem entendia".

Achamos que inovou alguma coisa. A música é cantada na primeira pessoa — uma coisa difícil de se fazer hoje em dia. E nos recusamos a usar imagens demasiadamente óbvias. Primeiro: botamos esse tema, que é a violência contra a mulher, numa parada de sucessos, com uma banda de rock. Segundo: inovou esteticamente porque é cantada na primeira pessoa feminina e por um homem. Pô, Chico Buarque era mestre em fazer isso."

Thedy: "A inspiração veio de um fato verídico, mas estendemos isso para as mulheres que apanham de seus homens e continuam com eles. Em 'Camila, Camila' aprofundamos mais, como se a garota estivesse se dando conta do lance. Tínhamos uma amiga, não muito íntima, que namorava com um cara supermelo. Nunca presenciamos cenas explícitas, mas desconfiávamos. E a garota era bem inteligente e, no entanto, mantinha o namoro. Passamos isso na música para questionar justamente essas relações tumultuadas... Chegamos até a ser procurados por algumas organizações femininas, que agradeceram por termos tocado no assunto... O que nos revolta é que, muitas vezes, as pessoas vulgarizam isso, reduzindo 'Camila' a um simples hit — uma música que tocou pra c* e só. Tem gente que chegou a comparálo com a música do Yahoo, quando é uma burrice. Yahoo, além de ser uma porcaria, é uma banda extremamente bem produzida. Se tu for ao nosso quarto, vai ver uma bateria que o Sady comprou hoje. Quer dizer, *conseguimos* comprar uma bateria depois de dois anos de estrada, fazendo mais de oitenta shows por ano, sabe?"

Foi realmente um sucesso de proporções surpreendentes, que provocou até a regravação da música com a letra em espanhol. Segundo eles, o primeiro lugar nas rádios era marcado por diferenças de 120 pedidos para "Camila" contra 45 para a segunda colocada. Daria até mais um estudo sociológico sobre a condição da mulher no Terceiro Mundo, tal a identificação tanto nas camadas mais populares quanto nas mais elitizadas.

Eu me recuso a aceitar que 'Camila' seja tão medíocre quanto 99% do que toca na rádio", se enfurece Carlos. E Thedy emenda: "Nenhum de nós três aqui é burro. A gente faz um esforço desgraçado para fazer umas letras pelo menos passáveis para nós mesmos, e de repente vem um cara qualquer e reduz isso a pó, sem tomar conhecimento algum. Bah! Isso aí irrita muito!" Carlos é quem finaliza.

Somos uma banda de garagem e isso transcende nossa sala de ensaios — é uma filosofia de trabalho. Não temos a menor pretensão de nos tornarmos grandiosos. E nossa postura não mudou nada com o sucesso, apenas foi aumentando o número de pessoas nos shows. Somos, às vezes, reconhecidos na rua, o que nos gratifica. Mas é como quando tu é gurí e ganha um autorama".

Depois da entrevista, vamos ao Aeroanta, onde se apresentam por duas noites. Ao ver a fila que se estende ao longo da calçada, Carlos comenta: "Por isso eu passei para o palco, para assistir ao show de lá de cima. Sempre odiei ver show da platéia".

A caminho do camarim, alguns toques sobre *Cardume*, o segundo LP que está saindo do forno. Primeiro, as novas influências. R.E.M., *Hunky Dory* (Bowie safra 71), Bruce Springsteen, década de 60 ("Uma sonoridade e timbres que fogem desta nossa época", diz Thedy), somando duas vertentes. Um lado acústico, bucólico, que lembra muito os moldes da MPB um pouco mais energizada, e um outro mais *hard*.

Talvez nenhuma das faixas de *Cardume* repita o sucesso radiofônico de "Camila, Camila", mas nenhum de nós está nem aí.

Sônia Maia

O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-OURO DO BRASIL transmite a quem o recebe toda confiança e credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.
Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.
O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA. Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro. Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

A SURPRESA DO VERÃO

"Ah não, mais um rostinho bonitinho metido a cantor!" Muita gente deve ter exclamado algo parecido quando Noel surgiu. Em sua rápida passagem pelo Brasil, o porto-riquenho convenceu a gregos e troianos que atrás daquele rostinho existia um popstar talentoso e honesto. Confira...

Bronx, Nova York. Bairro onde sobre viver é uma questão de coragem. Os esquecidos pe[illegible] os negros e os chicanos [illegible] chamados os imigrantes d[illegible] t na — se viram com expedientes que variam da prostituição ao tráfico de drogas. A pobreza e o desemprego fazem par com a violência e a criminalidade. O [illegible] expressão do hip hop é a trilha sonora por excelência do bairro. O curioso é que seu último "produto de exportação" não é black e não faz hip hop: Noel é o porto-riquenho que estourou nas paradas com "Silent Morning", uma cançãozinha pop dançante e romântica.

Noel Pagan até dois anos atrás levava a mesma vida dura que a maioria dos jovens do Bronx. Para um ex-membro de uma gangue de rua, que trabalhava como ajudante de cozinha e garçom num *nightclub* — que tinha o sugestivo nome de Inferno —, sonhar com fama e sucesso parecia perda de tempo.

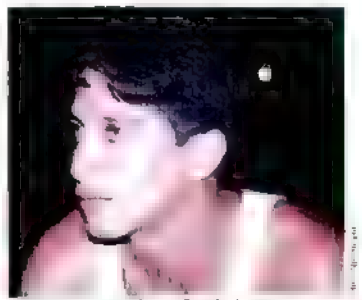
Mas a vida difícil não o desanimava. Noel sempre gostou de música — New Order, Depeche Mode e a *european dance music* eram os seus preditetos. "Eu estava sempre cantando, levando uma melodia, onde quer que eu estivesse ...", conta ele. Seus amigos, sabendo de um empresário que procurava um vocalista masculino, indicaram Noel para um teste. "Os caras sugeriram algumas canções. Eu tive que cantar 'I Write the Songs', de Barry Manilow."

Sua carreira só decolou mesmo quando entregou uma demo tape para Vito Bruno, dono do Inferno, que tinha amigos como David Bowie e Mick Jagger. A canção era "Spanish Mourning [illegible]u "luto espanhol" —, uma letra carregada de dramaticidade hispânica sobre a morte de um toureiro. Bruno percebeu o potencial, mas advertiu que a letra deveria mudar. "Eles me disseram: essa letra é triste, ela não interessa a ninguém." Noel teve que recorrer ao seu primeiro amor, aos 17 anos, para refazer a letra. "Eu era bem jovem e ela também. Era meu primeiro relacionamento longo. Nós ficamos juntos um ano, eu acreditava que era o verdadeiro amor e que não acabaria jamais. Eu estava enganado." Para o garoto de 17 anos deve ter sido terrível, mas para o rapaz de 21, idade de Noel a essa altura, a dor se transformou numa mina de ouro. As desilusões amorosas, ingenuas da primeira juventude são uma fonte inesgotável de matéria prima para o pop. Noel acertou na mosca.

"Silent Morning" se tornou um hit instantâneo nas pistas de dança de Nova York. Noel explica: "'Silent Morning' é uma música que fala de uma situação pela qual muitos já passaram, é uma música realista. É esse o motivo de seu sucesso." A crítica olhava com desdém e apenas algumas rádios já haviam incluído o hit em sua programação. Ainda faltava o golpe de sorte que transformaria o garoto pobre em popstar da noite para o dia.

A oportunidade não tardou. Bruno, agora empresário do rapaz, conseguiu que Noel abrisse um show que Madonna promovia para lançar Nick Kamen nos Estados Unidos. Kamen — aquele garoto que tirava as calças num anúncio da Levi's ao som de "I Heard It Through the Grapevine", de Marvin Gaye —, um inglês de rostinho bonitinho, iria se apresentar num badalado *nightclub* nova-iorquino, o 1018. Só que a atração de Madonna ficou ofuscada pelo brilho de Noel.

"Eu não via nada, não ouvia nada quando entrei no palco. Só pensava em cantar e fazer o que eu sabia fazer. Eu estava completamente apavorado, mas quando voltei para o camarim, esgotado, estava satisfeito. Sabia que tinha conseguido." A partir daí, pipocaram remixagens de "Silent Morning" nas rádios. Daí para a gravação do LP foi um passo. Noel e seu empresário Bruno se cercaram das "pessoas certas". Seis das nove faixas foram mixadas por Jellybean Benitez que produziu uma coletânea de dance music de Madonna, *You Can Dance*. Paul Robb — o cérebro do Information Society — cuja "What's on Your Mind" já é hit aqui — assinou a produção das outras três. E finalmente, o "rei" da acid house, Todd Terry, tocou teclados em "Silent Morning", "Like a Child" e "To Be with You".



Noel em sua estadia no Rio de Janeiro

Sua primeira turnê internacional, apesar de todo esse cartão de visitas, foi uma espécie de fracasso. A recepção na Inglaterra àquele cantor desconhecido, acompanhado apenas por máquinas, foi bastante fria. Mas serviu de lição. Noel precisava de uma banda.

O sucesso da turnê norte-americana mostrou que Bruno tinha razão. A banda tirou o ar excessivamente tecno das composições e acrescentou uma saudável batida de rock. Finalmente, a fórmula estava certa.

Antes de vir ao Brasil, Noel nem imaginava que "Silent Morning" também fosse um hit nestas terras. A carreira da canção aqui foi quase a mesma que lá em Nova York, com a diferença de que sua inclusão na trilha sonora da novela *Vale Tudo* abriu ainda mais as portas para o porto-riquenho.

O LP, *Noel*, que foi lançado sem nenhuma promoção, alcançou o índice de cinquenta mil cópias vendidas em apenas três meses. A segunda música do trabalho, "Like a Child", rapidamente se tornou sucesso nas rádios e nas casas noturnas. A repercussão de seus shows no Brasil também foi das melhores. Ribeirão Preto, São Paulo, Santos e Rio de Janeiro aprovaram por inteiro o porto-riquenho.

"A minha música é a música das ruas. Eu não faço nem hip hop nem technopop. Eu faço *latin music*", define-se, com um certo orgulho. Nas palavras de Noel transparece muita honestidade em relação ao seu trabalho. Talvez por isso ele tenha sido essa surpresa agradável. O empresário Bruno também defende essa teoria: "Quando as pessoas assistem ao show e veem Noel, elas percebem que ele não é um truque."

Os resultados da turnê brasileira foram tão além das expectativas que suas impressões do Brasil são as melhores possíveis. "É difícil achar uma palavra que transmita o que sinto pelo Brasil. Eu amei o Brasil. Volto assim que puder, ou para fazer shows ou para passear."

Noel voltou para casa depois dessa microturnê brasileira, mas sua casa não é mais no Bronx. O sensual ex-bad boy agora habita Long Island, subúrbio rico e sofisticado de Nova York, distante da poluição e do trânsito da metrópole. "Mas eu ainda não sou rico", defende-se o rapaz.

Nada mal para quem defendia o pão com o suor do próprio rosto. Os próximos planos ainda são meio vagos. "Não tenho nenhum trabalho em andamento. Quero trabalhar bem esse LP, mas eu sou imprevisível. Talvez eu grave Frank Sinatra. Não consigo andar numa trajetória prevista, não gosto de andar em linha reta." O italiano Giorgio Gruillespie, [illegible] da turnê brasileira, avisa que é possível que o pop romântico de Noel vá embalar os japoneses.

Noel é assim: em seus shows, clips e entrevistas está a mesma pessoa que é nas ruas do Bronx ou de Long Island. Ele se destaca no universo das armações — embora sua história se pareça muito com uma — pela sua honestidade e talento. *Marcelo Fetterman*

Flavor Flav, Terminator X e Chuck D

O FUROR DA PROFECIA

No meio da turnê de It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back, *recém lançado aqui*, Pepe Escobar *ouviu a Voz do apocalipse do Public Enemy*

O Public Enemy é — quer queira uma mínima parte da mídia não queira a mas- a conservadora — a mais crucial entidad musical Seu som é uma declaração de guerra. Sua capacia e gera otável. Mes- rilheiros: Chuck D — o mensage e rei da sílaba —, Flavor lav — o gélido lanterninha, o coringa e folião — Norman rminator X" Rogers — ssalto, e scratchador do ritmo Professor tro da informa- Mais a Segurança do Primeiro Mundo (SIW), cinqüenta blacks er s paramili- Panteras Negras do rap — tribais e hight derrubar governos. Apóiam os n culmanos n nico Louis Farrakhan locam nos cárcer ara. Con ados. Esse material

BIZZ — *Um garoto escuta um disco do Public Enemy pela primeira vez. Fica impressionado pelo assalto sonoro, mas não é americano do gueto negro e nem domina o inglês. Como você se apresentaria para esse garoto?*

Chuck D — Public Enemy fala de caos e injustiça; coisas que nos provocam raiva. Para muita gente, rap não passa de barulho, então nos resolvemos lhes dar o dobro de barulho. Assim ninguém mais vai ter dúvida. Mesmo assim, continuam a nos julgar não por nossa música, mas por nossas personalidades. Jornalistas só vêm a nós porque somos muito mais interessantes do que bonecos pré-fabricados que ganham Grammies.

BIZZ — *Vocês são muito explícitos ao vivo e em disco, mas a mídia branca pega vocês na esquina, sempre pelo que falam e os taxam de radicais, fascistas e perigosos separatistas. Isso é mais um complô branco?*

Chuck D — Public Enemy fala para a nação negra de todo o mundo. O que nós falamos em entrevistas são verdades que ninguém — especialmente os brancos — gosta de ouvir a esse ponto, completamente f**s. Temos algumas propostas de solução. Os negros na América têm que ser tratados como superiores, caso contrário, nunca haverá igualdade com os brancos.

BIZZ — *Ok, você se qualifica "mensageiro da profecia", faz uma política militante black que não exclui a violência. Você acha mesmo que isso pode funcionar para alertar a raça negra?*

Chuck D — O tratamento superior à raça negra é uma compensação natural por mais de 400 anos de tratamento inferior. É uma questão de bom senso. Negros não deveriam pagar impostos. Deveríamos receber uma grande parte da terra dos brancos que nos cultivamos. Deveríamos receber uma compensação financeira por tudo que aconteceu — 200, 500 bilhões de dólares. Nunca alguém vai pagar pela f* destruição mental de 400 anos.

BIZZ — *A violência pode ser muito sedutora como matéria-prima de uma música de protesto como o rap — mas a violência real é outra coisa. Você acha que ela se justifica em qualquer caso?*

Chuck D — Não há outro jeito. Deus é violento. Nós só respondemos às ordens dele.

BIZZ — *Sim, mas qual deus? Não é o Deus cristão?*

Chuck D — Não, não. O deus dessa religião que se chama cristianismo é um deus branco e nós não temos nada a ver com ele.

BIZZ — *Vocês têm algumas noções históricas no mínimo fora do comum. Como é essa história de que Darwin estava errado — o homem não descende do macaco — mas o homem branco é que teria cruzado com macacos?*

Chuck D — A teoria de que o homem evoluiu do macaco é uma mentira. Para muita gente isso pode soar como um choque, mas nós sabemos que a raça que é hoje chamada de branca, ou raça caucasiana, veio das montanhas do Cáucaso. Os brancos não sabem nada do que aconteceu nas montanhas e nas cavernas da Europa. Os brancos sempre disseram que os negros eram ignorantes, tinham rabo, não eram nem mesmo humanos, mas não foram os negros que cruzaram com macacos e cachorros, foram os brancos. Não eram os negros que comiam carne crua com sangue escorrendo, eram os brancos. Não eram os negros que andavam nas cavernas dentro de uma roupa de pele de carneiro e com um tacape na mão. Eram os brancos. Enquanto os brancos moravam nas cavernas, os negros já tinham civilizações. A raça negra sempre soube de tudo isso. Os brancos não.

BIZZ — *O Public Enemy usa o rap como o púlpito de um pastor. Vocês se consideram como verdadeiros mensageiros de uma profecia?*

Chuck D — Nossa mensagem é a mesma de Marcus Garvey, Nat Turner, Louis Farrakhan, Malcolm X. Todos os que portavam essa mensagem foram mortos ou exilados de suas terras. Um profeta é alguém que traz uma mensagem de Deus para salvar as pessoas. O meu povo é vítima de uma escravidão mental, mas eles escutam rap. Rap é a estação de TV da América negra.

BIZZ — *Rap é um som de gueto e protesto e o sistema cooptou todos os fronts, com exceção de uma linha de frente como o Public Enemy, KRS-One, Schoolly D... Vocês não acham que correm o risco de virar uma caricatura de si mesmos, por excesso de exposição [illegible]?*

Não importa onde: o Public Enemy leva seu rap de combate e conscientização até para dentro das prisões. Aqui, Chuck D conversa com um grupo de detentos depois de uma apresentação do grupo na New York City Correctional Institution for Men, em Rikers Island

[illegible]

Na edição passada, Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá contaram, em detalhes, toda a história da turma de Brasília — dos primórdios do Aborto Elétrico e de bandas como Blitx, XXX, SLU..., que culminaram nas conhecidas Plebe Rude e Capital Inicial. Lembranças de quando Renato Russo era DJ e de como a turma foi crescendo até compor um cenário forte o suficiente para que os primeiros gritos candangos ecoassem pelo Sul do país. Aqui, o trio finaliza esta narrativa e descreve a chegada a São Paulo e Rio de Janeiro — o encontro com os punks paulistas, o choque com o grande centro urbano e a opção de morar em solo carioca. De quebra, um box cronológico para você não perder o fio da meada enquanto se delicia com esta autobiografia ▶

LEGIÃO URBANA

DO ABORTO ELÉTRICO AO GLOBO DE OURO

PARTE II

E BALOAN

OCEAN PACIFIC

1 0 0 % S U R F J E A N S

BIZZ *Vamos voltar à semana de Rock Brasiliense? Como estava o Legião nesta época (83)?*

Dado Começamos a levar mais a sério o lance de banda. Fazíamos as músicas e as apresentações com um objetivo.

Renato E também tem outra: as pessoas que desarvoravam muito, realmente não participavam tanto. E nessa época *(final de 82, 83 e 84)* já tínhamos nossa sala de ensaio no Brasília Rádio Center — pagávamos a água. Tínhamos um sistema de cooperativa e lá ensaiavam três bandas: o XXX, a Legião e a Plebe. Fazíamos turnos. Então, envolvia uma certa organização — você tinha de manter a sala limpa, não podia pegar a chave na vez dos outros.

Dado Desde o dia em que eu entrei na porra da banda, já pintou uma coisa assim.

Renato Pera lá! O status dele mudou, porque agora ele era do Legião Urbana. Mas o Legião nunca teve concorrência com ninguém. Tinha uma concorrência acirrada entre a Plebe e o Capital, não sei bem por quê, razão. Acho que é porque o Fê e o André Muller tinham combinado com o André Pretorius de fazer uma banda — ele ia ser o guitarrista, o Fê baterista e o Muller, quando chegasse da Inglaterra, seria o baixista. Só que eu entrei no meio e fiz o Aborto Elétrico primeira versão, entendeu? Aí o André Muller fez a banda dele *(SLU, Metralhas — bandas que entraram na Plebe Rude)*. Acho que pelo fato do André e o Fê nunca terem tocado juntos, pintou uma de "vamos ver!"

Dado Exatamente. E o André chegou num desses verões, numa segunda-feira à noite, naquele show da Livraria Galileu, lembra?

Renato Sim. E a Blitz ficou sendo conhecida como a primeira banda punk do Brasil. Eles ficaram putos porque num release escrevi a palavra "invejosos". Para toda apresentação eu fazia um xerox explicando a banda, colocava todas as letras porque debaixo daquela microfonia toda, ninguém entendia o que estávamos falando. E neste release eu coloquei "invejosos, os rapazes da Blitz formaram sua própria banda". Mas para que eu fiz isso! Os caras ficaram "pês da vida". E eles fizeram esta apresentação na Livraria Galileu. Era uma coisa muito louca, porque essa Galileu tinha um barzinho no andar de cima onde serviam bebidas naturais, guaraná, estas coisas. Imagine chamarem os punks para tocar lá. Foi um *frisson*, um escândalo, super legal.

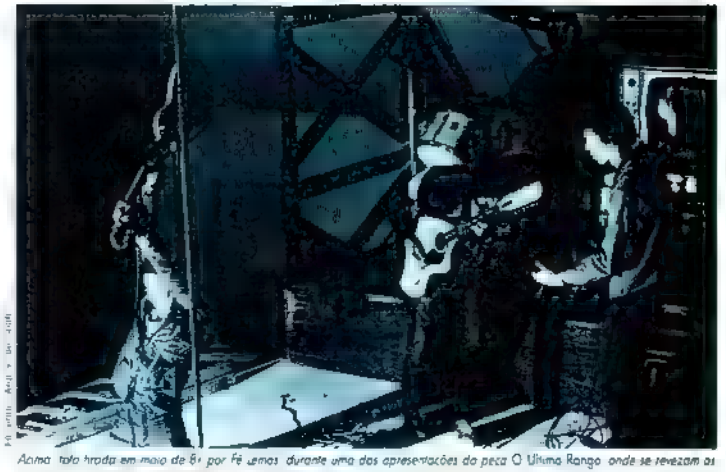
Dado Eu lembro do André Muller, sentadão com seu recém-chegado baixo Fender. Ele pegou o baixo e jogou-o de cima por algum motivo. Quer dizer, era o primeiro Fender que a gente tinha visto na vida!

Renato Mas o André fazia essas coisas. Uma vez ele foi na escola e estava tendo uma festa lá. Não sei por que cargas d'água ele escondeu os discos debaixo do carro — tinha melhor o segundo LP do Comsat Angels, *(Waiting for a Miracle* 80). Quando ele voltou, os discos não estavam lá, naturalmente. Até hoje eu pergunto para o André sobre aquele Comsat. Numa outra festa, ele ficou puto não sei com o que e pegou o *Work Bitch* dele e quebrou. Aí eu falei: "Pô, dá para mim". E ele: "Não, vou pegar de volta".

BIZZ *Falem um pouco mais da repressão.*

Dado Nunca fui preso, nunca estive numa delegacia.

Renato Era tão louco, nem eles sabiam o que era. Implicavam com todo mundo. Era a época da redemocratização. A Colina, que era nossa base bem no comecinho, era também a residência dos professores da UNB — gente da esquerda que não podia falar... E volta e meia vinham as joaninhas — não, nem joaninhas, era verdeinho mesmo. Essa história de "Verão Vascaína" é por causa disso. Eles entravam na universidade, aquelas coisas de bater em estudante etc. O nome Aborto Elétrico é justamente porque eles inventaram em 68, os cassetetes elétricos que davam choque. Num dessas batidas, uma menina que estava grávida nada a ver com a história, levou uma tal daquelas cacetadas e perdeu a criança! Coisa de mau gosto! Então, Aborto Elétrico era o que representava a música da gente. Agora, a repressão existia em vários níveis em todos os lugares. Tinha de se ter muito cuidado com o que se falava — não podia falar mal do governo, nada. Nem bzzzzzzz. E era só verem um grupo de jovens juntos que vinham estragar tipo desmancha prazer. Hoje ainda continua. Cada quatro quadras tem uma viatura especial, com telefone especial... Você viu o que aconteceu no show de Brasília não? Lá é muito bravo mesmo. Mas a primeira vez que eu fui preso foi o seguinte: já te-



Acima, foto tirada em meio de 84 por Fê Lemos durante uma das apresentações da peça O Último Rango, onde se revezam os vários integrantes das bandas locais numa espécie de jam-session. Renato Russo ameaça levar a guitarra à lona, enquanto Geraldo Lopez (baixo), Loro (no violão - 2 vezes), e Marcelo Bonfá (bateria), fazem o coro. Abaixo, foto histórica da Blitz 64, dicada por Fê Lemos em março de 80. Da esquerda: Geraldo (atual Escola de Escândalo), Loro (atual Capital inicial) e Guto (atual Plebe Rude).

Primeiro ano de divulgação e lançamento do primeiro LP. Aqui começava a grande escalada do Legião Urbana

nhamos a turma punk e nessa época era meio perigoso, porque os boyzinhos começaram a dar porradas nos mais fraquinhos da turma. No André Muller e no Pretorius nunca batiam porque eles eram enormes. Mas os garotinhos de 13 anos, como o irmão do Zé Renato, usando brinco, pronto: vai lá e toma porrada! Eu sempre tentava apaziguar os ânimos. Dizia: "Não, gente, vamos explicar o que é que é. Quem sabe eles entendem". Nesse dia eu, com minha roupa punk e toda a turma, falamos: "Vamos para outro lugar, não vamos ficar aqui (isso foi ...)". Já estávamos indo embora quando chegou esta galera de 15, 16, 17 anos, todos com aquele uniformizinho igual, sabe, roupa assim de jovem normal, boyzinho. E chegou o liderzinho, um cara inteligente: "Por que, se vocês são brasileiros, ficam rabiscando a camiseta com essas coisas em inglês?" e eu explicando, tentando convencer: "Pô, vamos ... todo mundo amigo. Olha, tenho um ... aqui. Vamos cheirar?" O cara que estava do lado dele era federal, e: "Mão prá cabeça!" E foi um teatro só. Ele pegou uma varetinha como um chicote e disse: "Na parede! Abre as pernas!" E os boyzinhos ... gritando: "Punks se fodeu! Punk se fodeu!" Uma coisa estúpida, porque a primeira coisa que o federal fez foi jogar a garrafa de lolo para os boyzinhos. E eles ficaram lá, cheirando. Eu fiquei tão puto com isso! É contra a lei e tudo, mas foi aí que eu vi como era realmente a corrupação. Passei a noite no xadrez. A segunda vez, na festa do Estado, foi mais humilhante. Fora o que aconteceu na "Roconha". Nesta festa (dos Estados) estava lá eu — foi quando o John Lennon morreu — com os meus *badges*, meu cabelo colorido da Mônica, bêbado, falando para todo mundo: "Alô! Eu te amo! A vida é bela!" Perguntava o signo — nessa época eu lia Taro, fazia mapa astral, um híbrido total. E de repente veio um cara e me deu um puta soco. Eu não me lembro direito porque eu estava bêbado. Mas fui parar lá no porão da prisão. Mandaram eu tirar a roupa. Horrível!

BIZZ *Você falou em "Roconha"...*

Renato Roconha era o seguinte. Tinha uma galera com um sítio — acho que era filho de um médico, sei lá. Então fizeram três Roconhas — a primeira parece que foi um escândalo, o máximo, mas ninguém ficou sabendo. Eles abriam a fazenda, o pessoal chegava de carro e ficava ouvindo som, você arrumava uma menina, ficava na boa com ela, fumava unzinho... A segunda foi mais divulgada. Fizeram um convite com um mapinha numa sede, dizendo: "traga o seu". Bem, aí nos juntamos na casa do Fê, todo mundo de gala, com correntes e tudo, e fomos todos para a Roconha. Mas nem entramos! Já tinha policial para tudo quanto é parte — parecia até cena do Kojak, com cachorro e tudo. Já entramos com a mão na cabeça, uns cinquenta jovens sentados naquele chão de verão que fica uma poeira só. O que teve de vestido branco que se acabou nesse dia...

Dado E eles: "Quem é filho de militar para cá. Os menores, para lá."

Renato E eles nos dividindo e a gente: "Não! Temos de ficar juntos!" Foi uma coisa psicologicamente muito ruim. Mas quem sofreu mesmo foram os menores. Abusaram mesmo! Os pais iam lá pegar as garotas e eles falavam: "Sua filha é uma piranha, andando com maconheiros." Aquelas menininhas de 13 anos chorando, chorando, chorando. Foi horrível! Aí fizemos "Veraneio Vascaína".

BIZZ *Tem uma coisa curiosa! Você falou várias vezes no nome do Sid Vicious. Eu sinto que ele foi um marco de ... mesmo.*

Renato Quando o Sid Vicious morreu eu chorei, chorei de raiva. Foi o primeiro porre da minha vida — tomei uma garrafa de ... nho Chapinha. Ele era meu ídolo! Ídolo! Eu tinha um crocodilozinho empalhado que era o Sid — bem, qualquer coisa para horrorizar meus pais, né! — e também um mural imenso no meu quarto, onde eu rabiscava com caneta pilot: "I Wanna Be a Junkie". O meu sonho era ser junkie. Então eu lia *Christiane F.* e ficava: "Ahahahahah!" Tirando isso, eu lia as entrevistas dos caras e eles só falavam coisas que tinham a ver. Tem uma coisa que surpreende. Você pode pensar: "Sid Vicious era um idiota!" Não, não era. Ele que acreditou naquele filme dele, mas só falava coisas legais. Uma música que eu gostava muito era "Bodies", contra o aborto. Nunca imaginei uma postura assim da parte deles. Tinha uma revista que eu gostava muito, chamada *Zig Zag (fanzine que chegou a virar revista e fechou em 86)* e, dentro dessas coisas do punk, era a melhor para se ler — umas superentrevistas. Lembro que fiquei, putz, surpreso com a posição dos caras: falavam realmente da injustiça que existia, da vida em geral, coisas que o Bob Dylan já tinha falado, mas não com tanta veemência. Quando me deram a notícia de que tinha morrido um Sex Pistols, eu pensei: "Nossa, foi o John Lydon!" Mas aí não tinha sido. E foi gozado, porque nessa época (79) a gente mal estava ouvindo o segundo LP, *The Great Rock'n'roll Swindle*, porque era muito difícil de conseguir. Só conhecíamos "My Way", "I Wanna Be Me", algumas faixas — quando tocava "My Way" era uma catarse total, muito emocionante! Quando o Vicious falava coisas como "Olha, eu posso ter feito o que fiz, mas foi feito à minha maneira, afinal é minha vida e ninguém tem nada a ver com isso", era muito intenso. Às vezes eu tenho certos flashes — numa fração de segundos lembro exato como era a coisa física, a energia que eu sentia. E claro, quando ele morreu, apareceu o PIL. Aí que realmente começou tudo. O *Metal Box* bateu, mas, putz, bateu mesmo. Eu achava aquilo muito bom a nível de idéias. Porque, independente do punk, eu lia muito. Já estava lendo Thomas Mann — coisas de ... em, que começa com Herman Hesse... Lia muito Fernando Pessoa. Então deixou de ser aquela coisa: "Minha namorada brigou comigo, eu não quero, não quero, vou cheirar cola etc." Passou a ser uma outra coisa. A era Joy, muito Joy Division. *(Closer)* ... a gente ouvia este disco! Não sei como não ficávamos deprimidos. Era entrar na Variant do Fê, tocar aquele ... e vamos embora! Foi quando começamos a mudar a roupa, a andar como andamos agora. Mas eu

MÚSICA URBANA

Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
cantam música urbana.
Em cima dos telhados as antenas de TV
tocam música urbana.)
Motocicletas querendo atenção às 3 da manhã
é só música urbana.
Os PM armados e as tropas de choque
vomitam música urbana.
E na escola as crianças aprendem a repetir
a música urbana.
Nos bares os viciados sempre tentam conseguir
a sua música urbana.
O vento forte seco e sujo nos cantos de concreto
parece música urbana.
E nos pontos de ônibus estão todos ali
vivendo a música urbana.

Não há ...
nem verdade aqui
só há
a música urbana.

Aborto Elétrico

Ico Ouro-Preto – guitarra
Flávio Lemos – baixo
Felipe Lemos – bateria
Renato Russo – letras, vocal.

Todas as músicas © 1981 Aborto Elétrico.
Todos os direitos reservados.

All Rights Reserved Copyright 1981.

Alô multinacionais.
Goodbye inocência.

Acima, release do Aborto Elétrico ...; abaixo, página do Correio Braziliense (9/12/84) reportando shows do Legião, Capital e Lobão

Legião Urbana estreando em disco

junto, instrumento que sempre dividiu com o violão. Depois viria a trabalhar com Luis Melodia, Patrick Moraz, Jim Capaldi, Marina e Gang 90.

Guto e Lobão fizeram parte, também, do núcleo inicial da Blitz. Guto Barros é, inclusive, um dos autores do primeiro sucesso dicou a Tom Jobim. Há ainda baladas como **Abalado** e **Me Chama**, o grande hit do grupo no momento. Talvez o brasiliense não possa ouvir **Teoria da Relatividade**, que teve sua execução pública proibida. A censura não gostou do triângulo amoroso descrito: **Livros na minha cabeceira/ e ela na cama com outro rapaz/ (...)/Enquanto eu leio, os dois se beijam/me mandam passear/eu sei que a cama é pequena demais para nós três.**

LEGIÃO URBANA

Seguindo o exemplo dos seus amigos do Paralamas do Sucesso, o pessoal do Capital Inicial foi à luta. Deixou Brasília, onde seu trabalho não obteve, inicialmente, o reconhecimento devido e foi para o eixo Rio-São Paulo transformando-se na sensação das danceterias.

Foi tão grande o sucesso obtido pela Legião em locais como **Rádio Clube**, **Rose Bombom**, e **Circo Voador**, que imediatamente a **EMI-Odeon** convocou para a gravação de um disco. Inicialmente era para ser gravado um compacto, mas a coisa evoluiu e agora está chegando às lojas o elepê de estréia do grupo, trazendo músicas como **Será** (é a que vai ser trabalhada inicialmente), **Geração Coca-Cola**, **Soldado**, **Por Enquanto** (eletrônica) e **A Dama**.

É tão grande o prestígio de Renato Russo (vocal), Dado Villa-Lobos (guitarra), Renato Rocha (baixo) e Marcelo Bonfá (bateria) no Rio de Janeiro, que Ricardo Amaral, o rei da noite, os convidou para tocar na inauguração da **Mamão com Açúcar**, a nova e badalada danceteria carioca.

CAPITAL INICIAL

Juntamente com a Legião Urbana e a Plebe Rude, o Capital Inicial forma o triunvirato do rock brasiliense, ou de uma das vertentes do rock candango: a dos punks. Embora não aceitem muito este rótulo, foi através dele que eles ficaram conhecidos e que chegaram com sucesso ao Sul Maravilha.

Integrado por Louro (guitarra), Fê (bateria), Flávio (baixo) e Dinho (vocal), o Capital Inicial vem, igualmente, fazendo o circuito das danceterias paulistas e cariocas. Hoje a temática do Capital ainda lembra os punks mas sua música está aberta a outras influências, incluindo ritmos como o baião.

CRONOLOGIA

1978 Em meados deste ano forma-se o primeiro Aborto Elétrico, com Renato Russo (baixo), André Petrórius (guitarra) e Fê (bateria). Ensaiam até 79.

1980 janeiro: primeiro show do Aborto no Gilberto Salomão. □ **Abril** segundo show já ao lado da Blitz 64, que depois virou Blitx, formado por Loro (atual Capital Inicial, guitarra), Geraldo (atual Escola de Escândalo, baixo) e Gutje (atual Plebe Rude, bateria). Entre 80/81, André Pretórius vai para a África do Sul e Renato assume a guitarra. Entra Flávio Lemos (baixo) e permanece Fê (bateria). Até então, tanto Blitx como Aborto não trabalhavam com letras e cantores. Ainda neste ano realizam-se as duas famosas Roconhas.

1981 André Müller volta da Inglaterra e forma os primeiros esboços da Plebe Rude — que chegou a chamar, entre outros nomes, SLU e Metralhas — da qual participou, entre outros, Bonfá, atual bateria Legião Urbana. □ **Abril** primeiro show pago das bandas Aborto Elétrico, Blitx, 5ª Coluna e primeira formação da Plebe. □ **Julho/agosto** terceira e última formação do Aborto Elétrico. Entra Ico Ouro Preto (guitarra), Renato Russo (vocal/letras), Fê (bateria) e Flávio Lemos (baixo). □ **Novembro** realiza-se aquele que seria quase o último show do Aborto, na sala Funarte ao lado da Plebe Rude (em sua definitiva formação, mantida até hoje), Blitx, Sepultura e Fusão.

Renato Russo e turma são presos na discussão com os boyzinhos.

1982 Renato Russo, sai definitivamente do Aborto Elétrico e passa a fazer um trabalho solo, até montar o Legião Urbana neste mesmo ano com Bonfá (bateria), Eduardo Paraná (guitarra), Paulo Paulista (teclados) e ele (vocal/letras/baixo). Flávio, Fê e Ico mantêm o Aborto. Ico sai do grupo e, no Expo Art 7 (maio) Fê chama Renato para participar do derradeiro show do Aborto. Começa o reinado da Plebe Rude. Nesta época já havia, entre outras, as seguintes músicas: "Fátima", "Conexão Amazônica", "Benzina", "Verde Amareto", "Que País É Este". □ **Julho** Loro chama Fê para o Capital e Flávio também vai. Até maio de 83 uma garota assume os vocais, momento em que entra Dinho, compondo o atual Capital Inicial.

1983 Eduardo Paraná e Paulo Paulista saem do Legião. Ico Ouro Preto assume a guitarra por um certo espaço de tempo, sendo substituído por Dado já na semana de rock brasiliense do Teatro ABO, em abril deste ano. □ **Julho** dirigem-se para o Rio, Legião, Plebe e Capital para o primeiro show numa grande cidade, realizado no Circo Voador.

XXX antigo Blitz 64, Blitx, formado por Geraldo, Loro e Gutje.
Dado e Reino Animal banda da qual fizeram parte Dado, Dinho, Loro, Bonfá e Pedro Thompson.

METAL PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

APRESENTAM The Jack of Hearts

O SOM ELETRIZANTE E FUTURISTA DO

SIGUE SIGUE SPUTNIK

we invented the future

LANÇAMENTO DA TOURNE MUNDIAL

DIAS 9-10/05 RIO

DIAS 12-13-14/05 SÃO PAULO

INFORMAÇÕES 815 0189

APOIO CULTURAL BIZZ

EMI

nunca fui junkie. Era só "I Wanna Be a Junkie" mesmo. O que eu fazia na época era tomar um porre. Na verdade, tudo acontecia porque eu me identificava com todos esses párias — Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison... os loucos em geral. Hoje em dia, eu ser que isso não é legal! Parece que é a coisa mais linda do mundo você morrer de uma overdose de heroína, mas não é. Não é *mesmo!* Em Brasília rolou aquela coisa bem de Christiane F. Eu fiquei até muito chateado, porque depois algumas pessoas escreveram o *review* dos shows da Legião e falaram que "eu fazia posturas nazistas, falava de drogas como se soubessemos o que era aquilo". Eu não pude falar na época, mas quase me deu vontade de dizer: "Olha, a gente não só sabe como é, como a gente viveu isso também. Aquela coisa da R. e o F. com seringas na lata do lixo. Dado, Dinho, naquela vespinha — vamos para a 202... Isso começou a degringolar. Mas o pessoal original, os mais velhos, não andavamos com essa turma.

Dado Eu era o presidente do Clube da Criança Junkie.

Renato Mas, também, era qualquer coisa para se divertir. Se alguem tivesse uma ideia, tipo, vamos dar um passeio de bicicleta, todo mundo ia. Era tão louco! Passeio de bicicleta ou baseado. Não tinha muito parâmetro. Era uma coisa naturalmente muito irresponsavel.'

BIZZ. *Nessa época de Brasília, vocês tinham contato com o que estava acontecendo em São Paulo, por exemplo?*

Renato Não! A gente achava que nós éramos os únicos punks do Brasil!

BIZZ. E como vocês ficaram sabendo? Alguem foi para lá?

Dado Eu. E vi um cara com uma camiseta do Ramones.

Renato Quer dizer, algumas pessoas falavam. Por exemplo, o Ezequiel Neves, em sua coluna, onde ele assinava Zeca Jagger, Zeca Rotten. Mas parou aí. A gente realmente achava que não tinha nada.

Dado Na verdade, quando eu ia a São Paulo de férias, ficava nos Jardins, na casa da minha prima milionaria. Quando fomos ao Napalm *(casa noturna paulista, uma das primeiras a agregar punks e new wavers)*, em 83, é que sentimos! Aí foi foda!

Renato Porque até então era só o lance musical. O *Punk Rock Movie* — que mostra o Clash no começo, Siouxsie —, conheci só no Rose Bombom *(outra casa noturna de São Paulo)*. Fiquei horrorizado! Se eu soubesse como era na época em que a gente estava em Brasília... Não tinhamos vídeos, nada. Então, assistir a Siouxsie conversando com a Cat Woman com aquela garrafa de água mineral cheia de bolinhas na mão e engolindo tudo...! O Sid Vicious se cortando com a gilete, sabe, aquilo era muito, muito negativo. Paradoxalmente, a gente tinha essa coisa toda do punk mas era muito positivo — pegávamos sol de manhã, íamos ao mar, uma coisa supernatural. Quando fui a São Paulo, pensei: "Opa! Isso é verdade?" Quando tocamos no Napalm, meu Deus! Que paranóia! Se eu soubesse, tenho certeza de que não tinha batido tão forte. Imagine eu, que tenho formação católica... Rebeldia, rebeldia, mas...

Dado Acho que o glamour todo tomou uma forma muito negativa. Você ver o cara se cortando com a gilete, aquilo não fazia parte da nossa viagem.

Renato E era meio brabo. Brasília começou a ficar brabo com o Clube da Criança Junkie.

BIZZ. *Mas contem mais sobre a chegada em São Paulo.*

Renato Eu era o empresário da banda e não sei por que cargas d'água viemos para o Rio e aqui ficamos sabendo de algumas casas noturnas em São Paulo. E eu entrei em contato com o pessoal de lá — lembro que ficava horas e horas falando com a Fernanda *(empresária do Legião Urbana durante um tempo e atual mulher de Dado)*, e ela já conhecia muitas bandas. Porque, mesmo entre as pessoas que sabiam de certas bandas, havia algumas — como Young Marble Giants, minha favorita — que pouca gente conhecia. E pintou uma superempatia, pois a Fernanda tinha morado em Nova York... Bem, e assim armamos essa apresentação em São Paulo.

Dado No dia do show, eu lembro, estava havendo uma polemica, porque o dono da casa, o Ricardo Lobo, em vez de pagar cachê para as bandas, fornecia um vídeo. Só que ainda por cima você tinha de dar a fita para ele gravar. A gente passando o som e estavam lá as Mercenárias, o Thomas Pappon, sei lá, um monte de gente discutindo com ele sobre esse esquema. Pensamos: "Não vamos deixar filmar também. Vamos tomar partido da nossa classe". Subimos no palco e Ricardo pegou o vídeo e "pow!". Aí desceu o Bonfá da bateria, dizendo para ele parar de filmar. Hoje em dia, é uma pena porque somos a única banda que não tem vídeo daquela porra!

Renato Mas temos alguns do circo voador.

Dado Foi nesse momento que fizemos os primeiros contatos com os punks de verdade. Mas mesmo que não tivesse punks, teria nos chocado. Lembro de uma tarde, quando fomos tomar uma Coca-Cola no bar ao lado do Napalm antes do show. Na hora que eu entrei, viraram uns vinte caras e "blam!" *(imita uma cara de mal encarado)*. Aí estavam quem? Marcinha, Clemente... Fiz amizade com o Clemente *(Inocentes)*. Olhei para ele e pensei: "Esse é o cara!" Aí perguntei: "Tá a fins de uns convites?"

Renato Então eles perceberam que a gente sabia de alguma coisa, porque usávamos as camisetas, as roupas e tudo. Mas, comparando, éramos filhinhos de papai em Brasília.

Dado Tanto que no show o pessoal falava: "Mais forte, filho de general!"

Renato Mas acho que as pessoas gostavam. A gente sempre teve uma coisa assim meio pop. O Aborto era meio MC5 e o Legião mais Jam. Mas acho que eles gostavam, porque até hoje temos amigos lá. Se fossemos uma banda ruim mesmo, não deixariam a gente tocar no circuito todo que fizemos. Woodstock, Clash, Paradise etc. Era bacana porque tinha uma galera que sempre ia aonde a gente tocava.

Dado Tinha o Alex *(Antunes, ex-Akira S e as Garotas que Erraram, bem conhecido dos*

Terceiro aniversário da Radio Fluminense, R., maio de 85. Renato Russo, Herbert Vianna, Roger (Ultraje a Rigor), entre outros

...adores de BIZZ), a Rutinha (*ex-Cabine C*) no Rádio Clube

Renato (*cortando Dado*) O Rádio Clube era horrível! O Rádio Clube era horrível

Dado (*retomando*) Logo depois da gente ia tocar o Terço. Eu desci e chegou o Alex dizendo: "Aí, tá vendo, seu merda! Vai lá assistir o Terço e aprender a tocar guitarra." Eu olhei para ele com uma cara de ódio

Renato Gozado, porque era só o Napalm mesmo. Os outros lugares eram mais classe média alta. Agora, o Napalm era um lugar tão... (!!!) A gente via aqueles junkies entrando no banheiro e comentava: "Olha, olha! Será que é mesmo de verdade? É sim, é sim". Mas mesmo em São Paulo já estavam rolando outras coisas — o pessoal já estava mudando, como a gente já tinha mudado em Brasília

BIZZ *Detalhem mais essa chegada em São Paulo. O que chocou, além do Napalm?*

Renato A gente foi de ônibus e não sabia... Porque eu nunca percebi nossas letras como uma coisa urbana. Era, mas eu via mais como uma coisa emotiva

BIZZ *Então por que o nome Legião Urbana?*

Renato Por causa da turma e porque éramos da cidade. Eu sempre inventava nomes para a turma. Era para ser Organização do Desespero, O.D. Mas aí as pessoas falaram: "Pô, Renato! Que nada! A gente não é dessa turma!" Depois foi Sociedade Pré-Cambriana. Não deu certo e a organização virou desorganização. Sempre gostei de "tchurma". Desde pequeno eu era ligado em filmes de "tchurmas" e, aí, armei a turma. Eu era muito pentelho — juntava as pessoas, tipo "o que vamos fazer hoje, vamos mudar o mundo", e não-sei-o-quê. Eu era uma espécie de catalizador. Várias pessoas eram, mas eu insistia muito nisso. E eu nunca tinha percebido o lance de cidade mesmo, desemprego... Isso me espantava muito. A gente morava bem e em SP fomos para lá no *basfond* mesmo, na sujeira. A Fernanda morava perto da praça da República e era aquela coisa: você abria a porta da geladeira do apartamento de um cara e tinha lá só um litro de vodka. Coisa de junkie (*risos*)! E eu, "Mamãe! Eu quero minha mãe!"

Dado O Minho K (*guitarra Verminose, Voluntários da Pátria e N.º 2 nessa época, e atual Três Hombres*) era o mais alucinado!

Renato Era fogo, porque, gozado, a gente estava acostumado a acordar de manhã, geladeira cheia e, em São Paulo, íamos tomar um chocolate no boteco e falávamos: "Moço, põe mais um pouquinho de Nescau!" E ele: "Não, tem de pagar mais tantos cruzeiros". E a gente, "Por favor!" Vivíamos assim, de iogurte, *on the road* mesmo, dormindo no chão, superemocionante

Dado Edgard (*Scandurra, Ira!*) emprestava os pratos — eu andava São Paulo inteira atrás de instrumentos

Renato Poxa, como o pessoal ajudou a gente! Principalmente em SP. Ajudaram com equipamento, com lugar para ficar. Hoje deve estar totalmente diferente. As vezes alguém me liga e pergunta: "Renato, tô com uma banda e tudo". E eu fico pensando: Poxa, que pena que não é mais como antigamente!" Tinha muita briga — o pessoal de São Paulo brigava muito entre si. Tinha a história das mulheres dos Titãs, que brigavam não sei com quem etc. Mas, em relação as bandas de fora, o pessoal era amigo de todo mundo. Claro, umas pessoas eram mais amigas que as outras. Então, o pessoal do Azul 29 ajudou a gente pra caramba. Até as coisas menores, como pagar um milk shake ou dar uma carona para tal lugar. Ou explicar um pouco como funcionava a cidade. Eu lembro das pessoas falando: "Olha, não liga não. SP é assim mesmo!" E a gente andando de metrô... parecia que estávamos na Alemanha. Porque em Brasília morávamos com os nossos pais. Éramos rebeldes e tal, mas domingo, três da manhã, voltávamos para casa. Em SP foi a primeira vez que tivemos

> "O Rio parecia mais seguro, saudável. SP dava um certo medo" (Renato Russo)

contatos com jovens da nossa idade que moravam sozinhos, que tinham um emprego, que tinham sua própria casa, sua própria vida, e ninguém mandava neles. Isso foi um lance muito importante para a gente. Ficávamos até sem graça de fazer certas coisas. Uma coisa é você se rebelar em Brasília contra seus pais e outra é você em São Paulo. Vamos nos rebelar contra o quê? Aí você olhava para aquela turma e pensava, "Poxa, somos os mascotes aqui. Eles são mais velhos, sabem de tudo". O que sempre me interessou nas pessoas foi se elas faziam alguma coisa. Então tinha o Calegari (*atual 365*) que agitava várias coisas, o Cadão (*Fellini*) escrevia, o pessoal trabalhava e isso era muito legal. Em Brasília, embora eu trabalhasse desde os 17 anos, a maioria do pessoal não fazia nada. Era o carro que o papai deu para ir ao clube. Eu conversava com eles mas não tinha aquela afinidade. Em São Paulo pintou esse pessoal todo e eu me identifiquei com isso. Meu sonho era ter um apartamento como aqueles, juntar alguns amigos e ter toda a liberdade. Porque em Brasília, nas questões de sexo, por exemplo, eu era muito imaturo, ainda. Uma coisa que me impressionava em São Paulo era que todo mundo já era casado. Todo mundo transava livremente. Em Brasília as pessoas namoravam e tudo o mais, mas era meio escondido — sexo era uma coisa que rolava, mas não muito. Em SP tinha essa maturidade de comportamento. Eu já tinha transado antes de chegar lá, mas a primeira vez que me senti como um homem — tipo, agora sim, estou transando — foi em SP. Isso foi uma coisa muito importante para mim

Dado Rolou total lá. Tanto é que eu voltei casado. Talvez fosse uma coisa de que eu estivesse precisando. O Rio já era mais familiar... o que conta aqui é Zona Sul e ponto final. São Paulo é mais abrangente. Quando vi o Edgard tocando pela primeira vez, eu não acreditei!

Bonfá Todo mundo tocando bem, como os bateristas, o Thomas (*então baterista do Voluntários da Pátria, atual guitarra-violão Fellini e guitarra Três Hombres*)

Dado O Miguel Barella (*Voluntários da Pátria*) e o Guilherme Isnard, que também deu uma força e até acabou indo tocar em Brasília. Logo depois entramos na gravadora para fazer o primeiro LP e volta e meia nos cruzávamos com a turma de SP

Bonfá No primeiro contato ficamos meio encucados

BIZZ *E no Rio de Janeiro? Como foi vir morar aqui, já que vocês tinham gostado tanto de São Paulo*

Renato Os Paralamas estavam aqui e quando viemos nossa base era o apartamento do Bi. O Rio parecia mais seguro, mais saudável. São Paulo dava um certo medo

Bonfá Mas estávamos loucos para voltar para casa. A gente gravou o disco rapidinho, voltou e depois de cinco meses é que viemos morar aqui.

Dado Mas o disco foi lançado só em janeiro.

BIZZ *E como ficou a cabeça de vocês após o primeiro disco?*

Dado Sei lá!

Renato A gente tocava muito no começo. Muito mesmo. Tinha uma demo que já tocava na Fluminense. Até que entrou "Será" na rádio, depois da gravação do disco. Nossas primeiras demos foram feitas pelo pessoal do Artmanha, que deu a maior força lá em Brasília. Aqui produzimos uma com três músicas com o Marcelo Sussekind. Esta é uma parte bonita da história, porque hoje em dia o pessoal do Artmanha está montando um estúdio em Brasília com uma máquina de oito ou dezesseis canais, que era o nosso plano. Porque a gente queria sair, fazer sucesso, ganhar uma bolada de dinheiro e voltar para lá — ter nossas mansões, nosso superestúdio

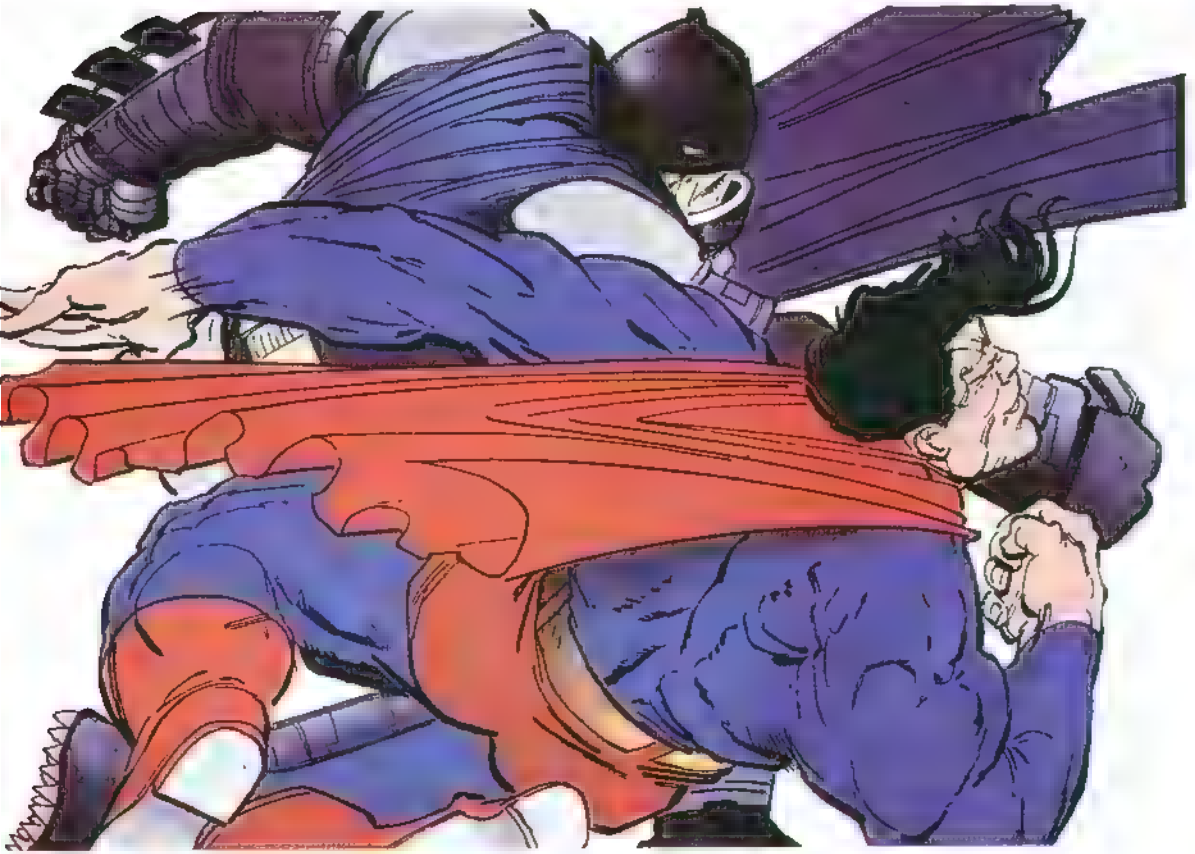
Sônia Maia

NA PRÓXIMA EDIÇÃO, TERCEIRA E ÚLTIMA PARTE: *QUATRO ESTAÇÕES*, O NOVO LP

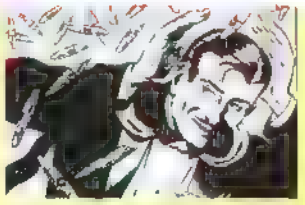
A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS

PARTE II

Na primeira parte, vimos os quadrinhos nascerem e se afirmarem como uma nova linguagem. Agora, na virada para a década de 40, os quadrinhos vão conhecer sua idade de ouro. Estão entrando em cena os super-heróis: seres dotados de poderes sobre-humanos a serviço da justiça e do combate ao crime. Batman, Super-Homem e mais uma dezena de super-seres estão à sua espera...



A luta de **Flash Gordon** contra o tirano do Planeta Mongo é a maior épica dos quadrinhos. Seu estilo *kitsch* mistura cenários medievais com naves futuristas, princesas seguras e tiracos turbilhanados. Na Itália, Flash Gordon chegou a ser desenhado por Fellini. Após a Segunda Guerra, Alex Raymond foi o primeiro autor de quadrinhos a expor suas telas na National Gallery (Washington)



Mandrake, o mágico criado por Lee Falk e Phil Davis em 1934, era um gentleman aventureiro e detetive que usava poderes sobrenaturais (posteriormente, hipnotismo). Mandrake era acompanhado por seu servo (depois, parceiro) Lothar, um príncipe africano, que foi o primeiro personagem negro importante dos quadrinhos.

Príncipe Valente de Hal Foster é mais do que um comic, é quase um romance. A trama começa com Val criança e continua através de seu filho mais velho, Arn, décadas após os eventos que tornaram o príncipe Cavaleiro da Távola Redonda.

A mais impressionante inovação de seus desenhos hiper-realistas — que não usava balões, mas legendas — eram os quadrinhos panorâmicos, que chegavam a ocupar dois terços de uma página

Milton Caniff pesquisou exaustivamente antes de lançar **Terry e os Piratas**. Nessas pesquisas, encontrou o recorte de jornal sobre a Mulher Pirata que aterrorizou a China nos anos 30 e que inspirou a criação de Dragon Lady, a mais misteriosa mulher fatal dos quadrinhos. Caniff também foi um dos primeiros a explorar as possibilidades do sombreamento. Seu maior mérito, contudo, foi no trabalho de enquadramento, que anteapou princípios da linguagem cinematográfico

O conceito de justiceiro mascarado estava em voga. Os dramas radiofônicos haviam introduzido Lone Ranger. O Fantasma fazia sucesso nos jornais e Hollywood acabara de realizar A Máscara do Zorro. Da-se na Detective Comics 27 (maio de 1939) a primeira aparição de Batman. Imaginado por Bob Kane e Bill Finger, Batman foi o primeiro herói a usar uniforme como parte integrante de sua personalidade. Logo vieram outros super-heróis, que como Super-Homem e Batman seriam totalmente reformulados com o passar dos anos. Na verdade, apenas Batman não partia de uma concepção ingênua e juvenil. Muito pelo contrário *(ver box)*

Flash, cujo uniforme lembrava Hermes, o mensageiro dos deuses, foi o primeiro super-herói com um poder específico: super-velocidade, adquirida num acidente com substâncias químicas. Flash Comics 1 também apresentou o Gavião Negro (Hawkman) de Gardner Fox, que era a reencarnação de um príncipe egípcio traído pelo deus-ave Anubis. Seu uniforme possuía um par de asas artificiais que lhe permitiam voar. Em Flash Comics 24, sua namorada, Shiera, adotou traje similar e se tornou a Mulher Gavião

Mulher-Maravilha, a primeira heroína a ter revista própria, era a Amazona vencedora do torneio de Afrodite, escolhida para lutar contra Ares Claro que Hitler estava do lado do deus da guerra. O background mitológico era apenas um pano de fundo para Charles Moulton, que pretendia ensinar através das aventuras de Mulher-Maravilha que o amor é mais forte do que a violência. Mas o autor morreu antes de completar sua saga e a história ganhou outros rumos. O Espectro, criado em 1940 por Bernard Bailey, a partir de uma idéia de Joe Shuster, era o fantasma de um policial assassinado por gângsteres, que usava poderes sobrenaturais no combate ao crime

Super-Homem inaugurou a era dos Super-Heróis saltando sobre edifícios, levando pesos "incríveis" e correndo mais rápido do que locomotiva. Além disso, Super-Homem podia colocar todos os fortões em cima de edifícios e atrair as meninas mais bonitas (especialmente sua colega de trabalho, Lois Lane). Graças a esta idéia juvenil dos garotos de 17 anos Jerry Siegel e Joe Shuster, os quadrinhos nunca mais foram os mesmos

Batman era barra pesada: sua origem estava ligada à vingança de um menino, que presenciara o assassinato dos pais por um assaltante num beco escuro. Pra piorar, ele ainda vestia um uniforme sinistro... a pressão acabou levando seu autor, Bob Kane, a conceber o primeiro parceiro juvenil dos Super-Heróis, Robin, um adolescente de 13 anos com quem o público podia se identificar.

The Spirit, criado por Will Eisner em 1944, possui muito mais violência, humor e maturidade que qualquer outro comic do seu tempo. Eisner foi um visionário. Em diversas ocasiões, desenhou Spirit apenas como um personagem secundário, como contraponto de crônicas urbanas.

Foram os super-heróis que iniciaram a era de ouro dos quadrinhos. Sua popularidade detonou um boom criativo, a partir dos anos 40, que acabou fixando os quadrinhos como uma forma própria de Literatura.

O primeiro Super-herói dos *Comics Books* surgiu num fanzine de ficção científica, cinco anos antes de sua aparição na capa de estréia da revista Action Comics. Tratava-se de um fantástico ser do espaço com super-poderes, recusado por inúmeras editoras sob a acusação de ser uma idéia infantil. Seus autores, Jerry Siegel e Joe Shuster, tinham apenas 17 anos quando conseguiram a National Periodical a publicá-lo. Sua concepção original era bastante juvenil *(ver box)* e combinavam características de diversos personagens dos *pulps* que costumavam ter centenas de seres espaciais, duplas identidades, repórteres e heróis invencíveis no combate ao crime. Sua própria identidade secreta é uma pista. Não seria Clark Kent a junção dos nomes de Clark Savage Jr. (Doc Savage) e Kent Allard (Sombra)?

As páginas de Action Comics também serviram de berço para O Vigilante, o cowboy do Oeste que montava uma moto ao invés de um cavalo, assim como Mr. América, o primeiro super-herói patriótico, além de aventuras da selva: Congo Bill), box (Pep Morgan) mágicos (Zatara), policiais (Scoop Scanlon) quadrinhos históricos (Marco Polo) e até mesmo *funnies* (Estica e Espicha). Mas nada superava o entusiasmo despertado por Super Homem, a primeira revista a publicar aventuras totalmente inéditas (desde 1937).

Suas histórias eram publicadas na revista More Fun Comics, que também lançou Aquaman, Arqueiro Verde, Superboy e Senhor Destino (Dr. Fate), outro super-herói com poderes sobrenaturais, adquiridos graças à intervenção de um alienígena que viveu entre os faraós.

O Lanterna Verde, de Martin Modell, também possuía poderes incríveis, adquiridos de uma fonte alienígena: um anel de energia verde que poderia transformar todos os desejos em realidade. A lista de heróis da National dos anos 40 é interminável. A National foi também a primeira editora a reunir vários heróis numa mesma história. O primeiro grupo de super-heróis, a Sociedade de Justiça da América foi fundada em 1940 com oito integrantes: Flash, Gaviao Negro, Lanterna Verde, Senhor Destino, Espectro, Átomo, Homem-Hora e Sandman. Com o passar dos anos, a equipe sofreu reformulações, até cair no limbo em 1949. Mas os super-heróis não eram uma exclusividade da National. Na primeira edição de Police Comics (agosto 1941), debutava o Homem-Borracha (Plastic Man), de Jack Cole, que podia se esticar como um elástico e assumir mil e uma formas. O curioso é que o personagem era originalmente um criminoso, que adquiriu seus super-poderes num assalto frustrado a uma indústria química, derrubando pingos de um misterioso ácido sobre seu corpo.

A Fawcett, por sua vez, explodiu nos Comics com seus letras. SHAZAM!, invenção do artista C. C. Beck, que deu origem ao Capitão Marvel em 1940. O pequeno Billy Batson se tornava o mortal mais poderoso do mundo pronunciando a palavra mágica, que era acróstico de Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio, entidades que lhe forneciam super-poderes idênticos aos de Super-Homem. Logo surgiram o Capitão Marvel Jr. e Mary Marvel. Seu sucesso chegou a ameaçar o vôo solitário de seu concorrente de Krypton, tornando-se o primeiro super-herói adaptado por um seriado de aventura de cinema. Os super-poderes da National, porém se mostraram implacáveis. Acionada por plágio e vencida na Corte, a Fawcett teve de desistir de seu herói, entregando os direitos de publicação para a editora do primeiro Super-Homem.

A Fox Features Syndicate possuía um cast invejável de super-heróis, como o exótico Flame (1940) de Basil Bertold e Lou Fine, iniciado por monges tibetanos na arte da autodefesa e dos segredos dos lamas, que incluíam o poder místico sobre o fogo, ou o Besouro Azul (Blue Beetle) de Charles Nicholas, que possuía um traje à prova de balas e aprofundava suas habilidades tomando uma dose periódica de um componente farmacêutico secreto. Junto a Sansão, a dupla chegou a formar um grupo chamado Big 3 (1940), que entrou para a história por debochar de Roosevelt, Churchill e Stalin. Os congressistas americanos, porém, não gostaram muito da piada e votaram pela suspensão da revista, bem como dos títulos individuais dos personagens. Nos anos 60, o Besouro Azul voltou a ação através da Charlton Comics, editora que, por sua vez, teve seus personagens adquiridos pela DC. Atualmente, o Besouro Azul integra a reformulada Liga da Justiça, grupo sucessor da Sociedade de Justiça da América.

A maior curiosidade da Fox, porém se chamava Thor, um super-herói baseado na mitologia nórdica. Thor surgiu em 1940, quando um jovem cientista chamado Dr. Grant foi quase eletrocutado em uma experiência com um novo condutor elétrico. O acidente revelou que ele era herdeiro do poder sobrenatural do antigo Deus do Trovão. A partir de então, sempre que a vida de Grant era exposta ao perigo, o espírito de Thor se apossava de seu corpo e lhe conferia super-poderes. Duas décadas depois, o personagem e o conceito de Thor seriam revividos pela Marvel Comics Group. Mas isto é outra bat-hora e outro bat-canal.

CABRA-CEGA

EDGARD SCANDURRA

O primeiro disco que **Edgard Scandurra** comprou foi *A Revista Pop Apresenta o Punk Rock*. O guitarrista do Ira!, que acaba de gravar seu primeiro disco solo, tinha por volta de 15 anos e a partir daí passou a só ouvir punk. Dessa época, ele se lembra ainda do LP *Black and White*, dos **Stranglers**, e do primeiro disco do **Clash**, *The Clash*.

Antes de descobrir o punk, ouvia os discos do irmão mais velho: **Hendrix, Led Zeppelin** *I* e *II*, *Revolver*, dos **Beatles**, *Flowers*, dos **Rolling Stones**, *Fragile* do **Yes** e o álbum duplo de **Woodstock**. Sua discoteca deve ter por volta de quatrocentos discos. Entre eles, *Quadrophenia* (**The Who**) *Ao Vivo no Mosh* (**Smock**) e *All Mod Cons* (**The Jam**) são os principais frequentadores de seu aparelho de som.

Atualmente, Edgard continua ouvindo muito The Who, **Jimmy Page** (*Outrider* foi o último disco que comprou), rock dos anos 60 e as bandas mais recentes que têm ligação com os *sixties*, como **10,000 Maniacs, R.E.M., Echo & The Bunnymen** e **Translator.**

DR. FEELGOOD — Boom Boom (John Lee Hooker)
"Não sei... Rhythm'n'blues... Mas é dos anos 60, tocado por brancos, eu acho. Mas o que pode ser isso aí eu não sei. É legal *(risos)*. Pelo linha de baixo, não parece ser tanto dos anos 60, parece mais uma regravação. Não dá para descobrir. É tudo difícil assim?"

ANDRÉ GERAISSATI — Vento
"É instrumental, não é? Não tenho a mínima idéia. Não é brasileiro, não. Se bem que tem um emnho, até pode ser. Música de violão muito longa, eu não ia ter saco de ouvir uma música assim. Puxa vida! Não é John McLaughlin ou um daqueles três caras... André Geraissati? É um desses violeiros aí."

DAVID BOWIE — I Can't Explain (Pete Townshend)
(imediatamente depois de ouvir os primeiros acordes). "'I Can't Explain'! Não é? Uma versão... *(canta junto)*. Peraí, acho que eu tenho esse disco. Mas não é a mesma versão, não. David Bowie cantando 'I Can't Explain'? Acho que é David Bowie. Será que eu acertei essa? Ou é David Bowie ou é alguém imitando ele"

JOELHO DE PORCO — Conjunto de Beira de Piscina de Filme Italiano
"O que é isso, Rumo? É 'Casa de Irene', uma versão brasileira de 'Casa de Irene'. Puta, acho que isso é Rumo. O Rumo não é aquele engraçadinho que tem uma cantora? Parece som de demo-tape. Puta saco, hein!"

TOM VERLAINE — Travelling
"Legal esse som! Isso aí parece um pouco... Como é o nome daquela banda que usava guitarras distorcidas? Se bem que esta muito maluco... Aquela banda que o cara canta com um chapéu enterrado na cabeça, como é mesmo o nome? Guitarra bem rasgadona... Preciso lembrar o nome da banda! É uma banda que tinha bastante percussão e guitarras distorcidas, mas agora está fazendo umas coisas popzinhas, está meio brega... Não é XTC, não? Puts! Killing Joke! Mas não é Killing Joke. Pode ser Tom Verlaine, aquele cara do Television."

GOLDEN BOYS — Pensando Nela (versão de Rossini Pinto para "Bus Stop", de G. Gouldman)
"É a versão brasileira de 'Bus Stop'. Quem é que canta isso? Renato e Seus Blue Caps? É Renato e Seus Blue Caps. Legal, né? Pode ser que não seja Renato e Seus Blue Caps, mas é alguém daquela jovem guarda. Muito exótico... Será que é Fevers? Se bem que só Renato e Seus Blue Caps faziam versões. Tinha um cara que cantava igual os Beatles. Essa música é dos Hollies? Minha palavra final é Renato e Seus Blue Caps. Ou será que é Incríveis?" *(risos)*

NOEL

Projeto SP

Primeiro ponto: Noel é barra-limpa. Tem 21 anos, nasceu em Porto Rico, se criou no Bronx, fez quatro anos de caratê, fuma Newport incessantemente e fazia parte de uma gangue chicana barra-pesada, os Young Skulls. Ainda tem cicatrizes de navalhada. Puxou cana por arruaça. Aprendeu que existem falcatruas menos perigosas do que roubo de carros. Ou seja, é um garoto normal e não um *poseur*zinho qualquer.

Segundo: é cria do empresário Vito Bruno, o maior *promoter* de Nova York, cuja mão fez maravilhas em seu LP de estreia. Bruno recrutou para a produção gente como Paul Robb (cérebro do Information Society) e o mago das *dance trax*, Jellybean Benitez (*remixer* da coletânea *You Can Dance*, de Madonna). Também chamou convidados especiais do porte do rei americano da *house music*, Todd Terry, nos teclados, Sammy Figueroa (ex-Roxy Music), na percussão, e do guitarrista Rick Derringer, veterano de estúdio que já tocou com todo mundo, de Edgar Winter a Michael Jackson.

Conta a lenda que Noel estourou quando abriu e ofuscou o primeiro show nova-iorquino do modelito e pretenso cantor inglês Nick Kamen (astro de um anúncio da Levi's 505, aquele da lavanderia).

Chegamos, portanto, ao terceiro ponto: Noel ao vivo é divertidíssimo. Pergunte a qualquer um dos quatro mil suarentos mortais presentes no superlotado Projeto SP. Não só é "gatinho" como também é grande dançarino e dono de uma coleção de botas de cowboy supercool. Sua banda é *high-energy* e afiadíssima — destaque para o supergogó da crioulinha Sybil Scoby, ex-backing do Duran Duran. E, acredite se quiser, o cara sabe cantar.

O repertório do show é exatamente o mesmo do disco, nove músicas e nada de enrolação. Abriu com o sucesso mais recente do cantor em terras brasileiras, que Noel chama de "o meu rhythm'n blues": "What I Feel For You". Continuou com "Out of Time", "Fire to Ice" (meio chatinha), depois o hit "Like a Child" (delírio total da multidão) e a única balada do LP, "To Be With You", que ao vivo ganhou contornos *doo-wop* que remetem direto a baladeiros pasteurizados dos anos 50, como Fabian e Pat Boone.

O legal é que Noel, como sua audiência, não tem a menor idéia de quem esses caras foram. Aliás, essa inocência e desinformação musical é um dos charmes do garoto. Tudo que faz, ele faz de cara limpa, sem imaginar a quantidade monstruosa de clichês que está amontoando. Idem, seu público. Ignorância = credibilidade, um dos mandamentos do pop 89.

Noel não estava nem aí com teorias bobocas e continuou mandando bala com "Fallen Angel" e "City Streets", mais para o rock n'roll, até chegar ao ápice: "Silent Morning". É uma música que pode ser uma droga mas já é um clássico do pop vagabundo. O público explodiu, cantou junto, pediu mais (mevitavers memórias do ótimo-porém-geladérrimo show do New Order no Olympia vêm a mente), até que a banda voltou para o bis, o novo single, "Change". Final apoteótico e fim.

O chope pós-show faz pensar que tudo soou a uma cópia escarrada de Depeche Mode e Madonna. Bom, e daí? Eles também soam a várias outras coisas. O que interessa é que Noel deu um show energético, o mais quente em termos de público que este repórter já viu no Projeto SP. De quebra, tivemos chance de ver o garoto em começo de carreira. Quando se tornar um superstar internacional — e não vai demorar muito —, vai ser classe A poder dizer: "Vi ele quando ninguém conhecia".

Mas o melhor ficou para depois. Uma meia hora após terminado o show, Noel voltou ao palco. Durante uma hora e meia, atendeu todo mundo que o procurou, pelo menos quinhentas pessoas. Sorriu, conversou, deu autógrafos e acabou escolhendo uma moreninha *teenager*, que infelizmente acabou dando um cano no rapaz. Um garotão normal até o fim.

André Forastieri

MOTORHEAD

Ginásio do Ibirapuera (SP)

Mais uma vez os *bangers* nativos prepararam-se com desconfiança para receber uma banda metálica. Apesar de o grupo já estar na cidade há dias, a impressão — ao se entrar no Ginásio do Ibirapuera — era de que havia algo de errado.

Para começar, nenhuma aparelhagem do Motorhead montada sobre o palco: o show já começava a atrasar. De repente, apareceram também dois grupos de abertura — quando o anunciado era apenas um —, que alongavam suas apresentações. Um pepino considerável, o equipamento da banda inglesa ainda estava sendo liberado no aeroporto. O público presente — em torno de seis mil pessoas — evidenciava seu nervosismo através de um perigoso empurra-empurra na boca do palco.

Assim, a primeira banda da noite — o Vodu — teve de se contentar com um som embaralhado, no qual era absolutamente impossível distinguir os instrumentos uns dos outros. Quase uma hora depois, era a vez do Viper, com seu *heavy* mais melodioso, facilitando a compreensão do que cantava seu *frontman* André. Foi então que começou a chegar a aparelhagem de Lemmy e Cia., com sua montagem causando uma enorme confusão na área traseira do palco.

Com a saída de cena do Viper, iniciou-se uma passagem de som, cuja demora reativou o empurra-empurra de maneira incontrolável. Dessa vez, o "chiqueirinho" reservado à imprensa foi parar atrás do palco e a polícia acabou entrando em cena.

Era exatamente meia-noite e meia quando — sob urros ensandecidos — o Motorhead finalmente entrou em ação. De cara, "Dr. Rock", uma cacetada tirando proveito do volume altíssimo do som, da iluminação — já bem melhor — e de explosões de pólvora.

Lemmy Killminster é realmente uma figuraça: todo de preto, lenço na testa (reclamou muito do calor dos trópicos!), botas brancas e o baixo brandindo como uma arma.

Na sequência, detonam "Stay Clean" e "Traitor", com Philthy Animal massacrando pratos e tambores com verdadeira fúria assassina. Em "Metropolis" e "Dogs", ele é destacado pelo jogo de luzes e parece um bicho acuado, tentando se livrar de ser devorado vivo pela própria bateria. Mas, a cada tema apresentado, o que mais chama atenção mesmo é o sr. Lemmy — em plena forma física, do alto de seus 44 anos. Aos seus gritos de ordem em "Def Forever", a platéia responde aos berros.

Vem então uma música nova, "I'm So Bad", em que as guitarras de Wurzel e Campbell se lançam em mútuo desafio, abusando da distorção e da microfonia.

Temas mais conhecidos, como "Iron Fist", levam o ginásio à loucura e não é para menos: *hard rock* ao vivo e em cores, por um de seus mais expressivos expoentes.

No primeiro bis, atacam de "Kill by Death", mas é no segundo — com "Ace Of Spades", a música que todos esperavam — que o Ibirapuera vem abaixo. Saímos com a certeza de que havia sido cumprida a promessa feita por Lemmy: deixar os brasileiros com os tímpanos estourados. Pena que, no segundo dia, a banda abandonaria o palco após a quarta música, devido à péssima qualidade do som, com um terceiro show marcado na semana seguinte.

L. Rey

IRA!

Circo Voador (RJ)

Ricardo Siqueira/Foto Rio

O Ira! não passa de uma (boa) banda de rock.

Vai da cabeça de cada um sentir se isso basta. Detratores chegam a nivelá-los a mais uma cópia de grupos ingleses, como Who e Jam. Já ouvidos mais atentos podem perceber, além dessas influências (já não tão predominantes), elementos de rap e funk que conferem identidade própria, desenvolvida ao longo de quase oito anos de existência e com três LPs nas costas.

Nessa tórrida noite de fevereiro, mais um show. Enquanto alguns deitam sobre os louros, reclamando um espaço condizente com sua reputação, o Ira! enfrenta a estrada e vai parar no Circo Voador. Há muito que o espaço mais eclético da cidade — de Nana Caymmi a DeFalla — não comporta o público da banda. Nas arquibancadas trepidantes e nas armações que sustentam a lona, estavam os lugares mais privilegiados. Um abuso a densidade demográfica: média de seis pessoas por metro quadrado.

Com a digníssima abertura dos Picassos Falsos, o circo já tinha pegado fogo. Feita a cama, o Ira! bota para quebrar começando com a trinca "Nasci em 62", "Não Pague Pra Ver" e "O Dia, a Semana, o Mês". Apesar de muito executadas ao vivo, ainda inéditas em disco. Nasi, passada a fase de *angry young man*, mostra-se mais brando, porém não menos enérgico. Guia palmas na introdução de "Pegue Essa Arma" para em seguida invocar "Seja macho!". Toda a adolescência acata, engrossando o coro de "Dias de Luta", a próxima música.

Em "Nas Ruas", Edgard Scandurra exibe outro instrumento que não sua aclamada guitarra — a voz. Seja em *lead* ou *backing vocal*, o efeito é dilacerante: "Receita para se Fazer um Herói" vem anunciada como sendo de autoria do grupo e de Reinaldo Ferreira, em resposta sucinta às acusações de plágio (ver seção de cartas desta edição), e tem como recheio um scratch ao vivo pelas mãos de Nasi.

Na seqüência, recordam um hit das FMs, "Envelheço na Cidade", reativando o coro do público. Emendam com a retumbante "Gritos na Multidão". Um poderoso riff anuncia o desabafo discrepante de "Farto do Rock'n'Roll": "Outros sons, outras batidas, outras pulsações" embutidas em mais um solo de scratch e crioulamente ambientada em "Vitrine Viva", numa versão tão ardorosa que, além de pôr Nasi de peito nu, tira de seu costumeiro estado letárgico o baixista Gaspa.

Findo o show, a audiência clama por "rock'n'roll", entoado como nos versos de "Aumenta que Isso Aí É Rock'n'Roll" (Celso Blues Boy). Estranho mais ainda na cena seguinte. Na volta para o bis, Nasi peleja: "O Rio é a cidade brasileira onde tem mais mods. Quem aí gosta do Who?" A platéia urra e aprova. Num canto do palco, Minhoca, baixista dos Picassos Falsos, com uma camiseta estampando o nome da banda em questão. A música só podia ser "Ninguém Entende um Mod". Mesmo sem ter ainda noção exata do que é um mod, a maioria dos fãs encontra pelo menos outro ponto de identificação: letras púberes, de aparente ingenuidade, valendo-se da luta em sentidos múltiplos. É assim que falam de jovens pra jovens.

Como despedida, lascam mais uma do primeiro LP, "Núcleo Base", fechando um show marcado por novas e velhas canções. Nada como envelhecer com maestria. *The Kids Are Alright!* *Lorena Calabria*

PICASSOS FALSOS

Cabaré Mineiro (Belo Horizonte)

Eu tenho duas caras, quatro olhos para poder te enxergar/ o pavio está curto, a noite se acendeu..." A cabeça rodopia. Pelas caixas, flui "Retinas", um híbrido de baião e hard rock que é pura turbulência. Impossível ficar parado no lugar.

Bem no centro do palco, a batida de um pandeiro domina a cena, eletriza músculos, galvanizada por uma guitarra como há muito não se ouvia neste país. Antes, um introito inesperado com "Iansã", de Gil, já deixava entrever que aquela sexta-feira 13 seria especial.

O sincretismo sônico e temático é a tônica da obra dos Picassos Falsos — o preto no branco, o branco no preto, folia + tragédia, samba + rock'n'roll. Geléia geral.

A música não pára: "Wolverine" (numa fisgada do riff de "Foxy Lady"), "Sangue", "Marlene", crônicas enviesadas do *modus vivendi* do supercarioca, do anti-herói que vai à luta, dribla o miserê e sobrevive, apesar de tudo. Vem um bis, outro mais e ainda é pouco. No final, quem ainda hesitava acaba caindo na dança.

Avançando pela contramão, correndo riscos, forçando barras — é por aí que o rock reitera-se enquanto essência, enquanto ruptura (ainda) radical. Ao lado de uma meia dúzia de honrados gatos pingados, os Picassos Falsos são a esperança de tempos melhores para o estagnado Rock Brasil.

A G C D

Dama Xoc (SP) / Circo Voador (RJ)

São duas bandas diferentes, os Picassos, flagrados primeiro em território paulistano e, mais de um mês depois, em seu "torrão natal" — ainda que, aqui, apenas abrindo para a mais paulista das bandas brasileiras: o Ira! *(ver página ao lado)*

Sobre o palco do Dama Xoc, eles enfrentam de cara limpa a síndrome danceteria: ao soar dos primeiros uivos da guitarra de Luiz Gustavo, quem veio beber, dançar, caçar ou pescar foge para o bar; já quem veio ver o show troca o balcão do chope pela boca do palco.

Estático e contido, Humberto Effe não sai do pedestal do microfone, apenas cerra as pálpebras e ergue as mãos trêmulas quando a banda o empurra para o transe, um deles no clímax desse show, a faiscante "Marlene", do segundo LP da banda. Delírio (aparentemente) desconexo em verso e prosa. Imagina-se um travesti clone de *La* Dietrich cambaleando por uma viela da Lapa cuja única iluminação são as fachadas de hotelecos e botecos. Você acha que ele/ela está bêbado(a), mas, quando chega perto, zás, uma navalhada funda como os versos citados de "Último Desejo" (Noel Rosa). Não há nada disso na letra de "Marlene", mais para um Jim Morrison convertido ao candomblé, vendendo cocada branca e cocada preta numa calçada do centro. Mas a gente imagina, cada um com sua Marlene. Os Picassos têm esse dom.

Do disco para o palco, principalmente com a frieza subitamente quase deserta do Dama Xoc, a banda se ressente da ausência de detalhes de produção — basicamente percussão e o violino de Paul de Castro rasgando a incandescência de "Verões". Eles compensam com soltura e alma, principalmente na fina e sutil guitarra de Luiz Gustavo.

Na "sauna voadora", abarrotada para ver o Ira!, repito, é outra banda — principalmente Humberto, que toma conta do palco, rola pelo chão, brande o microfone e instiga o público a cantar junto (e eles cantam). As vezes, beira o histriônico, maculando uma música cheia de promessas. Onde elas frutificam? Nem na tensão paralisada de São Paulo nem no populismo constrangedor do Rio: intermediárias, num ponto de equilíbrio que só a experiência e a maturidade podem trazer. Não falta mais nada.

J.A.L.

Ricardo Siqueira/Foto Rio

UB40

Projeto SP

A dobradinha era até previsível. Os Paralamas e o UB40 haviam tocado juntos no Hollywood Rock, em janeiro de 88. As duas bandas, inclusive, guardam algumas semelhanças entre si — elas extraem o pop a partir do reggae. Os resultados são bastante diferentes no final, mas a idéia de fazer um show conjunto não era absurda.

Menos absurda ainda deve ter parecido aos promotores depois de esgotarem os ingressos pelo menos cinco dias antes dos shows. No primeiro dia, o público simplesmente derrubou a cerca de segurança da entrada do Projeto SP. O dia seguinte foi mais tranqüilo, mas não menos lotado. A solução foi realizar um show extra no domingo: só que, dessa vez, sem os Paralamas.

Para um fim de semana com shows para todos os gostos — estavam Noel e o Motorhead na cidade —, o UB40 demonstrou o seu prestígio aqui no Brasil, especialmente para um público bem jovem e queimado de sol. A impressão inicial era de que o Projeto SP estava bastante vazio, mas quando o show começou, com quase uma hora de atraso, estava quase todo cheio.

O UB40 não tem nada de especial, nem na performance individual de seus músicos nem nas suas composições, mas são animadíssimos e bastante simpáticos. Essa última apresentação paulistana não demorou muito a pegar fogo bastou que soassem os primeiros acordes de "Reckless", o hit gravado com Afrika Bambaataa, que tocou muito nas rádios e nas casas noturnas no ano passado. A partir desse momento, começou o baile, que só iria acabar depois de oitenta minutos de reggae à moda de Birmingham. Se os soviéticos já chacoalharam ao som do UB40 por que é que os brasileiros não o fariam?

O rodízio de vozes de Robin e Ali Campbell e Astro Wilson dinamiza o espetáculo. Astro até aproveitou para fazer um arremedo de rap em "Rat in the Kitchen", enquanto a voz mais cheia, mais melodiosa de Ali encheu de emoção a velha versão de "Cherry Oh Baby". Enquanto isso, embora os metais estivessem muito altos em relação aos outros instrumentos, o baixo de Earl Falconer e a bateria de James Brown botavam mais lenha na fogueira.

Uma banda com tantos anos de estrada não pode se furtar aos seus números mais populares, mas pelo menos pode criar climas novos para eles. Assim, Ali fez questão de cantar "I Got You Babe" dançando agarradinho com uma das backing vocals. Claramente animados com a receptividade do público, Ali e Astro, que até então haviam se limitado ao tradicional "Boa-noite, *Sao* Paulo!", ensaiaram formas mais diretas de incitar a platéia — suada, cansada e pedindo mais. Os ingleses não se fizeram de rogados e lascaram um *dub* de uns cinco minutos. Para finalizar, o hino "Sing Our Own Song", dedicado aos negros da África do Sul — a única música que nos shows anteriores Herbert Vianna havia cantado com eles —, deu a nota "consciência política" da noite. *Bia Abramo*

NEY MATOGROSSO

Hotel Nacional (RJ)

Freddie Mercury tem muito que aprender. Marc Almond também. Num país-eco ditatorial da A-mé-ri-ca do Su-ul, há quase vinte anos, Ney Matogrosso, um filho de militar, assombra o regime vigente armado de batom, rímel, penas, requebros e vasta plumagem. É preciso ser muito macho! Elvis "The Pelvis" nunca imaginou tantas rotações para seu rebolado rebobinado. Carmen Miranda-da-dá podia esperar um emulo destes? Num *Fantastico* — o show da vida — ainda embrionario. Ney, o cavaleiro dos Secos & Molhados (mais João Ricardo e Gerson Conrad) inventou o videoclip de boquitas pintadas e maquiagem Kiss, *circa* 1972. Na sequência, em carreira solo, encarnou todo tipo de bicho & folhagem no palco, antes mesmo da febre do Partido Verde. Ensaiou um ar de sobriedade fazendo *Seu Tipo* e deu um mergulho no canto lírico e na MPB de raiz em *Pescador de Perolas*, de terno e tudo.

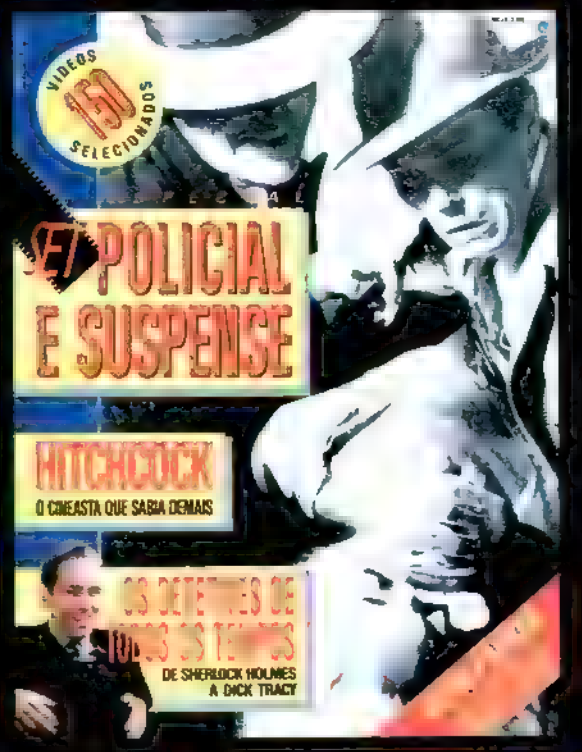
No novo show, Ney Matogrosso faz uma edição revista e ampliada de seu personagem over-over, com direito a palco enfumaçado e tiroteio de raios laser, além de refletores mobiles para Peter Gabriel nenhum botar reparo. Na entrada, com uma opulenta peruca escovada, braçadeiras, tiara e ombreiras de metal dourado, Ney parece a escola de samba de um homem só — passista, destaque, alegoria — num enredo intitulado "Desperta America do Su-ul", a velha música de Paulinho Machado que abre e fecha o show. Tem "Comida" titânica em mais uma versão, esta em falsete, à sombra de uma anfora, "O Beco" paralâmico foi carregado no latinismo para combinar com o clima incaico do ambiente. Desfila ainda "Andar com Fé" com o ator-cantor transportado por uma esteira rolante que ainda traria um biombo para facilitar a transparente e publica troca de roupa.

O latinismo estilizado das vestes e arranjos leva o repertorio e o show de Rodolfo Valentino a Fernão Cortez, com uma imperceptivel citação dos tuaregues azuis do deserto. Nada é definitivo nas caracterizações de Ney, assim como o cardápio musical que flutua a seu gosto sem respeitar cronologia — nem o imperativo mercadológico de divulgar o ultimo disco do cantor, *Quem Nao Vive Tem Medo da Morte*.

Como todo astro personagem de si proprio, ego leonino, Ney faz o genero ame-o ou deixe-o. Que o diga a platéia heterodoxa do caretíssimo Hotel Nacional. As velhinhas eram as mais assanhadas, mas nao faltavam neo-macacas de auditório aos berros de "tesao" e "me come", liberadas pelas cenas de palco, de qualquer ridículo. Afinal não é mole entoar o hino do Santo Daime num trono fustigado por disparos de laser verde, precedido por pirâmides de luz. O efeito bailarino David Parsons, aos pulos entrecortados de luz, e o cocar de plumas durante o exótico "Bambo do Bambu" com as históricas desmunhecadas de Carmen Miranda destroem qualquer inibição. Só Ney Matogrosso consegue dar um impagavel trejeito *camp* ao Chico Buarque de "Tanto Amar" e "Morena de Angola", à frente do pique *hard* da banda de Jorjão (teclados), Piska (guitarra), com três percussionistas, além do bateria e da prestidigitação de sopros de Lino.

Fim de farra. Cazuza, que já entrara no recheio ("Porque a Gente é Assim"), faz parte do bis, ensaiado desde a estréia, com "Pro Dia Nascer Feliz". A mulherada do gargarejo invade o proscenio e alisa os pés do idolo como se adorassem um pedestal. Desperta, América do Sul! *Tarik de Souza*

VENHA PASSAR MAUS BOCADOS.



Os maiores detetives das telas, o universo do mestre Hitchcock, os quadrinhos que inspiraram grandes clássicos e uma entrevista exclusiva com Alan Parker estão na revista POLICIAL E SUSPENSE, uma edição especial de SET.
POLICIAL E SUSPENSE traz ainda 150 vídeos disponíveis nas locadoras, selecionados especialmente para você roer as unhas, arrancar os cabelos e sentir aqueles suores frios nas mãos.
POLICIAL E SUSPENSE. Leitura obrigatória para os fãs do gênero. Desaconselhável para portadores de problemas cardíacos.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

ROCK CONEXÃO BRASIL

AeroAnta (SP)

A segunda versão do *Rock Conexão Brasil* foi cercada de uma certa expectativa. A redução para um grupo por noite (na primeira versão eram dois) e um cuidado maior na seleção das bandas trouxeram este evento para mais perto de suas condições ideais.

Assim, a noite de abertura — numa quarta-feira de março — contou com a apresentação dos garotos do **Faces e Fases**, que já tinham chamado a atenção do circuito *underground* paulistano e conquistado pelo menos um fã ilustre o "irado!" Edgard Scandurra. Nesta noite, ele não só marcava presença como um dos mais excitados espectadores como também acabou subindo ao palco para uma canja vocal em "So Sad About Us", *cover* da primeiríssima fase do Who.

Este amor tem, portanto, suas razões. O Faces e Fases é, assumidamente, uma banda *mod*, seja no som — Who, Kinks e, já em forma de *revival*, The Jam — seja no guarda-roupa — terninhos camisas brancas fechadas até o pescoço, gravatinhas, emblemas do adolescente inglês no biênio 63/64, em oposição aos "antigos" *rockers* de jaquetão de couro, jeans e topete gomalinado e aos "vendidos" grupos pop locais como... os Beatles.

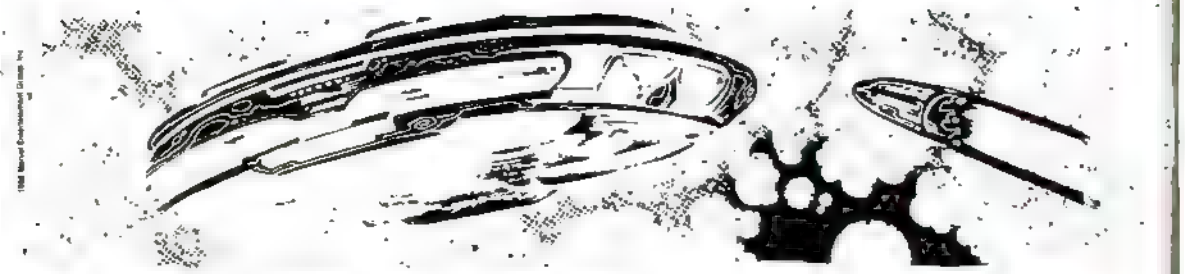
No caso do Faces e Fases, o destaque fica para o baixo cru e marcado de Sandro e a cool e simpática presença de Flávio (guitarra/vocal). O show em si foi prejudicado pelo som da casa, com a voz de Flavio sumindo durante quase toda a terceira música apresentada.

* * *

Dois discos independentes altamente respeitáveis - editados pela Câmbio Negro — e apresentações esporádicas, mas muito bem recebidas em SP, credenciavam o som do **Ultimo Numero** como um dos destaques do projeto *Conexão Brasil*. No entanto, a banda mineira, tolhida por circunstâncias adversas, não conseguiu demonstrar seu máximo potencial neste show no Aeroanta. No fim das contas, o desgaste físico do grupo (que havia chegado de BH pouco antes da passagem de som) se aliou a uma latente indiferença do público, que nem mesmo

FACES E FASES COM EDGARD SCANDURRA

FANTÁSTICA VIAGEM EM PRETO E BRANCO.



Ação, suspense, mistério, espionagem, terror, guerra, violência, surrealismo, loucura e prazer.
Histórias incríveis. Grandes autores.
O melhor do quadrinho em preto e branco está aqui.

AVENTURA E FICÇÃO

Nas bancas

hits como "Ars Longa Vita Brevis", "A Divina Comedia (o Jogo de Amarelinha)" e "Filme" — acompanhados das famigeradas *covers* de "Death or Glory", do Clash, e "Come Together", dos Beatles — lograram demover Ok, rapazes Esta é a longa estrada da vida, na qual os últimos ainda hão de ser os primeiros

* * *

A overdose de vigor e determinação dos **Colarinhos Caóticos** parece soprar em nossos ouvidos a adoravel ideia de que o sangue novo do rock brasileiro é puro, nobre e está preparado para vencer incontaveis anos de guerrilha Apesar de sua moldura jazzistica — ilustrada pelos dissonantes arpejos de baixo e sax — ser examinada com desconfiança por roqueiros que temem esta aparente diluição (jazz/rock), o som dos Colarinhos tem garra e vitalidade, conseguindo redimensionar o emprego da tecnica virtuosistica dentro do rock. É o que é melhor com economia. No palco sua performance surpreende ainda mais — principalmente no caso de uma *a priori* apreensiva estréia em Sao Paulo —, chegando a um som seco e coeso que lembra os bons tempos da Patife Band e coisas do início do Gang of Four. Uma tijolada à gaúcha na breguice do rock

* * *

Foi por demais hilário ver os brasilienses do **Marciano Sodomita** — uma banda sem a menor papa na lingua — subir ao palco e, logo na terceira música, levar grande parte da geração frapê que frequenta o AeroAnita a gritar "fora, fora!"

Este quarteto de vagabundos — no mais nobre sentido do termo — com seus instrumentos de nonagesima categoria — a guitarra de Rogerio Aguiar desafinava a cada musica —, mostrou um som quase que de igual base para todas as canções: guitarra distorcida e insistente, baixo marcadissimo com a bateria, um *backing vocal* também meio percussivo, vestido num único calçãozinho camuflado, mais os teclados assumidamente infantis de Rogério Maldonado (também vocal/letras)

O melhor deles é o clima de autêntico rock'n'roll dado por essa mistura instrumental, aliada às letras bem mal-intencionadas de Rogerio Maldonado. Letras estas que se traduzem na "Seus C*s", uma cançaozinha em "homenagem" aos rapazes do exército nacional, sempre à disposiçao em seus quartéis para serem defiorados por algum outro rapaz à procura de uma noite feliz, como sugere a musica

Mas para cada dez "fora!" havia um espectador que gritava: "É isso aí, do c*!" Polêmica, atrito rock'n roll ofensivo

Sônia Maia (Faces & Fases e Marciano Sodomita)/*Celso Pucci* (Ultimo Número)/*Celso Masson* (Colarinhos Caóticos)

ROCK NA CAPRICHO

Junto com a revista CAPRICHO deste mês, você recebe uma outra revista especial sobre A-HA e ROD STEWART, com fotos exclusivas dos shows no Brasil. E mais: um poster duplo dos artistas, e um brinde com a história do jeans! Esse show você não pode perder.

Superedição 3 em 1

CAPRICHO
A revista da gatinha
Nas bancas

NEW YORK - Lou Reed (Sire/WEA)

A esta altura do campeonato, Lou Reed — além de um Pedestal Próprio na História do Rock'n'Roll — tem 32 anos de música, dos quais seis pertencem ao capítulo Velvet Underground e dezenove à carreira solo. Quase duas décadas, portanto, ofuscadas ainda pelas Obras Completas do V.U., erráticas, irregulares, inconstantes, pontuados de músicas brilhantes espalhadas ao longo de quinze LPs de estúdio, quatro ao vivo e algumas coletâneas.

O próprio Lou apresenta, na capa, *New York* como "58 minutos, distribuídos em quatorze músicas, que devem ser ouvidos numa sentada só, como se fosse um livro ou filme". Sem firulas: duas guitarras — na maioria das faixas, é ele quem sola e faz a base dividido em canais separados — baixo e bateria. Não são os únicos ecos do Velvet pós - John Cale presentes no disco (há também a sensacional participação de Mo Tucker em duas faixas, mais um retorno implacável ao labirinto formado pelos sarjetas de Manhattan). Se alguma vez Lou foi acusado de "romantizar" ou "glamourizar" o submundo, *New York* retira o Sr. Reed de New Jersey — onde vive, quase no meio do mato, apenas com a mulher e suas motocicletas e guitarras — para um *revival/reversal* da fauna e flora imortalizada nas letras do Velvet e do LP *Transformer* (72), espécie de auto-paródia bem-sucedida comercialmente dos travestis, *junkies*, *pushers* e michês cujas máscaras Lou vestia mais como narrador, numa primeira pessoa totalmente enganosa. Em *New York*, faixas como "Sick of You" e "Halloween Parade" revisitam os descendentes espirituais da gangue do Wild Side sob o espectro e a foice da Aids e da alienação terminal, enquanto o Padrinho e Madrinha de Todos, Andy Warhol, é simplesmente homenageado em "Dime Store Mystery". Obviamente, a fruição plena desta obra-prima implica na compreensão da língua materna do autor, que nem inglês é e sim um mui peculiar "nova-iorquês". Dito isto..

Houve, na crítica americana, um ou outro ranhetinha analretentivo que classificou as letras restantes de *New York* — um vôo rasante e sulfúrico sobre questões políticas, sociais e ecológicas — como um "surto de Bonorte" (É fato que Lou e o Messias irlandês ficaram muito amigos na primeira turnê pró-Anistia Internacional, em 1985, e o nome de Bono chega a ser citado de passagem na letra de " Beginning of A Great Adventure", numa lista de nomes que Lou cogita para seu primeiro filho). Outra verdade é que o coquetel rock/política já abrigou muita baba demagógica, para dizer o mínimo. Quem já conhece tal lenga-lenga de outros carnavais, tem seu cinismo justificado... até o momento em que Titio Lou solta o verbo. Exemplo máximo é "Good Evening, Mr. Waldheim" — espécie de mesa de pôquer onde o cantor se senta junto a Jesse Jackson e João Paulo II, além do sr. Kurt Waldheim. Já "There Is No Time" e "Strawman" evidenciam que não há benção, nem perdão — muito menos para pregadores e bem-intencionados de plantão, na esperança de que a hipocrisia, ela própria, seja um câncer que comece a corroer os hipócritas pelos intestinos. ("Este é o futuro de Nova York, não o meu", cospe ele pelo canto da boca). Se a fúria viesse só das palavras, não faria tanto sentido como guitarras, baixos, bumbo e caixa socando o plexo solar, o baixo ventre.

Desde *The Blue Mask* (1982) — com a guitarra a cargo de Robert Quine, espécie de Adrian Belew com PhD — que Lou vem tentando levar às últimas conseqüências o entrechoque e a fricção de duas Fenders vivantes, esboçados junto com Sterling Morrison no Velvet e quase metalizados/vulgarizados com Steve Hunter e Dick Wagner na turnê de 1974, registrada nos LPs *Rock'n'Roll Animal* e *Lou Reed Live*. Junto o Fred Maher, último parceiro restante do núcleo com que iniciou esta fase em *Blue Mask*, Lou passou anos pesquisando a melhor maneira de gravar a Guitarra Elétrica — e tem enfatizado isto em todas as entrevistas recentes. Em *New York*, com uma técnica de microfonação finalmente desenvolvida, mais amplificadores valvulados (Fender, como as guitarras) e a matriz gravada em fita de metal (o que possibilita a duração de quase uma hora deste vinil), parece ter chegado à perfeição. Enquanto isso, um batalhão de moleques guarda dinheiro para comprar um DX7... ao sucesso!

"A popularidade, eis um insulto que nunca sofri", disse uma vez Oscar Wilde. Esquecendo-se o compacto condensando o Velvet para o formato canção pop, que foi "Walk On The Wild Side", Lou poderia dizer o mesmo. E reaparecer com um monolito deste calibre, quando "porta-vozes" de sua geração — como os senhores Dylan, Jagger e os Beatles sobreviventes já chafurdam há anos numa pasmaceira circense. . Uma vez, Lou disse que começou fazendo música com a intenção de casar o rock'n'roll com um texto que tivesse o fôlego de "Dostoievski ou Chandler". É de se perguntar agora, com *New York*, se ele não conseguiu.

José Augusto Lemos

THE BEST OF THE ART OF NOISE — The Art of Noise (China/PolyGram)

Mais uma banda experimental dos anos 80? Não, muito mais que isso. The Art of Noise começou sob a produção de Trevor Horn e seu selo ZTT (Zang Tuum Tumb), integrado por Anne Dudley e J.J. Jeczalik e eventuais colaboradores. Com sua aplicação incondicional de manipulações sonoras, "A Arte do Ruído" tornou-se uma colagem caleidoscópica de inúmeros sons/estrondos recheados de discursos, movimentos de música erudita, vozes, instrumentos musicais diversos, tudo isso calibrado por estonteantes bases rítmicas computadorizadas. As músicas do grupo sempre se preocuparam em transitar entre os petardos eletrônicos e climas hipnóticos e sensuais, como em "Moments in Love", do primeiro LP da banda *(Who's Afraid of?) The Art of Noise!* (1984), e também presente neste *The Best of...* Seguiram-se mais dois LPs, *In Visible Silence* (1986), em que o grupo continuava a aprofundar o uso preciosista de samplers, e *In-No-Sense? Nonsense!* (1987), no qual o AON enriqueceria seu som com a inclusão de sons acústicos, coro de vozes, orquestrações e diversos músicos convidados.

Agora o grupo debuta no Brasil com esta coletânea. Trata-se de uma compilação de músicas que cobrem o período de 1984 a 1988. Os primeiros destaques ficam para as versões de "Peter Gunn", com a presença de Duanne Eddy, na guitarra, e "Kiss", de Prince, ressuscitando Tom Jones, no vocal. Mas não é só: a música do AON parece surgir de um processo de contemplação, desejo e atividade prático-sensitiva, todas as atividades cerebrais configurando o uso e abuso dos samplers como uma das mais radicais e bem-sucedidas experiências da música pop. Isso se observa, por exemplo, na faixa "Paranoimia", apresentando Max Headroom (aquele clone eletrônico de um jornalista acidentado). Mas também torna-se perceptível nas outras sete músicas desta coletânea.

The Art of Noise copula com infindáveis estilos musicais, trespassados por fina ironia e conduzindo o ouvinte desde extremos de sensações oníricas a requintes do mais puro prazer. E, no entanto, como não podemos (ainda?) prescindir das neuroses, caminhamos por um mundo obscuro e de areia movediça... Pode ser reconquistado o paraíso? The Art of Noise dá uma pequena cutucada. *Raffi Kaloustian*

PAST MASTERS — VOLUMES ONE & TWO — The Beatles (Parlophone/EMI-Odeon)

Vinte anos depois, os Beatles continuam rendendo lançamentos. O presente álbum é uma coletânea de compactos e faixas raras. Traz desde versões exclusivas para o mercado alemão até sucessos como "I Want to Hold Your Hand", "I Feel Fine" etc., que, apesar de superpopulares, não constam em nenhum dos treze LPs oficiais do grupo.

O álbum também traz as faixas do EP britânico "Long Tall Sally" — composto de *covers* dos anos 50 — e a gravação original de "Love Me Do", com Ringo na bateria. Mas o melhor é mesmo o lado B dos compactos. As surpresas ficam por conta do twist "Thank You Girl", da mod "I'll Get You", da psicodélica "Rain" e das baladas "This Boy" e "Yes It Is". Só ficou faltando "You Can Do That" e "Dig It" (a faixa sabotada no LP *Let It Be*) para a seleção completar, com os treze LPs restantes, todo o material oficialmente gravado pelo *Fab Four*. *M.P.*

HIP RAP HOP — Região Abissal (Continental)

Rap, eu digo sem medo, é que nem pagode e samba-enredo: quem não sabe, faz tudo igual. Esse não é o caso do grupo Região Abissal, um septeto que vem do Bixiga com seu primeiro LP para entrar nesta briga. Cantando em português, ou mesmo em inglês por intuição, o Região fala, sim senhor, de droga, violência, prata e amor em "Aqui Não É o Bronx", "Falso Ingles" e também em "Não Mexa com a Mulher de Ninguém". Deste LP só tenho um queixume: às vezes as vozes podiam ter mais volume. *A.M.Jr.*

EUROPEAN TOUR '87 — Cólera (A. Indie)

De março a julho de 1987, o Cólera empreendeu uma turnê por dez países europeus. Partes deste evento foram recapituladas neste diário sonoro, recheado de intervenções espontâneas do público e trechos de entrevistas em rádios alternativas. A qualidade das gravações é desigual e o vinil — com bolhas e outros artefatos indesejáveis — não ajuda. Mas, no todo, dá para sentir a garra da banda e a empolgação da galera, especialmente em faixas como "Subúrbio Geral", "Pela Paz" e "Papebrite". *A.G.C.D.*

VINI POU — Kassav' (Epic/CBS)

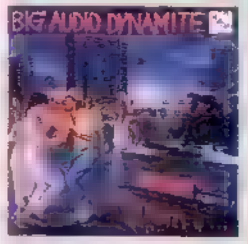
É o segundo LP lançado no Brasil desta banda antilhana que inventou o *zouk* — uma mistura de eletrofunk com *cadanse* (uma espécie de prima da lambada) — e possui o seu QG estrategicamente situado em Paris. Com os dedos de Didier Lozahic — o principal responsável pelo verniz da alquimia sonora incrivelmente dançante do Kassav — comandando a mixagem, *Vini Pou* traz pérolas *zouk* como "Syé Bwa", "Aven Pa Mòl" e "Flash", além de um beguine esperto, "Soleil". *H.B.*

NOBODY'S PERFECT — Deep Purple (Polydor/PolyGram)

Parece incrível, mas eis que os "velhinhos transviados" do Purple mantiveram boa parte do seu antigo fôlego e reuniram energia suficiente para gravar este *quase* petardo ao vivo. Um álbum duplo que reúne "Highway Star", "Smoke on the Water" e outros clássicos de seu repertório apresentados pela formação mais marcante do grupo, com os vocais de Gillan, a guitarra de Blackmore, os teclados de Lord, o baixo de Glover e a bateria de Paice. Um bom disco de rock, apesar das baladas xaroposas com um pé no som das FMs. Mas, como diz o título, ninguém é perfeito... *C.E.M.*

OLD 8 X 10 — Randy Travis (Warner/WEA)

Esta é a primeira aparição da corrente americana country *neo traditionalist* no Brasil. Embora o rótulo possa parecer contraditório ("novos tradicionalistas"), o movimento é uma resposta visceral a todos aqueles que desde os anos 70 vêm tentando vulgarizar a música country, mesclando-a com popismos bebosos e roquinhos formais. Ao lado de Nancy Griffith, Lyle Lovett e Dwight Yoakam, este garotão da provinciana Marshville mostra, em seu terceiro LP, como inserir a música country em uma linguagem inteligente e contemporânea. Um discaço. *F.N.*



TIGHTEN UP VOL. '88 — Big Audio Dynamite (CBS)

O sorriso irônico de Mick Jones na contracapa diz tudo: tira um sarro do passado e daqueles que ficaram parados no tempo. Nem por isso a indignação outrora disparada pelas guitarras do comando Clash foi renegada nesse terceiro episódio da odisséia do BAD.

"2.000 Shoes" é dedicada à coleção de sapatos que Imelda Marcos, mulher do ex-ditador das Filipinas, colecionava enquanto o povo de seu país andava descalço. "Funny Names" é uma canção anti-racista, sem clichês nem sermões. Tem pronunciadas referências melódicas aos Beatles, assim como "Applecart". "The Battle of All Saints Road" junta pedaços de folk, country e reggae, além do tema de banjo do filme *Amargo Pesadelo*. Mas os melhores momentos desta antropofagia musical são "Champagne" e a faixa-título, que privilegiam a dança. *J.Y.N.*

FISHERMAN'S BLUES — The Waterboys (Chrysalis/CBS)

Após o lançamento do LP *This Is the Sea*, em 1985, Mike Scott poderia ter seguido o rastro do U2 e estar hoje trafegando pelo megacircuito ianque. Em vez disso, ele optou pela introspecção, recolhendo-se na Irlanda a convite do violinista Steve Wickham. No final de 1988, Scott ressurgiu de seu retiro espiritual trazendo este *Fisherman's Blues*. Nitidamente mais acústico que seus LPs precedentes, o disco capta a alma e o coração do povo irlandês, conciliando a rusticidade de canções típicas, como "When Will We Be Married?", com referências à tradição celta expressa em "Stolen Child", uma belíssima adaptação musical de um poema escrito em 1889 pelo esotérico W.B. Yeats. Uma volta memorável. *A.G.C.D.*

GREEN — R.E.M. (Warner/WEA)

Com toda sua discografia anterior editada pelo selo independente I.R.S., seria temerária qualquer previsão a respeito de como o R.E.M. se comportaria ao lançar o seu sexto LP oficial — fora duas coletâneas — pela Warner, com todas as conseqüências que a mudança de uma pequena gravadora para o esquema de uma multinacional poderiam acarretar ao som do grupo. Alguns apostavam que eles iriam perder seu caráter autêntico de *garage band*, mergulhando com tudo no *mainstream*, enquanto outros julgavam que a linha musical do grupo permaneceria intacta, sem nenhuma concessão a qualquer pacto comercial.

Afinal, ambas opiniões revelaram ter seu quinhão de razão: se por um lado *Green* não demonstrou a mesma unicidade e inspiração apresentadas no LP anterior — *Document* —, por outro a fragilidade de certas composições do disco foi plenamente compensada por pequenas pérolas incrustadas nos dois lados do vinil, denominados *Air* (A) e *Metal* (B). Nesse contexto se situariam a poderosa faixa de abertura, "Pop Song 89", o peso de "Turn You Inside Out" (com a participação do baterista do Tackhead, Keith LeBlanc), a fina textura de "World Lead Pretend" (a primeira letra do R.E.M. a ser encartada em um álbum) e as sutis intervenções acústicas em "You Are Everything" e "Hairshirt", além da envolvente melodia da canção sem título que fecha o LP. *C.P.*

IT TAKES A NATION OF MILLIONS TO HOLD US BACK — Public Enemy (Def-Jam/CBS)

Too black, too strong. Em palavras e atos — porque a música do Public Enemy é um conjunto de ações que compõem um panorama quase concreto de ruídos, discursos, pilhagem *discriminada* de funk, rhythm'n'blues, soul e rock —, esses garotos do Bronx são barra pesada. *Yo Bum Rush the Show*, seu LP de estréia (1987), já era uma granada de mão. *It Takes...* (do ano passado) tem a potência destruidora de um míssil intercontinental. São dezesseis faixas (divididas entre o "lado prateado" e o "lado negro") que abrem um rombo irreparável no pop. Beat pesado, interferências vindas de todas as partes, scratches frenéticos que traduzem a atmosfera de caos urbano do final do século XX. Colagens dos estilhaços de uma explosão iminente. Eles se apresentam como um exército pronto para o *Armageddon* (N. da R. — *Na Bíblia, a batalha final entre o Bem e o Mal*). Chuck D é o "mensageiro da Profecia", responsável pelos "graves". Flavor Flav é o "lanterninha frio", responsável pelos "agudos". Terminator X é o "técnico do assalto", o DJ Professor Griff é o "ministro da informação". Suas letras (que a CBS teve o bom senso de não omitir da edição brasileira) têm títulos sugestivos, como "Rebel Without a Pause" ("rebelde sem pausa"), "Louder than a Bomb" ("mais alto que uma bomba"), "Bring the Noise" ("traga o barulho"), "Party for Your Right to Fight" (uma brincadeirinha sacana com os Beastie Boys e seu "Fight for Your Right to the Party").

O disco é um manifesto, e é aí que a porca torce o rabo. O Public Enemy usa o hip hop como veículo para uma ideologia confusa e assustadora (N. da R. — *vide entrevista nesta edição*). São racistas às avessas: defendem o "tratamento superior à raça negra", reviram a teoria darwiniana da evolução de cabeça para baixo e assim por diante. Para eles não há saída pacífica para a questão negra: só a "revolução" salva. Eles usam uniformes militares, metralhadoras Uzi de plástico e bonés dos Panteras Negras. Eles não são de brincadeira, e isso é desagradável.

Vale a pena, claro, abstrair e deixar a agulha correr. Public Enemy, assim como o Boogie Down Productions, são os arquitetos da música dos anos 90, que vai passar necessariamente pela desconstrução operada pelo hip hop de linha de frente. Só que seria melhor se eles não estivessem falando tão sério. *Bia Abramo*

CATCH A FIRE — The Wailers; RASTAMAN VIBRATIONS/EXODUS/SURVIVAL — Bob Marley and the Wailers (Island/WEA)

Com sua evocação rastafari e sincera indignação frente aos desequilíbrios sociais de um mundo que sonhava ver mais igual, Bob Marley — que morreu em 11/5/1981 — deu ao reggae um dos principais impulsos para abraçar e influenciar a música internacional de modo geral. Daí a importância dessa reedição de quatro discos seus no Brasil.

Catch a Fire (1973) traz os Wailers ainda na sua formação original — com Marley e Peter Tosh nas guitarras e vocais, Bunny Livingstone na percussão e vocais, junto aos irmãos Aston e Carlton Barrett, no baixo e na bateria, respectivamente — em clássicos como "Slave Driver" e "Stir it Up". Foi o primeiro LP dos Wailers a ser editado internacionalmente além de apresentar o uso pioneiro de *synths* no reggae. Já *Rastaman Vibrations* (1976), o disco de estúdio que sucedeu ao excepcional *Natty Dread* (vet Discoteca Básica BIZZ 14), apresenta Marley como um *band-leader* e compositor de raro talento, em canções como "Crazy Baldhead", "Johnny Was", "Who the Cap Fits" e "War". *Exodus* (1977) mostra um Marley indo muito além do reggae tradicional e aberto a novas influências [illegible]s. [illegible] comprovam o lirismo de "Waiting in Vain" e "One Love/People Get Ready", enquanto *Survival* (1979) revela-se uma confissão de perda da inocência, feita após sua primeira visita à África, em 1978, quando descobriu a verdade sobre o ditador etíope Haile Selassié e a exprimiu em pérolas como "Africa Unite", "Babylon System" e "Zimbabwe". *H.B*

POWER — Ice T (Sire/WEA)

A primeira coisa que se costuma associar ao hip hop é o scratch. Pois *Power* possui apenas uma faixa com (um pouco de) scratch. Ice T e Afrika Islam (o programador da *drum machine*) aplicam o básico do legado de Afrika Bambaataa e Arthur Baker o poder do ritmo, para enlouquecer qualquer branquelo belga adepto da lentíssima *new beat*. Batidas letárgicas: *dope*, como sugere uma das ótimas faixas do LP. "I'm Your Pusher", Ice T, que ganhou notoriedade com o tema do filme *Colors*, é um traficante de músicas viciantes. Não é à toa que chama seu *crew* de "sindicato". Ele trouxe os códigos desglamourizados das ruas de L.A. para os sulcos de seu segundo LP. Trouxe as gírias, os palavrões, as drogas, os tiros, os ônibus e os *freaks*.

Ice T, ex-Crip, não faz drama. Faz "Drama", um rap chapado sobre o conflito entre a polícia e as gangues, com solo de computador rítmico, ótimo para dançar. Te cuida, Public Enemy! *M.P*

DIAMOND LAND — Tomnho Horta (Verve/PolyGram)

Foi preciso Tomnho Horta entrar na parada americana de jazz para voltar a lançar discos em casa. *Diamond Land* — ou "Diamantina" — não traz novidades, apenas competência dentro dos padrões mineiros de música improvisada, uma espécie de império das introversões. Wayne Shorter e Robertinho Silva fazem o melhor da festa de homenagens, mas genial mesmo é o velho clássico do guitarrista, "Berço Partido", uma das melodias mais angulosas e belas da MPB. Da até para esquecer que a versão deste LP é bilíngüe. *M.S.*

MM — Marisa Monte (EMI-Odeon)

Mergulhando no vinil bem mais rápido do que permitiam crer seus primeiros depoimentos, Marisa Monte acertou & errou o tempo todo. Bobagens como introduzir "legalize maryjuana" e "é proibido fumar" em "Chocolate", de Tim Maia, são imperdoáveis, mas Carmen Miranda e o sambista carioca Candeia devem ter se sentido honrados com os acertos. Afinal, nas músicas "South American Way" e "Preciso Me Encontrar", Marisa mostra realmente o quanto sabe cantar. Nas outras faixas ela mostra mais do que sabe. *C.M*

O TEMPO NÃO PARA — (CAZUZA AO VIVO) Cazuza (Philips/PolyGram)

Abrangendo alguns dos momentos mais significativos de um espetáculo em que tanto a crítica como o público se mostraram unânimes na aprovação, *O Tempo Não Pára* foi registrado ao longo de três noites consecutivas em outubro do ano passado, no Canecão. No palco, Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, ao lado de uma eficiente banda de apoio composta por Cristian Oyens (bateria), Nilo Romero (baixo), Luciano Maurício e Ricardo Palmeira (guitarras), João Rebouças (teclados), Widor Santiago (saxofone) e Jussara e Jurema (backing vocals).

São muitos os Cazuzas que se revelam a partir daí: há um Cazuza visionário, um ser que, em meio a tempestades existenciais, ousa monologar sobre a efemeridade da vida ("Vida, Louca Vida"). Há também um Cazuza apaixonado, derradeiro representante da morbidez romântica, cujo erotismo universal exprime-se, no mais das vezes, de uma forma desvairada, quase trágica, em "Só as Mães São Felizes", "O Nosso Amor a Gente Inventa (Estória Romântica)". Finalmente, há um Cazuza revolucionário, um poeta armado com sua metralhadora de mágoas, pronto para disparar contra a sordidez ("Ideologia"), em nome das prostitutas, dos boias-frias, dos favelados e de tantos outros humilhados deste nosso Brasil. Reunidos num Cazuza cantor, um artista que se encontra talvez no apogeu de sua sensibilidade, todos eles têm a oportunidade de brilhar nas dez faixas que fazem parte do show *Ideologia*.

Assim como Renato Russo, Lobão, Arnaldo Antunes e outros porta-vozes de sua geração, Cazuza navegou no próprio sangue para erigir a sua obra. "Correu todos os perigos, perdeu os sentidos", não se rendendo nem mesmo quando se deparou com o rosto da morte. O tempo e suas mazelas fizeram com que "aquele garoto que ia mudar o mundo" crescesse e se tornasse um xamã, um músico possuído pelos deuses. Pela garganta, ele deixou fluir o surto originário do verbo. Indo além, revolveu desatinos coletivos, incomodou, radicalizou posições de forma lúdica. Em suma, refestelou-se.

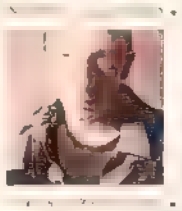
Agora, na hora do balanço, repassam-se os grandes momentos desta trajetória. E às hienas, um último recado: "Mas se você achar que eu estou derrotado / Saiba que ainda estão rolando os dados, porque o tempo não pára". *Arthur G. Couto Duarte*

SERPENTE NEGRA — Banda Reflexu's (EMI-Odeon)

Esta é uma banda que tem tudo para ultrapassar a condição de sucesso meteórico e se afirmar como a melhor representante do samba-reggae baiano. Sabe misturar em doses certas a batida afro, o samba e o reggae com resultados superdançantes, e suas letras são verdadeiros manifestos da consciência negra, passando ao largo dos trocadilhos grotescos. O único pecado de *Serpente Negra* — segundo LP da Banda Reflexu's — diz respeito à produção, convencional em demasia, que acaba por ameaçar a potência que o grupo mostra ao vivo. *B.A*

SEEDS OF DESTRUCTION — Voodu/ A MOSH IN BRAZIL — Metralhon/ RETALIATORY STRIKE — At War/ TANK (Rock Brigade)

Com este pacote composto por duas bandas brasileiras (Voodu e Metralhon) e duas americanas (At War e Tank), a Rock Brigade abre um poderoso front para o heavy metal e suas derivações. Do lado brasileiro, o quinteto paulista Voodu, depois de várias modificações em sua formação, chega ao seu segundo LP, com um convincente *power-thrash-metal* cheio de agressividade e letras em inglês, com destaque para "What's the Reason" e "Nothin' to Lose". Já a banda carioca Metralhon sai com um LP que mostra bem mais que o seu primeiro LP, num estilo matador próximo ao do Slayer e em que há lugar até para uma recriação metálica de "Another Brick in the Wall", do Pink Floyd. Das pragas americanas, o At War, em seu segundo LP lançado no Brasil, detona um som pesadíssimo entrincheirado de efeitos de batalha, enquanto o Tank — há oito anos na estrada, sob o comando do baixista/vocalista Algy Ward — vem com um trabalho mais elaborado e amadurecido de metal. És *banger*? Então, confira. *L.R*



THE STARS WE ARE — Marc Almond (Parlophone/EMI-Odeon)

Não há dúvida em afirmar que o inglês Marc Almond é uma das mais limpidas e melhores vozes dos anos 80. Desde seu surgimento no *avant-techno-new-romantic* Soft Cell até suas aventuras como solista iniciadas em 1982 com o álbum *Untitled*, Marc deambulou por baladas *torch*, música flamenca, *kitsch-pop-songs*, *techno-hard-rock* e frescuras hollywoodianas. Neste seu sétimo LP (o primeiro a sair por aqui) — que, mesmo não sendo o seu mais expressivo, é o mais compacto em termos de unidade musical —, Marc concebeu uma obra de imenso teor poético e definitivamente *popster* e ultradançável, com faixas belíssimas como "These My Dreams Are Yours", "Only the Moment", "Something's Gotten Hold My Heart" (cover de Gene Pitney) e "Your Kisses Burn" (em dueto com a falecida Nico). *F.N*

SNEGS — O Som Nosso de Cada Dia; DURANTE O VERÃO — A Barca do Sol; O TERÇO (Phonodisc/Continental)

Sob o título de *Rock Brasil* a Continental inaugurou uma série de relançamentos de grupos nacionais que despontaram durante os anos 70. Estes três primeiros discos trouxeram de volta bandas tão importantes e talentosas quanto indecisas musicalmente. A começar pelo LP do Terço (1973) — lançado após um outro bom, mas obscuro, pela Phonogram —, em que o grupo carioca oscilava entre o folk, o heavy e o progressivo, trazendo desde uma suíte-de-lado-inteiro ("Amanhecer Total"); até uma parceria com Ezequiel Neves (!), em "Rock do Elvis". O Som Nosso, grupo paulista, capricho em sua guinada, enquanto este seu primeiro LP, *Snegs* (1974) — relançado agora em conjunto com a Bastos Afins —, era uma interessante fusão brasílica de som progressivo, seu disco seguinte seria de puro funk. Mais fiéis ao seu estilo, os curitibanos da Barca faziam uma síntese que abarcava (perdão!) de Gentle Giant a Milton Nascimento, como neste *Durante o Verão* (1976).

Em resumo, três relíquias de uma época onde até a pretensão musical tinha uma certa inocência. *A.M.Jr*

OPEL — Syd Barrett (Harvest/EMI-Odeon)

A escolha do disco *The Dark Side of the Moon* (1973) para ser o primeiro álbum do Pink Floyd a ser pautado na seção *Discoteca Básica* (vide BIZZ 21) causou polêmica entre os admiradores mais ardorosos do grupo, pois vários deles (inclusive eu) entenderam que a primazia deveria ter sido dada ao LP de estréia, *The Piper at the Gates of the Dawn* (1967), sintomaticamente o único álbum do grupo composto quase que inteiramente por Syd Barrett. É verdade que o chamado "disco do prisma" representava o apogeu de um estilo que o Pink Floyd desenvolveria à exaustão em seus trabalhos posteriores, mas também seria justo dizer que a fase progressiva do grupo — iniciada com o excepcional álbum duplo *Ummagumma* (1969) — não teria se concretizado sem as idéias lisérgicas de Syd.

Apesar de ter sido o idealizador do grupo e autor de seus primeiros hits ("Arnold Layne" e "See Emily Play"), aos poucos Syd foi sendo afastado do Pink Floyd devido a seu comportamento imprevisível, induzido por doses cavalares de LSD, e acabou abandonando definitivamente a banda pouco antes do lançamento de seu segundo LP — *A Saucerful of Secrets* (1968) —, no qual comparecia apenas na faixa "Jugband Blues". No entanto, a partir de sua saída do grupo, Syd começaria a realizar uma série de gravações esporádicas no estúdio Abbey Road, que se estenderia até meados de 1970, a princípio sob a produção de Peter Jenner e depois com Malcolm Jones, Roger Waters e especialmente com David Gilmour, seu substituto no Pink Floyd. Estas sessões conseguiram captar os últimos lampejos de uma criatividade brilhante, fruto de uma mente privilegiada, mas já corroída irreversivelmente pelo ácido, e resultaram em seus dois únicos discos-solo: *The Madcap Laughs* (que foi editado no Brasil em 1975) e *Barrett*, ambos de 1970.

O LP *Opel* veio ampliar este parco, porém fundamental, legado musical de Syd. Composto de *out takes* e faixas inéditas dos seus discos anteriores, o álbum trouxe um genial conjunto de canções levadas na grande maioria por sua voz e violão. As exceções ficaram por conta de sua guitarra e um discreto acompanhamento que incluía membros do Soft Machine, entre outros músicos não creditados. Um oportuno resgate da obra deste mestre do psicodelismo. *Celso Pucci*

RAPIDO & RASTEIRO

Nestes tempos de incertezas, congelamento e "new cruzado" demolindo o poder aquisitivo e torrando a paciência de todas nós, vocês pensavam que as gravadoras iriam sossegar? Ledo engano. É só me acompanhar pela habitual avalanche de discos desta seção. A começar por dois LPs razoáveis de rhythm'n'blues. **HOT TIME IN THE CITY TONIGHT** com a **11th Hour Band** e **I'M A BUSINESS MAN** com **T. Blade and the Esquires** (ambos Tone Cool/Alldisc). Nada de muito original, mas que, no fim das contas, ainda consegue dar para o gosto. A mesma Auldisc, junto ao selo americano Absolute, lança **CITY SLICKER,** LP solo de **James Young** — ex-guitarrista do sumido Styx — junto à fera dos teclados **Jan Hammer** (também co-produtor). Um disco que não chega nem aos pés dos antigos trabalhos do tecladista com a Mahavishnu e Jeff Beck, entre outros ⊗ Mais interessante é a trilha do filme **BULL DURHAM** (Capitol/EMI-Odeon), com destaque para as faixas de **Joe Cocker, The Fabulous Thunderbirds, George Thorogood and the Destroyers, The Blasters** e **John Fogerty**, enquanto mesmo com presença constante nas paradas americanas e indicações para o Grammy, o LP de estréia de **MELISSA ETHERIDGE** (Island/WEA) não consegue ir muito além do que Bonnie Tyler, Kim Carnes e outras tantas já fizeram na mesma linha. O mesmo pode ser dito a respeito de **A PLACE LIKE THIS** (EMI-Odeon), de **Robbie Nevil**, que algumas vezes lembra Prince e outras Michael Jackson. Mas o cara é branco e cheira a pura armação ⊗ E lá vêm eles de novo, pilotando os seus sem-número de teclados: **Jean Michel Jarre** e **Vangelis**. O primeiro em **REVOLUTIONS** (Dreyfus/PolyGram) e o outro nos LPs **DIRECT** (Ansta/BMG-Ariola) e **ANTARCTICA** (Polydor/PolyGram), este último a trilha sonora do filme homônimo, do diretor japonês Koreyoshi Kurahara. Ambos comprovam nestes três álbuns que precisam dar uma reciclada em suas respectivas mesmices "tecnotrônicas" ⊗ Para quem é chegado em um *muzak*, eis que surgem **THE BEST OF BILL MEDLEY** (RCA/BMG-Ariola), em que o ex-Righteous Bros interpreta um punhado de adocicadas arranjos para canções consagradas, e **RITES OF SUMMER** (MCA/WEA), do **Spyro Gyra** , que traz o usual e tranqüilo jazz-rock do grupo com pitadas latinas ⊗ Já na parte nacional, despontam **Tim Maia** e sua grande voz em **CARINHOS** e **Sandra de Sá** (ex-Sandra Sa) em seu novo LP, que conta com as participações dos Titãs e Billy Paul. Porém, estes dois discos — editados pela RCA/BMG-Ariola — só confirmam que o funk brasileiro precisa de uma sacudidela para se livrar de suas letras melosas e batidinhas quase sempre iguais ⊗ Por outro lado, mais conhecida nos EUA do que em sua própria terra natal, a brasileira **Tania Maria** nos remete o interessante LP **FORBIDDEN COLORS** (Capitol/EMI-Odeon), mas bom mesmo é **LUZ NEON** (Eldorado), onde, na bossa nova, no samba ou nas canções de fossa, **Leny Andrade** prova ser uma de nossas melhores interpretes. *Leopoldo Rey*

MARACUJÁ JÁ!

É a hora e a vez da fruta da paixão. A revista SAÚDE! conta nesta edição que, além de proporcionar um delicioso suco, o maracujá é um ótimo calmante e um valioso auxiliar no processo digestivo.
Vá até a banca mais próxima e se apaixone por esta fruta.

AS BANCAS

Stamp
ILUSÕES DE MOLETON
100% ALGODÃO
TAMANHO P M G.
REF MT-6 COR CINZA
REF MT-1 COR BR
REF MT-9 COR CINZA
REF MT-3 COR BR
REF MT-7 COR PR
REF MT-4 COR PR
REF MT-8 COR PR
REF MT-2 COR PR
REF MT-5 COR CINZA
NOVAS ESTAMPAS MALHA ESPECIAL
CAMISETAS
INXS
KICK
PINK FLOYD
DESCONTO 10%
$ PREÇOS $
Manga Curta: NCz$ 16,30
Manga Longa: NCz$ 21,00
Moleton: NCz$ 38,50
Validos até a proxima BIZZ
Manga Curta
Manga Longa
Moleton
REF | COR | TAM. | REF | COR | TAM.
Nome
End.
Est. ESTADO CEP
Envie este cupom ou cópia STAMP Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 CEP 02013 São Paulo - Semana.

COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT

O mercado brasileiro de CD demonstra sua expansão através do notável crescimento de títulos disponíveis a partir do início deste ano. No entanto, é de se esperar que esse aumento de quantidade também seja seguido por uma escolha mais criteriosa e uma maior diversificação nos lançamentos, especialmente em termos de rock e pop. Mas, além do maior número de títulos editados, outro sinal de que as gravadoras estão apostando nos CDs é o fato de, em alguns casos, eles terem chegado às lojas quase que simultaneamente com os LPs — vide **PAST MASTERS VOL. One & Two**, dos **Beatles, O TEMPO NÃO PÁRA**, de **Cazuza, MM**, de **Marisa Monte**, e **SERPENTE NEGRA**, da **Banda Reflexu's**, todos álbuns resenhados nesta edição — e, às vezes, até mesmo antes do vinil. Assim, as versões em CD das coletâneas **O MELHOR DE OS CARIOCAS** (Philips/PolyGram), contendo um significativo painel deste grupo vocal/instrumental que se projetou com a Bossa Nova, e **AFRO E AFOXÉS DA BAHIA** (Polydor/PolyGram), apanhado de blocos afro-pol-lanos com participações de **Gilberto Gil** e **Luiz Caldas**, já estavam disponíveis antes de seu lançamento em LP. No mais, os fãs de *The Voice* podem se deliciar com **FRANCIS ALBERT SINATRA & ANTONIO CARLOS JOBIM** e **OL'BLUE EYES IS BACK** (ambos Repnse/WEA) e os de trilhas sonoras com a de **BLADE RUNNER** (Full Moon/WEA), com músicas de Vangelis executadas pela **The New American Orchestra.** *Celso Pucci*

GRAVADORAS INDEPENDENTES: A. Índio — Cx. Postal 8517 CEP 01051 São Paulo SP (011) 257-3548. Baratos Afins — Av. São João 439 Loja 3 B São Paulo SP (011) 223-3679. Rock Brigade — R. Fernando de Albuquerque, 171 São Paulo SP (011) 32...

BOLSA DE DISCOS

	BIG TIME Tom Waits (WEA)	EL CAN'TO SAMBA Paulinho da Viola (RCA/RMG-Anoia)	B.B. KING ... Kings Of THE BLUES 1989 B.B. King (WEA)	VOCÊ NÃO PRECISA ENTENDER Capital Inicial (PolyGram)	POP ART Transvision Vamp (WEA)	DE CARA SOU EU DE THUNDER Pink Floyd (CBS)
Ayrton Mugnaini Jr. FM 97 Santo André, SP						
Fernando Naporano O Estado de S. Paulo, SP				•		
Jean Yves de Neufville Folha de S. Paulo, SP						
Marisa Adan Gil Bizz				•		•
Roberto Maia FM Brasil 2000, SP						
Rodrigo Leitão Jornal de Brasília, DF					•	
Tom Leão O Globo, RJ						
Celso Pucci Bizz						

Ótimo

Bom

Razoável

Fraco

A 89 DE A A Z.

O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

ZONA FRANCA

ISN'T ANYTHING (Creation) é o LP de estréia da banda **My Bloody Valentine,** resultado de uma mistura de Velvet com Phil Spector — este via referências óbvias ao Jesus and Mary Chain — aliada a riffs crus de guitarras, herança dos Stooges e MC 5. Isso faz de seu pop ácido, porém cheio de nuanças melódicas, um som extremamente perturbador. A partir de uma incestuosa ação entre as guitarras (diabólicas "domesticadoras" de ruídos, alteradas em distorções, "puxadas" de cordas e afinações esquisitas) e os vocais (dos "mortos de sono" Kevin e Belinda), cria-se um demente ritual de acasalamento, impregnando o ambiente com uma alucinante celebração de *feedbacks*.

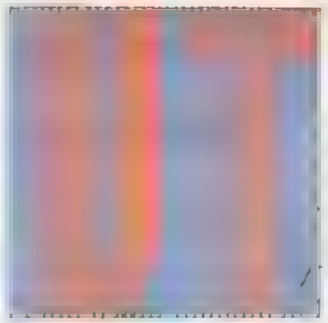
◆

Saudado como o primeiro grande *crossover* entre o acid house e o pop neo-psicodélico, **IN GORBACHEV WE TRUST** (Demon), o segundo LP do grupo **The Shamen,** apresenta dez torpedos dançantes com as tradicionais falas sampleadas e ruídos que entram e saem de cena ao sabor do *beat*. Mas com um certo "algo mais" que é do peru: letras políticas de um cinismo e uma lucidez fora do comum, além da impressionante habilidade em combinar guitarras e computadores. Um cartão-postal do futuro, com um Gorbachev caracterizado *à la* Jesus de Nazaré na capa. *Thomas Pappon*

A música country ressurge das cinzas com **Dwight Yoakam,** um garotão vindo de Kentucky para Nashville, que provou que nem só de babas como Kenny Rogers e Willie Nelson é composto o estilo. Ele veio acabar com esse marasmo, a princípio se enturmando com os *cowpunks* californianos e gravou seu primeiro LP em 1984, *GUITARS, CADILLACS* **BUENAS NOCHES FROM A LONELY ROOM** (Reprise) é o seu terceiro álbum e apresenta um country que vai das raízes do *hillbilly* à energia do *cowpunk*, além de trazer de quebra as participações de Maria McKee, do Lone Justice, e de Buck Owens, velho ídolo da canção country tradicional.

◆

O selo independente californiano Enigma lança a sua compilação contendo o que rolou de melhor durante o ano passado. Entre os estilos presentes em **ENIGMA COMPILATION 1988,** destacam-se o punk do **Agent Orange,** o psicodelismo do **Plasticland** e grupos que resgatam o folk-rock dos Byrds, como **Textones, Wednesday Week** e **Game Theory.** *Kid Vinil*



Surgido em 1978 na esteira do DNA, Mars, Contortions e outros grupos da *no-wave* nova-iorquina, o trio feminino **Ut** — formado pelas americanas Jaqui Ham e Sally Young junto à inglesa Nina Canal revezando-se em vários instrumentos — só conseguiu chegar ao primeiro LP em 1985 *(CONVICTION)*. Com seu segundo álbum de estúdio **IN GUT'S HOUSE** (Blast First), as espevitadas garotas se aprofundam em seus delírios sonoros na linha de bandas como Sonic Youth e Swans. E já anunciam novos trabalhos, com a inclusão do baterista Charlie "Sticks". É pagar para ouvir. *Celso Pucci*

THE LAST OF THE FAMOUS INTERNATIONAL PLAYBOYS

Morrissey (Music for Pleasure)

© Direitos reservados

Dear hero imprisoned
with all the new crimes that you are perfecting
oh, I can't help quoting you
'cause everything that you said rings true

And now in my cell (well, I followed you)
and here's a list of who I slew
Reggie Kray, do you know my name?
oh, don't say you don't, please say you do
I am... the last of the famous international playboys

And in my cell (well, I loved you)
and every man with a job to do
Ronnie Kray, do you know my face?
don't say you don't, please say you do
oh, please say you do
I am... the last of the famous international playboys

In our lifetime, those who kill
the newsworld hands them stardom
and these are the ways on which I was raised
but I never wanted to kill, I am not naturally evil
such things I do just to make myself more attractive to you
have I failed?

Oh oh yeah, oh oh no...
the last of the famous international playboys

O ÚLTIMO DOS FAMOSOS PLAYBOYS INTERNACIONAIS

Caro herói encarcerado
com todos os novos crimes que você anda aperfeiçoando
oh, não consigo resistir a ficar citando tuas palavras,
pois tudo o que você disse sos verdadeiro

E agora em minha cela (bem, eu segui você)
e eis aqui uma lista de quem eu abati
Reggie Kray, você conhece meu nome?
oh, não diga que não, por favor diga que sim
eu sou... o último dos famosos playboys internacionais

E em minha cela (bem, eu te amava)
e cada homem com um trabalho a fazer
Ronnie Kray, você conhece meu rosto?
não diga que não, por favor diga que sim
oh, por favor diga que sim
eu sou... o último dos famosos playboys internacionais

Na época em que vivemos, aqueles que matam
recebem o estrelato das mãos do mundo da notícia
e essa é a educação com que fui criado,
mas eu nunca quis matar ninguém, não sou mau por natureza
coisas assim faço só para me tornar mais atraente aos teus olhos
será que eu falhei?

Oh oh yeah, oh oh não...
o último dos famosos playboys internacionais

AS LETRAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ CURTE AGORA ESTÃO

TODO MÊS NAS BANCAS.

LETRAS TRADUZIDAS

BIZZ ESPECIAL

EDITORA AZUL

CARTAS

IRA! NA BERLINDA

Sou assinante dessa revista, que considero a melhor em matéria de música. Isso, obviamente, não me impede de ler, de vez em quando, outras publicações do gênero. Lendo outra revista, descobri algo que me incomodou profundamente. A leitora Ana Cristina Perlatti, de Ribeirão Preto/SP, acusa o grupo Ira! de plágio! Fiquei chocada com a carta, mas, aparentemente, a Ana tem razão. Ela fala sobre a música "Receita para se Fazer um Herói". Acho que não há como negar "semelhanças exageradas", como diz a própria Ana, entre essa música e o poema "Receita de Herói", de Reinaldo Ferreira. Mas acho justo que o público dê uma chance ao grupo Ira! de se explicar, afinal é uma banda que tem longo tempo de estrada e que sempre foi respeitada no cenário musical. (...) Confio cegamente na capacidade de Edgard Scandurra, não só como guitarrista (o melhor do Brasil, na minha opinião) mas também como letrista. O Ira! deve grande parcela de seu sucesso a essas letras do Edgard. (...) Gostaria de obter uma resposta o mais depressa possível, pois a última coisa que eu quero ver é o Ira! ter seu nome manchado na história do rock no Brasil como uma banda que *rouba* indiscriminadamente letras de outros autores.
Fabíola de Oliveira Moreira, Niterói — RJ

Você está certa ao reivindicar uma resposta do Ira! a essa acusação de plágio. A carta de Ana Cristina que você leu em outra revista foi enviada também a Redação de BIZZ, no dia 28 de setembro de 1988. Realmente a carta — acompanhada da cópia do poema "Receita de Herói", de Reinaldo Ferreira — nos impressionou muito, mas, ao contrário da outra revista — que preferiu atirar o Ira! à fogueira —, BIZZ encaminhou a carta de Ana Cristina ao próprio Edgard Scandurra, que prontamente nos respondeu explicando exatamente os fatos. A carta de Edgard foi encaminhada a Ana, mas seguramente ela já havia escrito para outra revista, e a acusação pública de plágio foi inevitável.

Edgard Scandurra responde: *Em 1981 eu prestava Serviço Militar obrigatório no 2.º Batalhão de Guardas, em São Paulo, e nessa época eu já era músico e compositor (músicas como "NB", "Pobre Paulista", "Como os Ponteiros de um Relógio" e "Saída" são dessa fase). No quartel todos me conheciam por causa da lira que eu tocava nas horas de folga. Foi então que, numa tarde, o então soldado Esteves me apresentou a poesia "Receita para se Fazer um Herói", da qual ele dizia ser o autor. Eu peguei a letra e fiz a música. Um reggae que apresentei ao Ira e automaticamente o incluímos no repertório. Passou o ano de 1981, acabou o Serviço Militar, agora todos novamente civis, felizes e satisfeitos. Passaram-se seis anos e, em 1987, quando preparávamos o repertório para o nosso terceiro LP,* Psicoacústica, *nos lembramos daquele reggae dos tempos do Ira e gravamos "Receita Para se Fazer um Herói". E quais os autores? Quanto à música, nós dividimos a autoria entre os membros do Ira!. E quanto à letra? Procuramos localizar o Esteves para colocar em dia a questão do direito autoral. Como não o localizamos e surgiu a hipótese da letra ser de outro autor, demos uma busca em bibliotecas, chegando até a importunar um dos possíveis poetas, Thiago de Mello, ligando para sua casa. Depois de um mês de pesquisas que não deram em nada conseguimos localizar o Esteves, que sem hesitar nos confirmou ser o autor. Hoje, graças à sua carta e à revista BIZZ, colocamos os pingos nos is: desmascaramos o falso poeta e conseguimos autorização da herdeira do verdadeiro autor — Reinaldo Edgar de Azevedo e Silva Ferreira — para musicarmos o poema, que tanto enriqueceu nosso trabalho no* Psicoacústica, *através da S.P.A. (Sociedade Portuguesa de Autores).*

BIZZ EM CUBA

Gostaria de me corresponder com amigos brasileiros que curtam rock e queiram trocar posters e fotos de grupos musicais, como o Queen, do qual sou fã. Tenho 24 anos, trabalho com computadores e, nas minhas horas de folga, gosto de ouvir rock e ler revistas que falam a respeito do mundo da música. **Juan Carlos A. Coutín — De 29 4815 c/ 48 y 50, M. Playa, Habana — Cuba**

PROCURAM-SE MÚSICOS

Procuram-se um baixista e um baterista para formar um grupo em São Paulo. Entrar em contato com **Sarah** (tel. 211-6979) ou **Susan** (tel. 61-0564).

GRAVAÇÕES RARAS

SS Fucking Tapes Gravações raras, piratas e importadas. A/C Evandro Marquardt — Caixa Postal 475, CEP 89600, Joaçaba — SC

Troco gravações piratas da **Legião Urbana.** Reginaldo Ferreira da Costa — R. Cel. Carlos Miguel, 54, CEP 25075, Duque de Caxias — RJ

FÃS-CLUBES

A-ha *Fã-Clube A-ha Take on Me* A/C Emília — R. Pedro de Lucena, 34, CEP 03113, São Paulo — SP

Billy Idol *Eyes without a Face Forever Idol* A/C Edmilson — R. São João, 1456, CEP 87100, Maringá — PR

Cure *Fan Club The Cure Association* A/C Denise — R. João Ribeiro, 968, CEP 09070, Santo André — SP

Duran Duran *Duran Duran Brazilian Army* A/C Monique — R. José Figueiredo, 54, CEP 09370, Mauá — SP

Kid Abelha *Kid Abelha Fã-Clube* (Novo Endereço) Caixa Postal 30512, CEP 20740, Rio de Janeiro — RJ

Legião Urbana *Fã-Clube "Por Enquanto"* r. Cel. Carlos Miguel, 54, CEP 25075, Duque de Caxias — RJ

Legião Urbana *Fã-Clube Ontem, Hoje e Sempre* A/C Eduardo — R. Passo Fundo, 308, CEP 93250, Esteio — RS

Madonna *Maddy Fan Club* A/C Augusto — R. Oceano Ártico, 41, CEP 58033, João Pessoa — PB

Paralamas do Sucesso *Fã-Clube Paralamas do Sucesso* A/C Neto — Pça. Centenário, s/n.º, CEP 58780 — Itaporanga — PB

Paralamas do Sucesso *Herpa Fã-Clube do Paralamas* A/C Márcia — av. Visconde do Rio Branco, 2581, CEP 60055, Fortaleza — CE

RPM *Fã-Clube RPM Liberdade/Guerra Fria* A/C Ana Paula Uliana — R. Salgado Filho, 265, CEP 89500, Caçador — SC

RPM *Fã-Clube Ponto de Fuga* A/C Aline — R. Manuel Lúcio, 120, CEP 57300, Arapiraca — AL

Titãs e Ira! *Facção Titânica* A/C Guilherme — Planalto Mirassol, R. 5, 40, CEP 60000, Fortaleza — CE

Titãs *Igreja Titânica* A/C Afrânio — R. Major Alberto Silva, 342, CEP 25660, Petrópolis — RJ

Help Fan Clube A/C Itamar — R. São Caetano, 160, CEP 93250, Esteio — RS

PEDINDO BIZZ

Compro BIZZ do número zero ao 10, com exceção das edições 02, 05 e 09. **Haroldo Gusmão Filho — R. Dom Luís Vasconcelos, 16, CEP 40350, Salvador — BA**

Estou interessada em comprar as revistas BIZZ de números 04, 08, 09 e 10, e também revistas e posters sobre o U2. **Paula Cristina Vaz Porto — R. Berna, 123, CEP 12200, São José dos Campos — SP**

Compro edições de BIZZ de números 03, 06, 07, 11, 17 e a Top Hits 1, além de reportagens sobre o Duran Duran. **Adriana de Fontes Cavalcanti. R. Dr. Brito Alves, 40, CEP 52051, Recife — PE**

Gostaria de comprar as edições de BIZZ números 08 e 21, as únicas que faltam para completar minha colação. **Paulo Henrique Martins Rocha — R. Corinto, 351, CEP 30210, Belo Horizonte — MG**

Curto muito os Titãs e compro qualquer número de BIZZ que tenha matéria do grande octeto, com exceção da BIZZ 01. **Valerie Cardia — R. Prof.ª Angélica L. Castro, 40, CEP 25655, Petrópolis — RJ**

VENDENDO BIZZ

Vendo coleção completa de BIZZ, do número 01 ao 42. **Renato Aparecido Herrera — R. Barra Funda, 99, CEP 09880, São Bernardo do Campo — SP**

Vendo coleção completa da revista BIZZ, do número 01 até a última edição. **POP BOTTOM H20 CLUB — Av. Gentil Tavares, 1502, CEP 49000, Aracaju — SE**

Vendo edições da BIZZ do número 10 ao 40, além dos números 03 e 04. **Eduardo Garcia — R. Rosângela D. de Oliveira, 01, CEP 06230, Osasco — SP**

Vendo revistas BIZZ do número 01 ao 23, com exceção do número 22, e do número 29 ao 41. **Edmilson Souza Santos — Av. Dr. Arnaldo, 715, CEP 01255, São Paulo — SP**

Vendo as edições de BIZZ dos números 12 a 20, 22 a 31, 33 e 34, 36 a 40, 42 e 43. **Dorivaldo Otoni Arantes — R. 22, 359, CEP 77150, Goianésia — GO**

Vendo BIZZ do número 19 ao 41. **Karla Patrícia da Silveira — R. Desembargador Tinoco, 220, apto 202, CEP 30750, Belo Horizonte — MG**

Vendo as edições de BIZZ de números 10 a 12, 14, 17 e do 40 em diante. **Eliane Garcia — R. Juréia, 82, CEP 04140, São Paulo — SP**

Troco BIZZ do número 37 ao 41 pela BIZZ 24, e compro BIZZ do número 01 ao 17. **Luciana Yoshikawa — R. Dr. Nicolau de Souza Queiroz, 267, apto 143, CEP 04105, São Paulo — SP**

Troco as edições 28, 29 e 33 pelos números 03, 06 e 07 de BIZZ. Vendo Ídolos do Rock 20-B, 27-I e 17-B, além de Astros do Rock e Calendário do Rock. Gostaria de adquirir também algo sobre o Dire Straits. **Rogério Guerreiro — MSPW Quadra 3, Cj. 3, casa 01, CEP 71700, N. Bandeirante — DF**

ERRAMOS

O nome correto do vocalista e guitarrista do grupo Colarinhos Caóticos é Egisto, e não Egito, como figura na página 54 da BIZZ 43.

Na edição 44, a numeração das páginas 36 e 37 está invertida.

Aviso aos Assinantes

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para

EDITORA ABRIL ASSINATURAS

rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP.

BIZZ 46

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço ______ CEP ______

Bairro ______ Estado ______ Telefone ______

Cidade ______

Entrega | Roteiro

Não preencha este espaço

recorte aqui

CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL
WILLY AND THE POOR BOYS (1970)

Uma banda de carreira bastante singular, que levou quase uma década para alcançar o sucesso e, depois de pouco mais de dois anos no topo das paradas, foi se extinguindo gradativamente, até encerrar suas atividades de forma definitiva em outubro de 1972. Porém, sua trajetória acidentada foi suficiente para que conquistasse um lugar ao sol na história do rock'n'roll, talvez como a mais universal *cult band* de todos os tempos.

Tudo começou em 1959, na cidade interiorana de El Cerrito, na Califórnia, onde os irmãos Fogerty — Tom e John — encontraram em seus colegas de colégio Stu Cook e Doug "Cosmo" Clifford, respectivamente baixista e baterista, o complemento ideal para o *crossover* entre o country e o rhythm'n'blues que eles pretendiam detonar com suas guitarras. O quarteto começou com o nome de The Blue Velvets, tocando no circuito local, mas só alcançaria uma modesta projeção como The Golliwogs, já em meados da década de 60. No entanto, seria como Creedence Clearwater Revival, nome que adotou a partir de 1967, que a banda começaria a sentir o doce gosto da fama. A fórmula musical deste êxito consistia na guitarra-ritmo de Tom, no baixo de Stu e na bateria de Doug, que formavam uma base ideal para secundar as criações do gênio de John C. Fogerty, expressas tanto por sua assinatura em quase todo o material da banda como também pelos riffs inconfundíveis de guitarra e os vocais rasgados que se tornariam marca registrada do som do Creedence.

O resultado não poderia ser outro: logo em seu álbum de estréia — batizado apenas com o nome da banda e lançado em 1968 — conseguiram obter uma vendagem excepcional, conquistando um disco de platina, prêmio que também seria atribuído aos cinco LPs subseqüentes da banda. Com o lançamento de *Bayou Country* e *Green River* no ano seguinte, o Creedence afirmaria sua posição de sucesso popular, sem contudo alterar as raízes de seu som. Ao mesmo tempo, músicas retiradas destes dois LPs e lançadas em compacto — tais como "Proud Mary", "Born on the Bayou", "Bad Moon Rising" e "Green River" — tomavam de assalto os primeiros lugares das paradas. Em 1970, esta sucessão de hits seria ampliada com outro punhado de canções de John, enquanto a banda, no auge de sua forma criativa, entrava em estúdio para gravar o LP *Willy and the Poor Boys*, que se tornaria a sua obra-prima definitiva.

Um álbum recheado de clássicos: já na abertura, com o balanço do mega-hit "Down in the Corner", o Creedence — e especialmente John — demonstrava um pique arrasador, que prosseguia nos riffs de rock'n'roll de "It Came out of the Sky" e na levada country da canção tradicional "Cotton Fields", com direito a violões e arranjos vocais no melhor estilo de Nashville. Em seguida vinha a instrumental "Poorboy Shuffle", com destaque para a gaita tocada por John, introduzindo o *groove* de "Feelin' Blue", que deixou registrado um dos mais contagiantes refrões característicos da banda.

O segundo lado começava com "Fortunate Son", um exemplo clássico do trabalho excepcional de guitarras dos irmãos Fogerty, que prosseguia com violões no country "Don't Look Now (It Ain't You or Me)". Na seqüência vinha a inspirada versão da banda para "The Midnight Special", a clássica canção de Leadbelly, e depois o rhythm'n'blues instrumental "Side O'the Road", outro prato cheio para os riffs e solos do John. É ele mesmo que acaba a festa na última faixa do LP, "Effigy", um psycho-country com um trabalho de bordão de guitarra inspirado na *surf music*. Um disco primoroso, com um brilho que nenhum dos três álbuns posteriores do Creedence — *Cosmo's Factory* (1970), *Pendulum* (1971) e *Mardi Gras* (1972, este já sem a guitarra de Tom) — conseguiu superar.

Carlos Eduardo Miranda

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ritmo Vivo e Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro)
Repórter Especial: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assari

ARTE
Editor-Chefe: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bittnas
Diagramação: Angelo Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Massoni
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: André Forastieri, Arthur G. Couto Duarte (BH), Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Celso Massoni, Fernando Naporano, Hagamenon Brito (SAL), Jean-Yves De Neufville, Kid Vinil, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcelo Fatherman (RJ), Marcos Smirkoff, Rafi Kaloustian
Arte: Marco Ino, Izau Norberlino
Fotos: Cidiano, Eurico Salis, Kid, Marcos Bonisson, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Z. Vivanco
Revisão de Texto: Thaís Helena de Souza Juárez

Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto
RJ-Gerente: Getúlio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burgo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aula Rosa Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Padigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinatura anual:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

A CBS tem o maior e melhor catálogo de CD do Brasil.
Em cada CD CBS acompanha um catálogo.
Em cada loja em todo o Brasil você vai poder constatar isso.
Ouça o futuro agora. Está na hora.

gradiente

CBS

FINE YOUNG CANNIBALS

FYC

VOCÊ CONHECE?

POP

■ High Movers*

1. She Drives Me Crazy (I.R.S.) Fine Young Cannibals
2. Eternal Flame (Columbia) Bangles
3. The Look (EMI) Roxette
4. 24/7 (24th & B'Way/Island)
5. More Than

1	SHE DRIVES ME CRAZY (I.R.S. 23928)	Fine Young Cannibals	DEBUT		
2	I WANNA BE THE ONE (LMR 4009)	Sierra B	DEBUT		
3	THIS IS ACID (Nervous VE-7016)	Maurice	DEBUT		
4	TWIST AND SHOUT (Next Plateau NP50003)	Salt-N-Pepa	28	5	
5	NOTICE ME (Fever 829)	Sandra	21	7	
6	YO NO SE (23 West 0-96478)	Pajama Party	DEBUT		
7	LEFT TO MY OWN DEVICES (EMI V-58121)	Pet Shop Boys	DEBUT		
8	DON'T TURN YOUR BACK ON LOVE (Nervous VE-7011)	Kristin Bale	DEBUT		
9	GET ON THE DANCE FLOOR (Profile PRO-7239)	Rob Base & D.J.E-Z Rock	20	7	

Claro que conhece. Fine Young Cannibals é top nas principais paradas européias, especialmente a inglesa e acaba de explodir nos Estados Unidos. Fine Young Cannibals volta ao Brasil com um disco fundamental: THE RAW & THE COOKED. Se você quer conhecer melhor o FYC, largue esta revista e voe até a loja mais próxima.

PolyGram

Em discos, fitas e compact disc